O LIVRO COMPLETO DAS BRUXAS

EDIÇÕES E PUBLICAÇÕES BRASIL EDITORA S/A
RUA ROCHA, 46 - CAIXA POSTAL 1806 - S. PAULO

ESCLARECIMENTO IMPORTANTE

Este é o Grande e Verdadeiro Livro das Bruxas, cujo conteúdo foi compilado de manuscritos quase completamente destruídos pela ação do tempo durante vários séculos. Os ensinamentos encontrados nesses manuscritos, que pertenceram às grandes e verdadeiras bruxas da mais remota antiguidade, foram, por sua vez, inspirados nos escritos ocultos e dispersos do grande São Cipriano, o maior de todos os bruxos de todos os tempos.

Conforme conta a história, São Cipriano, a despeito de ter sido o maior, feiticeiro de todos os tempos, regenerou-se, desfazendo grande parte dos' males que praticara, chegando, pelo arrependimento e pela neutralização dos males que infligiu aos outros a se tornar santo, destruindo, ele mesmo, parte de seus manuscritos.

PREFÁCIO

Terminada a primeira guerra mundial que enlutou o mundo, levado por necessidades relativas a negócios comerciais, parti para França em 1921.

Era simplesmente indescritível a situação de miséria em que se encontrava o país; os gêneros, mesmo os de primeira necessidade, tinham o preço elevadíssimo; a falta de empregos concorria para aumentar sobremodo a pobreza do povo; a devassidão havia assolado o país, como recurso para a satisfação das mais comezinhas necessidades humanas!

O que se passava na França, era praticamente idêntico nos demais países então assolados pela guerra.

Como é natural, tive oportunidade de travar conhecimento com inúmeras pessoas, já no setor dos negócios

comerciais, já no ambiente social.

Algumas pessoas com as quais fazemos um conhecimento ligeiro; outras que depois do primeiro contato nos arrastam para o setor dos negócios; outras cuja amizade dura alguns dias ou semanas, desaparecendo depois, sem deixar notícias; finalmente, um número muitíssimo reduzido, cria uma amizade que, realmente, merece este nome e que não definha, não morre, a despeito da distância e do tempo...

Naturalmente, estendi minha viagem a diversos países europeus, inclusive à Inglaterra.

Foi numa dessas viagens que tive a grande satisfação de travar conhecimento com Mr. Edward Armstrong que, então também se dirigia para a Inglaterra, seu país natal.

Contava nessa ocasião, mais de 60 anos de idade; sua fisionomia simpática, enquanto revelasse uma idade avançada, irradiava uma simpatia atraente; seu modo de falar, seus gestos, tudo nele convidava ao conhecimento e à amizade.

Desde as primeiras vezes que tive oportunidade de vê-lo, senti simpatia por ele e, acessível como era, não nos foi difícil iniciar conversação, que depois, se transformou numa amizade tão cordial, que nos dava a impressão de que nos conhecíamos havia muitos anos, ou talvez tivéssemos sido amigos de infância.

A curiosidade domina em todos os setores da atividade humana e, graças a ela, muitas vezes temos oportunidade de alterar, por assim dizer, o curso da nossa vida, embora mantido há longos anos e a despeito de crermos., firmemente de que jamais o mudaremos..

Certo dia, vencendo sua habitual discrição, Mr. Armstrong perguntou-me a que me dedicava: Não hesitei em responder que ao comércio de importação.

Mr. Armstrong não respondeu; ao contrário, pediu desculpas por ter sido indiscreto.

Conquanto a pergunta do meu novo amigo não me tivesse surpreendido, pois já estava habituado a essas indagações, não sei por que, senti algo estranho. Também, eu estava animado do grande desejo de conhecer as atividades daquele que tanto me havia atraído e, quebrando a produzida por uma discrição talvez exagerada, perguntei tão delicadamente quanto me foi possível:

O senhor também é comerciante?

— Não, meu filho! Limitou-se a responder.

Notei que sua resposta fora bastante seca, conquanto delicada, e como ele não adiantasse nada, mais, tive a, impressão de tê-lo ofendido; hesitei se deveria pedir desculpas ou se ficar quieto, esperando que Mr. Armstrong rompesse aquele silêncio que já estava, deixando-me intrigado.

Olhei de soslaio, procurando descobrir na sua fisionomia imperturbável, algum sinal de emoção, de mágoa, de ofensa, mas sua fisionomia era dessas que não traem o pensamento!

Repentinamente, como ele não falasse, tomei a iniciativa:

— Desculpe, sr. Armstrong, se o ofendi!

— Nem pense nisso! Meu silêncio não foi motivado propriamente pela sua pergunta; aliás, sua pergunta teve razão de ser porque eu mesma a, provoquei; mas divagava em torno dela!

— Como assim? Perguntei.

— Já fui comerciante há, cerca de 30 anos; uma viagem que fiz à Índia, à Pérsia e depois ao Egito, arrancaram-me do comércio; estou aposentado há muitos anos.

Pensei comigo: É um boa-vida!

Mr. Armstrong fitou-me com seriedade como se tivesse lido meu pensamento! Depois de alguns instantes, disse-me:

— Há diversas formas de aposentadoria; na aposentadoria mais comum que se verifica, na vida material, a pessoa retira-se das suas atividades comuns e, de acordo com as suas posses, não trabalha, não se dedica a nada, que seja digno ou resulte em benefício dos seus semelhantes. Há, porém, uma outra forma de aposentadoria: é aquela que nos livra dos afazeres mundanos, deixando-nos uma renda razoável para manter uma vida decente; mas a atividade continua em outros setores.

Como não continuasse, ousei perguntar:

— Que setores, a não ser o dos negócios? É claro, os negócios podem ser comerciais, do Estado, etc. Mas, fora desses, não creio que exista qualquer forma de atividade, pelo menos, que eu conheça.

Mr. Armstrong fez-me sentir minha grande inferioridade, quando se limitou a responder:

— Meu amigo! Mais tarde conversaremos sobre este assunto! Até a vista!

A atitude de Mr. Armstrong não podia ter sido mais incisiva. Retirei-me bastante aborrecido.

À noite, ele mandou-me convidar para jogar xadrez.

Enquanto jogávamos, conversávamos sobre assuntos banais. Conquanto não me tivesse esquecido da cena ocorrida pela manhã, julguei prudente não mencionar o assunto, mesmo porque, aquele homem, a despeito de toda a simpatia que irradiava, era indecifrável para mim.

Havíamos jogado algum tempo, quando, com surpresa minha, Armstrong disse de súbito:

— Então? Pensou muito no que lhe disse pela manhã?

Embora estivesse pensando no assunto, no momento, não sei por que, não atinei bem com suas palavras, e respondi:

— Qual assunto?

— O da aposentadoria!

— Ora, nem me lembrei disso, embora o assunto seja intrigante; em todo o caso, cada qual tem o seu ponto de vista!

Armstrong sorriu e disse:

— Não se trata de simples ponto de vista, porém, da realidade dos fatos.

— Mr. Armstrong, perdoe uma franqueza: não consigo compreende-1o, por mais que me esforce para isso!

Armstrong não respondeu de pronto; continuou cabisbaixo, parecendo entretido no jogo.

Ao terminarmos a partida de xadrez, disse:

— Explico-me!

Não pude conter a satisfação que aquelas palavras me causaram e respondi mais que depressa:

— Será um grande favor! Estou ansioso!

— Suponho que o senhor crê em Deus, é verdade?

— Sim... Creio em Deus, embora não pertença a nenhuma religião...

— Então, já tem meio caminho andado! Vou lhe contar o que me aconteceu para que o senhor possa compreender o que quis dizer, quando falei em outra forma de atividade.

Depois de pequena pausa, Armstrong começou:

— Tinha cerca de 25 anos quando tive de ir à Índia, Pérsia e Egito a negócios, como o senhor está fazendo agora.

Naturalmente, aproveitei uma viagem de negócios como viagem de recreio; observei tudo quanto me foi possível, fiz todas as amizades que pude.

Certo dia, conheci uma jovem que me atraiu e, como é natural, interessei-me e a segui.

Nada tendo conseguido com ela, fiquei profundamente abatido, já por ver frustrado meu desejo, já por despeito, pois todos nós temos uma dose respeitável de amor próprio.

Achava-me nesse estado de espírito, caminhando n. esmo pelas ruas de Bombaim, quando deparei com um ancião que, sorridente, pediu-me uma esmola...

Talvez inconscientemente, com o pensamento profundamente preocupado, meti a mão no bolso, tirei uma moeda e dei-a ao velhinho, sem dizer palavra.

O mendigo, em vez de agradecer, segurou-me pelo braço e disse:

— Estou vendo que o senhor está muito preocupado; por que não conversar um pouco? Talvez se livre de certos estados de alma que estão lhe fazendo mal!

Francamente, aquelas palavras produziram um efeito surpreendente, embora minha primeira tentativa fosse a de recusa.

Caminhei maquinalmente ao lado do velho e, quando chegávamos a um jardim público, sentamo-nos. Perguntei com ar de pouco caso ao mendigo:

— Sobre que assunto deseja o senhor conversar?

— Qualquer assunto, respondeu sorridente.

O velho olhou-me com ar irônico e depois disse:

— Aquela mulher que o deixou tão preocupado, merecerá por ventura essa atitude da sua parte?

— Mas, como sabe o senhor dessa mulher?

— Porque sei de muitas outras coisas.

— Se sabe, pode dizer!

— Se eu disser o senhor ficará magoado!

— Não fico! Pode dizer!

O velho começou a desfiar toda a história da minha vida mencionando fatos que ninguém conhecia.

Para encurtar a história meu amigo, acabei indo com ele para um convento dos Essênios, onde me foi permitido observar muita coisa que me deixou deslumbrado.

Diante do que vi, senti desejo de pertencer a esse convento custasse o preço que custasse. Mas, o ancião disse-me apenas:

— Oportunamente virá fazer-nos companhia!

Quando me foi permitido retirar-me, havia recebido do velho “mendigo” certas instruções que deveria pôr em prática tão escrupulosamente quanto possível.

Decorridos muitos anos, encontrei novamente o velho “mendigo”, não na situação aparente de mendigo, mas numa outra muito diferente e muitíssimo superior.

Eu, por minha vez, havia mudado meu modo de pensar e de agir. Semente aí, me foi permitido aposentar-me, para iniciar um novo tipo de atividades...

Olhei intrigado para meu interlocutor e, quando fiz menção de falar, limitou-se a dizer-me, sorrindo:

— Não sou um “boa vida”, como o senhor pensou! Logo se despediu. Não tornei a vê-lo, embora procurasse por todos os meios.

* * *

Terminada minha viagem de negócios, evidentemente voltei para o Brasil.

Nos primeiros meses que se seguiram aos acontecimentos que relatei acima, esteve muito fixa na minha memória a imagem daquele homem que tanto me impressionou; embora decorridos alguns anos, não pude esquecer-me dele completamente e, principalmente, do modo estranho com que se despediu e como me atirou em rosto, no último momento, aquele juízo injusto que eu formulara a seu respeito.

Afinal, como eu poderia saber que iria ler o meu pensamento? E... Que me fez ele para que eu o julgasse tão mal?

Quando menos esperava, recebi uma carta da Inglaterra.

No primeiro momento, não me foi possível atinar de quem fosse. Mas, ao abri-la, procurei logo a assinatura; minha satisfação foi enorme ao saber que a carta era do velho Armstrong; mas, logo, surgiu uma sombra de dúvida: seria outra censura? Uma admoestação? Pedido de desculpas pela sua atitude? Afinal, por que deveria ele se desculpar?

Felizmente, a carta continha as melhores notícias: estava bem, lembrava-se de mim, lamentou que na última vez em que estivemos juntos tivesse de se retirar de modo tão estranho; finalmente, dizia que estava escrevendo um livro estranho... “Veja só, meu amigo, um livro de bruxaria, parece incrível”...

Evidentemente, não pude deixar de responder a essa carta o que fiz imediatamente.

Não escondi minha estranheza, a incoerência entre o que dissera na última vez em que estivemos juntos e a sua carta, pois, o seu ponto de vista pessoal, segundo revelou

de viva voz, era completamente diferente de tudo quanto diga respeito à, bruxaria...

Sua resposta não se fez esperar e, finalizando, dizia: “Os ensinamentos de Cristo não constituem apenas os fundamentos da religião cristã; servem principalmente como norma de conduta na vida humana. Não foi sem um propósito definido que Ele disse: “A quem, pedir, dar-se-á”.

“Se alguém quiser praticar o Mal, não procure dissuadi-lo por meio de argumentos, pois, são muito raras as pessoas que se demovem dos seus intentos por meio de simples admoestações”.

“Tanto no Bem como no Mal, todo trabalho produz seus frutos, cedo ou tarde”.

“Também, vão te preocupes demasiado com a sorte dos outros; socorre os que te procuram, para pedir auxilio, mas, não te esqueças que não deves lançar tuas pérolas aos porcos porque eles te devorarão”.

“Se alguém quiser se dedicar ao Mal, e tem firmeza nesse desejo, não procures dissuadi-lo; dá-lhe os meios necessários, pois, assim, praticará o Mal à saciedade e, quando satisfeito, ou antes, disso, sofrerá as conseqüências e, somente o Sofrimento produzido pelos seus próprios atos, fá-lo-á voltar para o caminho do bem, com a determinação firme de jamais voltar ao Mal”.

“Só assim podem ser interpretadas as palavras que Cristo dissera ao Judeu Errante: “Não virás a mim, enquanto eu não vier a ti!”

“Mas, se alguém quiser praticar o Bem, dá-lhe os meios necessários, em quantidade parcimoniosa, e, observa seu procedimento e sua reação; aquilo que ele julga ser um Bem para si mesmo ou para seus semelhantes, poderá ser um Mal para si ou para seu próximo”.

Depois desta, trovamos muitas outras cartas, sem maior importância.

Eclodiu a segunda guerra mundial e nossa correspondência ficou interrompida.

Finalmente reiniciamos, por iniciativa dele, alguns anos depois do término da guerra.

Disse que havia publicado o livro de bruxaria que tivera grande êxito na, Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica e em mais alguns países.

Fiquei tentado pelo livro do meu grande amigo, pois posso qualificá-lo assim. Pedi um exemplar, mas a recusa não se fez esperar. Entretanto, em troca, mandava os originais que serviram para a publicação da primeira edição do seu livro, alterados pelas novas pesquisas; queria que eu, no Brasil, lançasse uma obra mais completa, já que era meu desejo publicar uma obra desse gênero, embora fosse simples tradução, faltando, assim, minha verdadeira autoria.

Comecei depois a receber diversos pacotes contendo os originais; uma carta de Armstrong explicava que procedia assim, para evitar que se perdesse a obra toda, em caso de extravio.

Quando demos o “balanço” nas suas remessas e meus recebimentos, verificamos que, realmente, boa parte havia-se perdido.

Prometeu, assim, mandar cópias das mesmas; porém, até o presente não as consegui; creio que sua morosidade tenha sido causada pela sua idade avançada ou seus afazeres ou ainda, possivelmente, pela atual situação do mundo.

Não me atrevo a interpelá-lo, pois prometeu mandar e sei que mandará, cedo ou tarde!

Não pude resistir ao impulso de publicar a parte dos originais que recebi; espero, porém, que no futuro, possa publicar o restante, em volume separado, pois, parece ter-se extraviado a maior parte, ou como complemento numa futura edição deste mesmo trabalho.

Eis, caro leitor, a história deste livro apresentada sob a forma de prefácio.

O Tradutor

PREFÁCIO DESTA 2.ª EDIÇÃO

No prefácio à primeira edição deste livro, historiei o meu encontro e conhecimento com Mr. Armstrong.

No final do aludido prefácio, mencionei que parte dos originais havia-se perdido e esperava cópias dos mesmos, conforme ele prometera.

Diante da delonga do recebimento das cópias referidas, publiquei incompleta, a primeira edição deste trabalho, mas, tão logo saíra do prelo, recebi os documentos que deveriam formar a obra completa.

Esgotada a primeira edição, apresento a segunda, com toda a matéria enviada por Mr. Armstrong; agora, creio, temos o livro completo.

Julgo oportuno formular os meus agradecimentos aos inúmeros leitores, embora anônimos, que se dignaram dar apoio à primeira edição, embora a matéria tivesse sido apresentada parcialmente; espero que esta segunda edição seja mais do agrado dos mesmos, pois, ela consigna matéria nova.

Apenas, esta parte complementar tem nos originais que recebemos sete receitas em vez de treze, como nas partes anteriores deste livro, o que nos foi explicado por Mr. Armstrong dizendo-nos que em virtude da nova orientação dos magos daquela época, as receitas somente produziam

efeito se fossem em sete partes devido aos profundos estudos astrológicos naqueles remotos tempos.

O Tradutor

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

DEUS E O DIABO - HISTÓRIA DA BRUXARIA

Dois grandes poderes enchem o Universo: Deus e o Diabo.

Conquanto realmente exista um Deus, cuja existência só pode ser admitida pela Fé, existe também, seu reverso: o Diabo.

Diz um velho provérbio: “toda definição é perigosa”. Aumenta grandemente o perigo da definição, quando ela pretende explicar aquilo que está fora do alcance material, aquilo que é abstrato aquilo que somente pode ser compreendido pela Inteligência.

O simples fato de não se poder ver um ser porque seja abstrato, absolutamente não exclui sua existência; muitas coisas de ordem essencialmente material ainda não puderam ser definidas, como a eletricidade, por exemplo; outras coisas de natureza abstrata são definidas de modo vago, impreciso; por exemplo: quem poderia dar uma definição exata, perfeita, da Felicidade? Do Amor?

Assim, também, não é possível definir-se Deus e, muito menos o Diabo.

Entretanto, muitas coisas ou Seres que não podem ser definidos com clareza, pela deficiência da Inteligência ou da linguagem humana, têm sua existência perfeitamente comprovada pelos seus efeitos, muitas vezes inegáveis. Conquanto ainda não tenha sido definida a eletricidade, ninguém pode negar sua existência, pois seus efeitos são evidentes sob as formas de luz, calor, força, e muitas outras aplicações que resultam em utilidades.. Assim, o Amor, a Felicidade e tantos outros substantivos abstratos que não podem ser definidos com exatidão, não são negados, porém, admitidos pelos seus efeitos.

Isto posto, devemos esclarecer que não pretendemos estabelecer um paralelo entre Deus e o Diabo, pois, na realidade, tal paralelo não existe. Desejamos, apenas, mostrar as diferenças que se notam nos seus efeitos.

Deus é a luz, o Diabo é a treva. Deus é o bem, o Diabo é o mal. Deus é o amor, o Diabo é o ódio. Deus é a bondade, o Diabo é a maldade. Deus é a felicidade, o Diabo é a infelicidade, o desespero. Deus é a paz, o Diabo é a luta, a guerra. Deus é a abundância, o Diabo é a miséria, a fome.

Estas afirmações inicialmente poderão parecer absurdas porque muitas pessoas que sempre se dedicam à prática do Bem e dos preceitos religiosos, sofrem muitas coisas que mencionamos como atributos do Diabo.

Entretanto, podemos explicar as razões disto, à luz dos ensinamentos ocultistas e religiosos.

Toda a humanidade, como o Universo é regido por Leis da Natureza, absolutamente inexoráveis. Cada Lei diz respeito à determinada série de fatos. Uma das Leis mais em evidência é a de Cauda e Efeito Espirituais.

Segundo essa Lei, todo Efeito tem sua Causa, e nenhuma Causa deixa de produzir seus efeitos; cedo ou tarde esses efeitos se manifestarão. Isto é admitido e ensinado por quase todas as Escolas Espiritualistas.

Assim, todo Mal coloca seu praticante na iminência ou na certeza de receber outro Mal da mesma natureza, de acordo com seu grau de intensidade.

Outrossim, todo Bem coloca seu praticante em condições de receber outro Bem da mesma espécie. A Natureza, sendo infinitamente sábia, não cometeria a grosseria de devolver ao praticante do Bem ou do Mal, fatos absolutamente idênticos, com as mesmas pessoas, nas mesmas condições, mesmo porque, é da própria Natureza que a identidade absoluta não existe em nenhuma das esferas do Universo.

Os ensinamentos ocultistas que pregam a Lei de Causa e Efeito Espirituais são confirmados pelas diversas Igrejas Cristãs, pois, todas elas pregam as bem-aventuranças do Céu para os bons, para aqueles que evitaram pecar (errar) ou que se arrependeram dos seus pecados (erros) e voltaram-se para o caminho do Bem. Ensinaram, outrossim, que existem as penas do Inferno para aqueles que conscientemente e deliberadamente praticaram o Mal, causando sofrimentos aos seus semelhantes; para aqueles que tendo conhecimento do Mal que praticaram, não quiseram se arrepender e voltar para o caminho do Bem; para aqueles que renunciaram deliberadamente a Deus, para se entregar ao Diabo.

Tudo na Natureza é duplo a começar pelo próprio Criador; em contraposição a Ele, existe o Diabo, que nada mais é senão um anjo decaído, porque desrespeitou seu Criador; e, existem mesmo na Terra, milhões de diabos em miniatura; são assim considerados ante os elevados ensinamentos ocultistas todos aqueles que deliberadamente, tendo consciência do Mal, permanecem no erro, causando sofrimentos aos seus semelhantes; os diabos que residem no inferno, conforme mostraremos adiante são homens, iguais a nós, os quais durante sua vida terrena adquiriram em alto grau o poder de fazer o Mal; os Santos

são também Homens ou Mulheres que durante sua vida terrena se dedicaram à prática do Bem e, quando se desencarnaram, aumentou grandemente seu poder de fazer o Bem.

Se considerarmos a vida humana sob outros aspectos, embora de natureza puramente material, veremos que tudo é duplo.

Do exposto, devemos concluir que no Universo existem duas Grandes forças: o Bem, dirigido por Deus que habita na Grande Luz, com os Anjos, e os Santos; o Mal, dirigido pelo Diabo, que habita nas trevas com seus auxiliares.

Depois da Morte, os que se dedicaram ao Mal sob qualquer forma, irão residir nas trevas com o Diabo, que é o seu senhor; aqueles que se dedicaram ao Bem, serão chamados por Deus, para residirem eternamente na Grande Luz: os praticantes do Mal talvez voltem à Terra para reparar seus erros, não por ordem do Diabo, porém por determinação divina.

O Bem e o Mal são grandemente multiplicados depois da Morte, quando a Alma abandona a Matéria.

História da Bruxaria — Desde a mais remota antiguidade, procurou o Homem descobrir os segredos da Natureza. Sempre atribuiu às entidades invisíveis as condições da vida individual e coletiva.

Buscando os mistérios da Natureza conseguiu vislumbrar algo que foi confirmado pela realidade prática da vida na Terra.

Os mistérios que pôde sondar pertenceram às duas espécies que vimos mencionando: o Bem e o Mal.

Aqueles que procuraram descobrir os segredos da Natureza para melhorar suas condições de vida e depois os aplicaram aos seus semelhantes para que partilhassem do Bem que conseguiram através dos conhecimentos que

adquiriram, fizeram-se Magos Brancos. Em épocas diferentes da vida da humanidade surgiram homens e mulheres que se dedicaram ao Bem, ensinando à coletividade os meios ocultos de obterem o que desejassem com a condição essencial de não prejudicarem seus semelhantes. Esses conhecimentos reunidos em épocas diferentes constituem hoje, o grande manancial de conhecimentos das Escolas de Ocultismo que, embora espalhadas em todo o mundo, existem veladamente, para onde serão chamados aqueles que realmente merecerem pertencer a esses pequenos núcleos de Homens e Mulheres selecionados rigorosamente, de acordo com sua grande elevação espiritual, adquirida, segundo os ensinamentos ocultistas, na prática do Bem, durante muitas existências, e na expiação dos seus pecados pelo Sofrimento resignado e, sobretudo, pela fiel obediência a Deus e a completa renúncia ao Diabo, representado pelo Mal que medra sobre a Terra.

Outros Homens e Mulheres, dotados de muito Egoísmo desejando que toda a Vida, todas as Felicidades e tudo o que existe de Bom sobre a Terra pertencesse exclusivamente a eles, não hesitaram em se utilizar das Grandes Forças que a Natureza pôs à disposição dos seres humanos e usaram esses segredos, para dominar seus semelhantes, em proveito dos seus interesses exclusivamente egoístas, causando a dor, o sofrimento, a miséria, a doença e tudo o que há de mau para seus irmãos que não conseguiram vislumbrar os segredos na Natureza, de modo a poderem se defender dos assaltos covardes e traiçoeiros daqueles. Assim, dedicando-se ao Mal, fizeram automàticamente pacto com o Diabo, passando a receber dele, as instruções suplementares, sabiamente negadas pela Natureza; ao mesmo tempo passaram a receber auxílio direto do Diabo, que prometeu servir seus sequazes enquanto estivessem na Terra, com a condição de lhe “venderem a alma”. Essa

“venda da alma”, nada mais é do que o rompimento completo com Deus, através de suas múltiplas manifestações. Sendo o Bem e o Amor os principais atributos divinos, o pactuante com o Diabo, comprometia-se desde logo a não amar a ninguém e a praticar exclusivamente o Mal, sob as suas diversas formas; ficava, assim, absolutamente incapacitado de praticar o Bem a quem quer que fosse mesmo aos seus parentes e bem-feitores; e, se estes estivessem em contato consigo, então deveriam também praticar o Mal, subordinando-se ao Diabo.

Essa prática realizada por um grande número de pessoas criou também, com o decorrer do tempo, um corpo de doutrina e um grande número de adeptos, que formaram o que os ensinamentos ocultistas convencionaram chamar de Magia Negra.

A Magia Negra, também chamada Feitiçaria ou Bruxaria não mantém nem manteve ao que sabemos escolas ou seitas organizadas, são pequenos núcleos que se reúnem esporadicamente, sendo o caso mais comum, agir cada um por si, pois a solidão completa, isto é, o desligamento dos demais crentes no Mal é a pedra angular dos ensinamentos da Magia Negra ; falta aos seus adeptos o laço do Amor que liga os seres humanos, seja pelos laços de parentesco, de amizade, de negócios, e sobretudo, pela crença.

O mago negro entra em contato com seus semelhantes quando precisa cuidar dos seus interesses egoístas; e somente atende aos outros quando procurado, se prevê a possibilidade de fazer o Mal a quem o procura ou à outra pessoa.

A História da Magia Branca existe, porém, não foi divulgada, ao que soubemos; os ensinamentos contidos nessa mesma História constituiriam um perigo para a' humanidade se os mesmos fossem empregados por profis-

sionais ou não que poderiam utilizar-se deles para profaná-los.

A História da Magia Negra foi divulgada em diversas épocas e lugares, em trechos isolados, narrando a vida e as práticas de certos feiticeiros que se celebrizaram pelo seu grande poder de fazer o Mal.

Alguns desses feiticeiros, depois de muito praticarem o Mal, ouviram a Voz da Consciência, arrependeram-se de seus Pecados e romperam com o Diabo. Dedicaram-se, então, à prática do Bem com tal intensidade que, em pouco tempo, conseguiram neutralizar todo o Mal que haviam praticado obtendo, desse modo, o Perdão. Divino, chegando, alguns deles, a se fazerem Santos.

Os modestos limites deste trabalho, não nos permitem mencionar todos os bruxos, e bruxas que se celebrizaram pela prática do Mal. Entretanto, damos, em resumo a essência do histórico da bruxaria; o mais seria simples menção de nomes e nacionalidades, que, afinal, não interessam propriamente à prática da bruxaria a que a leitora vai se dedicar.

Rebuscando as bibliotecas de Alexandria, Cairo e Paris, encontramos alguns manuscritos que reproduziam os ensinamentos de algumas das mais famosas e poderosas bruxas.

CAPÍTULO II
LIGAÇÕES DO HOMEM COM DEUS OU COM O DIABO

No capítulo anterior mostramos a diferença que existe entre Deus e o Diabo, através das suas manifestações.

Assim, devemos concluir que o Homem, durante sua permanência na Terra, liga-se a Deus ou ao Diabo; são

estes, realmente os casos extremos.

Entretanto, os casos mais comuns são os das ligações duplas isto é, simultaneamente com Deus e o Diabo.

Ensina a Igreja Cristã que ninguém pode servir simultaneamente a dois senhores. Assim, uma pessoa não pode servir simultaneamente a Deus e ao Diabo. Os ensinamentos ocultistas confirmam esta verdade.

Uma pessoa deve servir exclusivamente a Deus ou ao Diabo; constitui verdadeiro contra-senso servir aos dois, ao mesmo tempo.

Podemos apresentar uma simples prova desse contra-senso, prova essa de caráter concreto.

Vemos com freqüência pessoas que freqüentam a Igreja, cumprem todos os seus deveres religiosos, oram continuamente, mas suas preces quase sempre não são atendidas; outras se dedicam com afinco aos trabalhos de feitiçaria, prestando assim, culto ao Diabo, porém, seus trabalhos não dão o resultado que esperam.

A razão disto é que o religioso, conquanto cumpra seus deveres religiosos, intimamente, no fundo de sua alma, tem profundamente arraigada a Maldade, que é o primeiro passo para a comunhão com o Diabo; porém, ao mesmo tempo freqüenta a Igreja e cumpre os deveres religiosos. Em resumo, está prestando culto a dois senhores e, desse modo, não é atendido nem por um, nem por outro.

O indivíduo que presta culto diretamente ao Diabo tem, ao contrário o senso da Bondade, manifestação elementar do Amor, de modo que, não está perfeitamente convencido da prática do mal; presta como o religioso que mencionamos, culto a Deus e ao Diabo. Nem um dos dois atende aos seus pedidos.

Assim, é imprescindível, quer seja para a prática do Bem e a comunhão com Deus, ou para a prática do Mal e a

comunhão com o Diabo, que se inicie pelo íntimo, convencendo-se de que deve ser bom ou mau; somente assim, poderá prestar culto a um só Senhor — Deus ou o Diabo. Somente desse modo, terá êxito nas suas operações.

Sendo Deus a perfeição suprema, nem todos podem ligar-se diretamente a Ele, pois, o simples fato de uma pessoa estar na Terra, é indício certo de sua imperfeição. Entretanto, poderá aproximar-se Dele, por intermédio dos Santos. E essa aproximação consiste na simples observância dos ensinamentos desses Santos, seguindo o exemplo de sua vida na Terra, dentro dos limites do bom senso e, sobretudo cultivar Pensamentos e Desejos condizentes com essa atitude. Pouco ou nada adiantaria tornar um Santo ou Santa como exemplo para sua vida, praticando condizentes com esse exemplo, se no íntimo mantém a comunhão com o Diabo, isto é, alimentando Pensamentos e Desejos contrários a essa orientação.

Igualmente, a bruxa deve se dedicar inteiramente ao Diabo, esquecendo-se completamente da existência de Deus e dos Santos, praticando Atos e cultivando Pensamentos condizentes com a Maldade e com tudo que seja contrário aos elevados exemplos dos Santos e Santas.

Somente desse modo poderá uma pessoa servir a um só senhor, chegando a obter as Graças Divinas ou favores do Diabo.

Em regra geral tudo o que o Diabo prescreve é exatamente contrário ao prescrito por Deus, segundo os ensinamentos das escolas ocultistas e dos Santos.

Portanto, a bruxa deverá começar procedendo, pensando e sentindo de modo completamente diverso.

CAPÍTULO III

HABITANTES DO C U E DO INFERNO

Todo o Universo físico ou invisível é provado por diferentes espécies de seres que evoluíram ou involuíram.

No Céu habitam os anjos, santos, santas, etc., próximos de Deus.

Esses habitantes celestiais estão distribuídos por Ordens, sobre as quais não nos deteremos neste trabalho porque, conforme seu próprio nome está indicando, é destinado à bruxaria.

Deus domina não somente o Céu, como todo o Universo.

A região das trevas ou o Inferno, é habitada por seres que involuíram, degradaram-se pela Maldade, que é a primeira qualidade exigida pelo Diabo àqueles que quiseram pactuar com ele.

Os habitantes do Inferno estão divididos em 6.666 legiões, contendo cada uma 6.666 elementos, o que dá um total de 44.435.556.

Cada Diabo vive aproximadamente 680.400 anos.

Além dos habitantes comuns do Inferno que constituem as legiões e que poderíamos denominar de “Zé povo”, há o imperador e os príncipes. Assim, Lúcifer é o imperador do Inferno.

O imperador tem seus príncipes, aos quais estão atribuídas missões diversas, a saber:

Satan — o ódio, a fatalidade, o desespero;

Astarti, Lilit, Nehemá — devassidão, aborto;

Adramelech — os assassínios;

Belial — a anarquia;

Alastor — executor das sentenças do monarca infernal;

Astarot — tesoureiro;

Asmodée — superintendente das casas de jogo;

Lonard — inspetor geral da feitiçaria.

A bruxa deve, naturalmente, ligar-se a um dos príncipes do Inferno, para obter certos poderes que lhe permitirão obter o que deseja.

Para isso, primeiro terá que fazer o pacto com Lúcifer, imperador do Inferno o qual determinará que um dos príncipes do seu domínio venha atendê-la.

Se, porém, não conseguir entrar em contato com Lúcifer, invocará então um dos príncipes, isto é, o que domina as coisas que ela deseja.

Em outro capítulo, daremos o modo de fazer o pacto com o Diabo.

O pacto com Lúcifer dará domínio sobre todas as coisas da Terra.

CAPÍTULO IV
DEVERES DA BRUXA

Os deveres da bruxa constituem como que mandamentos lançados por Lúcifer e que devem ser obedecidos por todo aquele ou aquela que quiser fazer o pacto com ele e desenvolver os poderes de bruxaria, isto é, ter o poder de fazer o Mal.

De uni modo geral; pode-se dizer que são exatamente contrários aos deveres dos religiosos.

Em resumo, são os seguintes os deveres da bruxa:

1.° — Renegar a Deus; como conseqüência deste preceito, não crer em Jesus Cristo, nos Santos, nas- Santas, nos Anjos e, em nenhum Ser da Corte Celestial; não trazer consigo imagens dos Santos ou Santas, nem a Cruz, nem o

Crucifixo; não fazer oração dirigida a Deus ou aos Santos; não freqüentar qualquer Igreja onde se mencione o nome de Deus, pertença essa Igreja a qualquer credo ou seita.

2.° — Blasfemar continuamente. Cada tropeção, cada encontro, a todo momento, blasfemar; proferir nomes obsceno.

3.° — Adorar ao diabo. Lembrar-se do diabo diariamente, a todo o momento, principalmente na hora de se levantar e de dormir. Invocá-lo a cada momento, pelo seu nome; Lúcifer, Satanás, etc.

4.° — Esforçar-se por não ter filhos, mas se os tiver, consagrá-los ao diabo desde o seu nascimento.

5.° — Jurar em nome do diabo, nunca em nome de Deus ou dos Santos.

6.° — Alimentar-se de carnes, de preferência a outros alimentos.

7.° — Imaginar que pratica o ato sexual com o diabo, todas as noites.

8.° — Trazer consigo a imagem do diabo pendurada no peito, gravada na chapa de um anel preto, que usará no mínimo esquerdo.

9.° — Lavar o rosto e pentear-se de 4 em 4 dias; esse ato de higiene deverá ser praticado às 11 horas da manhã.

10.° — Tomar banho cada 42.° dia depois do começo dessa prática.

11.° — Mudar a roupa somente cada 57.° dia depois do começo dessa prática; essa prescrição diz respeito também à roupa de cama.

12.° — Se for homem que se dedique a essa prática, deverá barbear-se invariavelmente, cada 91.° dia, quando cortará os cabelos.

13.° — Não cortar nem polir as unhas das mãos nem dos pés.

Se uma pessoa pretender ser verdadeiramente bruxa, deve respeitar e obedecer estes mandamentos de Lúcifer, imperador do Inferno, durante longo tempo, antes de poder fazer o pacto com ele.

CAPÍTULO V

DESENVOLVIMENTO DOS PODERES DA BRUXA - PACTO COM O DIABO

Seguindo rigorosamente os mandamentos dados no capítulo IV, a pessoa ficará mais ou menos preparada para desenvolver os poderes de bruxaria.

Somente pode considerar-se nesse estado depois de haver praticado rigorosamente, durante 666 dias, devendo começar esse novo regime de vida numa quarta feira da lua minguante.

A chave principal do poder da bruxa é NÃO AMAR A NINGUÉM, nem mesmo aos seus filhos, irmãos, parentes, pais, nem à pessoa nenhuma, nem a nenhum animal. Não gostar de nada, ter ódio a tudo e a todos.

Um vago sentimento de Amor por alguém ou qualquer coisa destruirá o poder da bruxa; se ela estiver ainda no começo desta prática, deverá começar tudo novamente, isto é, a contagem dos 666 dias, começando também numa quarta feira da lua minguante.

Deve ter cuidado com a alimentação; deverá comer quatro dentes de alho, sem tempero nenhum em cada refeição; tomar refeição cada quatro horas.

Decorridos os 666 dias, estará preparada para fazer o pacto com o diabo.

Para isto, prepara o seguinte material:

a) — um pedaço de pergaminho virgem, medindo 20 cm de largura, por 22 de comprimento;

b) — uma pena de aço, completamente nova;

c) — um punção para ferir o dedo;

d) — um ovo de galinha preta.

Às 11:30 de uma noite tempestuosa de quarta-feira, na lua minguante, começa os preparativos.

Dispondo de uma mesa quadrada, que tenha 66 centímetros de altura, e que ainda não tenha sido usada, coberta com tricoline preto até o chão, tendo uma vela acesa em cada canto da mesa, servindo como castiçal, um pires, prato ou qualquer suporte preto; as paredes devem estar cobertas de preto de alto a baixo, de modo a não entrar qualquer luz, que não seja as das velas acesas nos cantos da mesa.

Com o pensamento firme em Lúcifer, fere com o punção o mínimo esquerdo, aparando o sangue num suporte preto, depois que tiver recolhido suficiente quantidade de sangue, pensando sempre em Lúcifer, escreve com a pena, sobre o pergaminho, o seguinte:

"Grande Lúcifer. Imperador do Inferno! Eu, (escreve-se o nome de quem faz o pacto) faço-vos entrega da minha alma, para que, em troca ponha à minha disposição um diabinho que me auxilie a conseguir tudo o que desejar na terra, o qual deverá obedecer-me cegamente. Se eu for desobedecida, este pacto deixará de existir, ficando minha alma livre do compromisso que ora assumo."

Feito isto, assine o pergaminho.

Conserve o pergaminho sobre a mesa, na parte mais central, deixando as velas acesas.

A partir dessa noite, o praticante deve dormir todas as noites nesse quarto, completamente só, e sem que ninguém o saiba, mantendo a mesa coberta de preto e os panos pretos nas paredes.

Na quarta-feira seguinte, se também estiver tempestuosa, fira novamente o dedo mínimo esquerdo, com o punção, tire quatro gotas de sangue; faça um furo no ovo, com um alfinete, introduza as quatro gotas de sangue no interior do ovo; feche o buraco com cera; embrulhe o ovo num pedaço de algodão.

Feita esta preparação, se vista de preto, sem nem uma peça de roupa de outra cor, mesmo os trajes menores; calce sapatos e meias pretas. Leve um capuz preto, embrulhado.

Feito isto, tome o pergaminho e o ovo e dirija-se para uma encruzilhada, em lugar deserto, onde deverá chegar pouco antes da meia-noite.

Exatamente à meia-noite, coloque o ovo sare o centro da encruzilhada, ajoelhe-se, coloque o capuz e faça a seguinte invocação:

"*Lúcifer Imperador do Inferno Eu te invoco para que compareças diante de mim a fim de receberes o pergaminho que sela nosso pacto*".

Repetida várias vezes essa invocação, Lúcifer aparecerá ou mandará um de seus príncipes.

É preciso que o praticante tenha muita coragem, pois, se correr ou desmaiar, ou perder a voz, estará completamente desgraçado para sempre, sem ter quem o salve.

Se Lúcifer não aparecer nem também um de seus príncipes, é que o praticante ainda não está em condições de concluir o pacto ou seus olhos não puderam vê-lo.

Neste caso, poderá considerar o pacto como consumado, mas deixará o pergaminho e o ovo no centro da encruzilhada; o pergaminho deverá ficar envolto num pano preto.

Advertimos que o mesmo deverá ser assinado com o nome verdadeiro do praticante.

A partir desse momento, estará completamente sob o domínio do diabo, mas terá a compensação de ser servido por ele, enquanto viver na terra.

O diabo tomará imediatamente a alma da bruxa (ou ao bruxo) se, em qualquer ocasião de sua vida na terra, transgredir algum dos mandamentos de Lúcifer.

Agora terá o poder de praticar as receitas que daremos na 2.ª, 3.ª e 4.ª partes deste livro. Somente assim, estará em condições de exercer a verdadeira bruxaria como as bruxas Évora, Esmeralda, e tantas outras que dominaram em tantos países e em épocas diferentes.

CAPÍTULO VI
SINAIS DE ENFEITIÇAMENTO

Muitas vezes, uma pessoa sente-se doente ou verifica que seus negócios correm mal; não consegue realizar o que deseja, por mais simples e corriqueiro; encontra dificuldade para conseguir qualquer coisa.

Estes fenômenos podem ter uma causa comum, como um simples distúrbio da saúde, que qualquer remédio físico poderá curar; quanto aos negócios, dificuldades, etc., poderá ter ocorrido um simples adormecimento da Vontade que não poderá realizar o que deseja, ou ter surgido desarmonia entre as diversas Forças Mentais do indivíduo, de modo que, no plano físico, tudo produz resultados contrários aos desejados, ou ao menos, não se realizam.

Também, a causa determinante desses fatos desagradáveis poderá ser uma simples vibração mental contrária, partida de outra pessoa, que atinge a vítima, porém neste caso o resultado será passageiro. A pessoa que alimenta sentimentos de inveja, despeito, ódio, “má vontade”, pode realmente atingir seu semelhante, praticando assim, talvez inconscientemente, a magia negra. Por isso, estará se preparando para ingressar no terreno da bruxaria, com mais ou menos firmeza, dependendo da duração e intensidade desses estados mentais.

Entretanto, poderá também ocorrer que se trate realmente de bruxaria, cujos sinais certos serão os seguintes:

1.° — vomitar agulhas, pregos, cacos de vidro;

2.° — dores contínuas na região do coração;

3.° — incapacidade para reter os alimentos;

4.° — sensação de bolas que sobem e descem na garganta;

5.° — enfermidade que faz definhar sem causa aparente;

6.° — os remédios produzem efeito contrário ao esperado.

Quando se manifestam esses sintomas, é sinal certo de que a pessoa está mesmo enfeitiçada.

Qualquer perturbação da saúde, principalmente do sistema nervoso e, conseqüentemente do cérebro, se os remédios indicados não dão o resultado esperado, geralmente são causados pela bruxaria; nesses casos, o mais comum é a pessoa ter ingerido qualquer alimento dado por outra pessoa, que tenha preparado o trabalho de bruxaria por meio de ingredientes perniciosos à saúde e que tem como finalidade principal abalar o sistema nervoso e o cérebro, de modo que a vítima terá dificuldade em pensar e, portanto, não saberá nem querer.

No próximo capítulo daremos os meios de proceder à profilaxia, isto é, o modo de desfazer o feitiço.

CAPÍTULO VII

PROFILAXIA DO ENFEITIÇAMENTO - DESTRUIÇÃO DO PODER DA BRUXA

Realmente, os trabalhos de bruxaria destinados a prejudicar a vida das pessoas, costuma amedrontar aos que pensam neles, geralmente, porque ignoram os meios de se defenderem e, sobretudo, porque nem sempre sabe ao certo quando e por quem foram feitos esses trabalhos.

Há, de fato, muitos sistemas de bruxaria destinados a afetar a vida e a saúde das pessoas.

Entretanto, são recomendados vários processos como profilaxia desses trabalhos.

A bruxa pode atuar sare as suas vítimas pelos meios físicos ou pelos meios astrais.

Pelos meios físicos, fazem a vitima ingerir qualquer alimento contendo os ingredientes capazes de lhe alterarem a saúde, principalmente ó sistema nervoso; pois a debilitação do sistema nervoso concorre para a perturbação do cérebro e, daí, a incapacidade de pensar e querer; a pessoa, desprovida desses dois grandes poderes mentais, passará a ser simples autômato nas mãos da bruxa, recebendo facilmente as vibrações da sua vontade e, desse modo, passando a fazer o que ela quer.

Quando se trate de ação pelos meios astrais, a bruxa lança mão de certos recursos que serão expostos na 2.ª e 3.ª partes deste livro, prendendo e dominando o corpo as-

tral da vítima e, desse modo, agindo sobre ela com certa liberdade; entretanto se a pessoa tiver o sistema nervoso suficientemente forte, os trabalhos da bruxa produzirão pouco ou nenhum resultado.

Daremos agora os meios profiláticos, isto é, como defender-se dos trabalhos de bruxaria.

Observar rigorosamente o seguinte:

1.° — não fumar;

2.° — não tomar bebidas alcoólicas;

3.° — dormir oito horas por dia, aproveitando sempre a primeira parte da noite, isto é, deitar-se às 10 horas o mais tardar. Se deitar às 10 horas, poderá levantar-se às 5 e meia;

4.° — ao deitar-se, ter o estômago completamente vazio;

5.° — fazer o seguinte exercício respiratório:

a) esvaziar completamente os pulmões;

b) inspirar contando mentalmente até 10, e sem parar, expirar, contando mentalmente até 10; essas inspirações e exalações devem ser lentas;

6.° — às 6 horas da manhã, ao meio-dia e às 6 horas da tarde, rezar três vezes o Padre Nosso, pedindo a Deus para destruir os trabalhos de bruxaria que lhe tenham sido feitos;

7.° — durante esse tratamento, jantar muito pouco, preferindo sempre alimentos leves e sem condimentos;

8.° — tomar algum remédio como tônico do sistema nervoso;

9.° — manter sempre limpo o aparelho digestivo;

10.° — descansar os órgãos sexuais pela castidade moderada;

11.° — tornar três dedos de água, num copo, de 2 em 2 horas;

12.° — tomar um diurético brando;

13.° — trazer sempre consigo uma cruz de Caravaca. [1]

De um modo geral, esse tratamento produz efeitos surpreendentes dentro de poucos dias; a cura completa só se manifesta dentro de dois a três meses, embora a pessoa note melhora sensível desde os primeiros dias de tratamento, isto é, cerca de uma semana depois de havê-lo começado.

Conforme salientamos, as bruxas e os bruxos trabalham por diversos processos.

Antes, porém, de acusar alguém de praticar bruxaria, deve-se ter ABSOLUTA CERTEZA, pois, se alguém aplicar a uma pessoa o tratamento para a destruição do poder da bruxaria, sendo ela inocente, quem aplicar o tratamento sofrerá terríveis conseqüências. Por isso, se quiser aplicar esse tratamento, faça-o somente depois que tiver absoluta certeza de que a pessoa acusada é realmente bruxa.

Então, proceda da seguinte forma: atraia a pessoa acusada de bruxaria para uma encruzilhada, onde possa estar com ela, a sós, à meia-noite, numa noite qualquer da lua minguante; munido de pedaço mais ou menos grande de fumo em corda, dá-lhe uma surra com esse pedaço de fumo; depois, dá-lhe um banho com urina de égua preta e sal; esse banho deve ser aplicado diretamente sobre a pele, atingindo todo o corpo; depois, embeber as vestes numa mistura de urina de cadela preta, que tenha três anos de idade e sal, fazendo a bruxa (ou o bruxo) vesti-las.

Se a bruxa ou o bruxo trabalha por meio do Espiritismo, que nesse caso será o falso espiritismo, então deverá proceder do seguinte modo:

A pessoa que quiser castigar esse falso espírita obterá um pouco de seu próprio sangue (da pessoa que vai castigar o falso espírita), coloque num vidro, tape muito bem, è oculte-o num bolso.

Assim preparado, deverá comparecer à sessão onde o falso espírita estiver atuando na qualidade de médium.

Ao ser tomado pelo espírito, então deverá colocar o vidro sobre a mesa, diante do médium e destampá-lo, mas... Nessa hora saia depressa para não assistir aos funestos acontecimentos que se seguirão.

Decorridos oito dias dessa prática, aplique então o tratamento da surra do fumo em corda com os respectivos banhos de urina de égua e de cadela. Só assim, destruirá completamente e para sempre seu poder de bruxaria.

CAPÍTULO VIII

OS AMULETOS E SUAS VIRTUDES

A PEDRA DE CEVAR

É conhecido de todo o mundo o valor incalculável da PEDRA DE CEVAR e as maravilhosas virtudes que a mesma possui. Para trazer felicidade, para curar certas doenças, para evitar perigos, para dar sorte ou para vencer nossos inimigos, possuir um CASAL DE PEDRA DE CEVAR, constitui uma muralha intransponível, de tal maneira, que podemos dizer ser impossível causar qualquer dano ao feliz possuidor desses valiosos talismãs.

Entretanto, devem os crentes se precaver ao adquirirem a PEDRA DE CEVAR, verificando a origem da mesma, pois é sabido e demonstrado também, que para esse amuleto possuir essas virtudes e dar a força para vencer nossos inimigos, a origem AFRICANA desse talismã é a maior

GARANTIA para ter a certeza de que estamos amparados contra tudo e contra todos aqueles que, mesmo procurando os meios mais usados para causar o mal a outrem, seu poder esbarra de maneira absoluta perante essa benfeitora PEDRA DE CEVAR.

Repetimos que para ela produzir todos os efeitos milagrosos, deve ser legítima, verdadeira e garantida de origem AFRICANA.

Nossos leitores poderão verificar como já na antiguidade as bruxas, os feiticeiros e os macumbeiros procuravam recomendar àqueles que os procuravam para conseguirem a felicidade, a cura das doenças, evitar o mau olhado e até produzir o corpo fechado, recomendavam, repetimos, que arranjassem, fosse como fosse, a PEDRA DE CEVAR, porém, sempre um CASAL delas.

Esses mesmos, quando alguém os consultava procurando os meios de prejudicar alguém, a primeira coisa que o feiticeiro ou a bruxa indagava era saber se a pessoa a quem devia ser feito o malefício possuía ou não o milagroso e invencível CASAL DA PEDRA DE CEVAR, pois, se a pessoa visada possuísse esse talismã, o feiticeiro sabia de antemão que nada poderia fazer para conseguir o pedido da pessoa que o procurara, chegando, até alguns deles, a recomendar que para obterem sucesso, se soubesse que a pessoa a quem queriam produzir o mal, deviam roubar esse valioso talismã.

Os manuscritos antigos recomendam aos possuidores do CASAL DE PEDRA DE CEVAR conservá-lo em caixa de madeira ou papelão, fechada e guardada em lugar escuro e fora da curiosidade, não somente dos parentes, como muito especialmente, dos estranhos.

As propriedades da PEDRA DE CEVAR são conservadas eternamente quando guardadas em invólucros como os acima mencionados, perdendo-as paulatinamente quando

guardadas dentro de uma caixa de ferro, aço, folha de flandres ou qualquer outro metal, devendo, ainda, ter o máximo cuidado de não colocar a caixa que contenha esse talismã perto de objetos de ferro ou aço, mesmo pequenos, uma vez que a proximidade dos mesmos tirará paulatinamente as virtudes da PEDRA DE CEVAR. Os mais valiosos manuscritos, referindo-se a essa precaução, recomendam, pelo menos, vinte centímetros de distância em redor do invólucro.

Ficam, pois, aí as recomendações necessárias para que todos, mesmo com sacrifícios, procurem possuir a legítima PEDRA DE CEVAR (em CASAL), AFRICANA, porque assim, como já dissemos acima, terão garantida a felicidade e a saúde em proporção maior do que aqueles que não possuem esse amuleto.

CAVALO MARINHO

Eis aí outro talismã que ajuda a conseguir tudo o que desejamos desde que sejam obedecidas as instruções que mais adiante vão indicadas pelas bruxas que o recomendam.

O CAVALO MARINHO, bem como as ESTRELAS DO MAR e as FIGAS DE GUINÉ E DE ARRUDA, devem vir da ÁFRICA, pois todos eles, inclusive a PEDRA DE CEVAR, somente quando de origem AFRICANA é que possuem as virtudes e a força necessárias para conseguirmos aquilo que nos casos em que é recomendado o seu uso pelas respectivas bruxas, queremos obter.

Se bem que esses objetos tenham propriedades especiais, mesmo quando não tenham origem africana, essas virtudes multiplicam-se e produzem todos os resultados necessários, quando provenientes do Continente Africano;

Devido a certos preparos feitos pelos sacerdotes e curandeiros de secretas tribos da África, em regiões quase

que inacessíveis, produzem nesses talismãs as transformações que os mesmos devem possuir, tornando-os assim verdadeiras jóias para aqueles que os possuem.

Uma recomendação que não queremos deixar de fazer e que tem grande importância, é a de NÃO DAR A QUEM QUER QUE SEJA QUALQUER UM DESSES TALISMÃS, INCLUSIVE A PEDRA DE CEVAR, mesmo aos parentes, quando formos possuidores dos mesmos, porque com eles desaparecerão a felicidade e todos os benefícios que podiam nos produzir, entretanto, podemos muito bem, sem desfazer-nos dos que possuímos adquirir qualquer um desses talismãs e oferecê-los mesmo como PRESENTE, a quem estimamos ou desejamos felicidade e venturas.

ESTRELAS DO MAR

Existem diversas espécies de estrelas do mar, mas, como já dissemos, em primeiro lugar, para produzirem os efeitos desejados, devem ser AFRICANAS, existindo duas qualidades que as destacam de todas as outras.

Queremos nos referir, exclusivamente, às Estrelas do Mar das bruxas MELUSINA e ONDINA.

Essas conhecidíssimas bruxas que existiram em tempos remotos, usaram ÚNICA E EXCLUSIVAMENTE em seus trabalhos, a Estrela do Mar conhecida pelo nome da respectiva bruxa e assim temos:

ESTRELA DO MAR DA BRUXA MELUSINA. ESTRELA DO MAR DA BRUXA ONDINA.

Essas duas devem ser adquiridas em casas de toda a confiança que possam garantir terem sido importadas da ÁFRICA, procurando não se deixar convencer de que aquela que nos querem vender seja legítima africana, podendo dirigir-se os interessados a nós que encaminharemos suas encomendas àqueles que vendem com toda a segurança ESTRELAS DO MAR, bem como o CAVALO MA-

RINHO, FIGAS DE GUINÉ ou de ARRUDA e as PEDRAS DE CEVAR EM CASAIS, todas garantidas da África.

Há diversas Estrelas do Mar que sem serem das bruxas acima mencionadas, produzem certos efeitos favoráveis, mas estes são tão insignificantes, que aconselhamos aos nossos leitores adquirir as legítimas, embora, como é natural, custem um pouco mais caro do que qualquer Estrela do Mar vulgar, quase sem virtudes, e obtida em qualquer região marítima que até mesmo pode ser encontrada em nossas praias.

A FIGA DE GUINÉ originária dessa região africana tem virtudes tão extraordinárias e tão patentes, que inúmeras são as criaturas que conseguiram com elas verdadeiros milagres, especialmente quando os possuidores têm em seu poder outros talismãs favoráveis, mencionados nas páginas logo a seguir relacionados.

Numerosos feiticeiros, macumbeiros e mesmo curandeiros das selvas africanas, usam hoje, e usaram desde séculos, a FIGA DE GUINÉ, mas nunca usaram esse amuleto sem ser acompanhado de qualquer outro talismã especialmente nos casos em que as bruxas recomendam seu uso em qualquer dos seus trabalhos. É, pois, recomendável, possuir sempre dois ou mais talismãs para sermos bem sucedidos, sendo quase absolutamente necessário possuir também um CASAL DE PEDRAS DE CEVAR.

Neste livro, os leitores encontrarão referências acerca do uso da FIGA DA GUINÉ recomendado para certos e determinados casos.

FIGA DE ARRUDA

Na Idade Média, e ainda hoje, todos conhecem as virtudes dessa planta, pois a mesma tem propriedades curativas recomendadas em diversos tratados de medicina vegetal e, por esse motivo, não podia deixar de possuir

também propriedades extraordinárias a FIGA DE ARRUDA pela sua origem.

Em virtude de ser uma planta que facilmente vegeta, não somente no Brasil, como em quase todas as regiões, torna-se necessário acautelar-se antes de comprar a FIGA DE ARRUDA, pois, em conseqüência dessa mesma facilidade, são vendidas por toda a parte FIGAS DE ARRUDA como se fossem as legítimas da África.

Quando falamos das FIGAS DA GUINÉ, bem como de outros talismãs de origem africana, salientamos que as propriedades de todos eles eram especiais e únicas quando preparadas nas selvas africanas pelos sacerdotes e curandeiros das tribos e, é por esse motivo, que recomendamos a máxima cautela na aquisição da FIGA DE ARRUDA, para evitar que nossos leitores sejam surpreendidos em sua boa fé adquirindo esse objeto mistificado.

A FIGA DE ARRUDA deve ser usada conforme indicam em páginas adiante, em suas receitas, as bruxas que fazem uso da mesma e a recomendam nos trabalhos especialmente para obter dela aquilo que desejamos.

O LIVRO DAS BRUXAS, diferente e único de quantos existem no Brasil e mesmo em língua portuguesa, é o livro que poderíamos chamar de INSUBSTITUÍVEL porque sendo o original extraído de manuscritos nunca dantes publicados e traduzidos em vernáculo, contém receitas valiosas e de efeitos tão surpreendentes, que, estamos certos, todos os possuidores deste livro recomendá-lo-ão aos seus amigos, parentes e conhecidos pelos valiosos e benéficos resultados que obterão com as numerosas receitas das diferentes bruxas,

Terminamos aqui a primeira parte deste nosso livro. Entraremos agora, na segunda parte, na qual mostraremos os mais profundos segredos da bruxaria praticados em tempos idos pela famosa Bruxa Évora.

SEGUNDA PARTE
RECEITAS DA BRUXA ÉVORA

1. Evocação Diária a Lúcifer

Segundo recomenda a grande, poderosa e famosa bruxa Évora, a bruxa deve invocar Lúcifer, diàriamente, a fim de manter e aumentar seus poderes infernais.

Esses poderes manifestam-se logo nos primeiros dias, aumentando gradativamente, se a bruxa seguir ás prescrições já estabelecidas na primeira parte.

A invocação diária a Lúcifer é um rito essencial para toda bruxa.

Prepare um quarto, conforme já foi indicado na primeira parte deste livro, quando mostramos o meio de se preparar para realizar o pacto com o diabo.

Numa sexta-feira, dia 13 de agosto, que caia na lua minguante, coloque-se dentro desse quarto, completamente a sós, e completamente às escuras.

Feito isto, pronuncie em voz alta, em tom lúgubre a seguinte invocação:

"*Grande Lúcifer, imperador do Inferno! Eu (nome da bruxa) te invoco pelos teus grandes poderes para que me assistas e dês poder sobre todas as coisas da terra. Em troca, dou-te minha alma, desde já e para toda a eternidade*"

Esta invocação será feita sempre à meia-noite durante 13 noites consecutivas, dentro do quarto escuro e 13 noites consecutivas numa encruzilhada isolada; depois, voltará novamente, 13 noites no quarto escuro, retomando para a encruzilhada durante 13 noites, devendo-se observar que

não deve haver qualquer interrupção, até completar 666 dias consecutivos.

Se, por qualquer motivo, for interrompida essa seqüência certa dos dias, havendo assim uma interrupção de um só dia sequer, a bruxa deve reiniciar o trabalho, no próximo dia 13 de agosto, sexta-feira, lua minguante.

Concluída a contagem dos 666 dias consecutivos, terá a bruxa adquirido um grande poder sobre todas as coisas da terra, mas a invocação diária deve continuar, a fim de manter o seu poder.

Assim ensinou a bruxa Évora.

2. Para obter o amor das mulheres

A bruxa Évora indica os seguintes dois processos que passaremos a mencionar.

a) — Numa noite de lua minguante, de preferência na sexta-feira, a bruxa deve ir a uma encruzilhada, estando munida de uma gata preta, que ainda não tenha dado cria.

Com uma tesoura nova, que ainda não tenha sido usada para qualquer fim, cortará um punhado dos pêlos na gata.

Sobre um pedaço de papel para escrever, que tenha sido impregnado do suor do homem que deseja ser amado pelas mulheres, derrete-se um pouco de parafina que se espalha sobre esse papel e sobre a parafina aplicam-se os pêlos da gata.

Feito isto, a bruxa leva o papel para o seu laboratório (o quarto escuro de que já falamos na 1.ª Parte), deixa o papel no centro da mesa, durante quatro dias e quatro noites, sem que seja tocado por ninguém.

Decorridos os quatro dias, à hora certa em que se completarem os quatro dias de 24 horas, a bruxa recolherá esse papel e o envolverá num pedaço de pano preto, também impregnado com o suor do homem e que lhe tenha

entregado oito horas antes da hora em que se completarem os quatro dias.

Dobrará o papel em quatro, o envolverá no pano preto e costurará tudo com linha preta, fazendo duas costuras completas, uma em sentido contrário à outra.

Depois, deixará esse precioso amuleto sobre o centro da mesa, até que se completem sete dias, findos os quais entregará o amuleto ao homem que o encomendou.

Assim, esse homem passará a ser amado pelas mulheres.

b) — Esta receita é uma pequena variação da primeira.

À meia-noite da lua minguante, de preferência numa sexta-feira, a bruxa cortará um pouco do pêlo de uma gata preta, que ainda não tenha dado cria.

Levará os pêlos para o seu laboratório e os colocará num pires que tenha sido lavado com urina de homem, e secado naturalmente (sem enxugar), mistura-se um pouco de alecrim e queima-se.

Depois que tudo estiver reduzido a cinzas, deixa-se esfriar e, no dia seguinte à meia-noite, recolhe-se no interior de um vidro de cor escura, tapa-se bem, e entrega-se ao homem que deseja ser amado pelas mulheres e que tenha encomendado esse trabalho.

Este deverá usá-lo continuamente do lado esquerdo. Dentro de pouco tempo, não haverá mulher que o resista.

3. Para dominar uma mulher

O homem que quiser dominar uma mulher deverá entregar à bruxa um pouco de urina dessa mulher, recolhida no segundo dia do incômodo, desde que seja numa lua nova.

A bruxa deixará essa urina bem tapada sobre a mesa do seu laboratório, durante três dias, depois entregará o vidro

ao homem para que urine dentro do vidro, misturando, assim, sua urina com a da mulher que pretende dominar.

A bruxa guardará a urina no seu laboratório novamente e, à meia-noite desse mesmo dia, colocando as mãos abertas sobre a boca do vidro, dirá:

"*Oh grande Lúcifer, imperador do Inferno? Eu te ordeno, em nome do nosso pacto que mandes Lilit auxiliar fulano (o nome do homem que encomendou o trabalho).*"

Feito isto, entregará o vidro no dia seguinte ao homem que tiver encomendado esse trabalho.

À meia-noite, esse homem molhará as pontas dos ledos nessa urina e os passará na testa; depois, molhará novamente, passará na nuca; depois molhará novamente passará no alto da cabeça.

Feito isto, guardará o vidro e, no dia seguinte despejará essa urina num lugar por onde a moça ou mulher tiver de passar.

Se ela passar sobre a urina, será melhor; entretanto, basta que ela passe dentro de um raio de 50 metros. Depois disso, terá domínio completo sobre ela.

4. Para obrigar o marido a ser fiel

Numa sexta-feira da lua crescente, prepare um bolo em que entre um pouco de baunilha.

Sobre o mesmo deverá escrever o primeiro nome do este deverá comer a maior parte do bolo, entre as 9 e 10 horas da noite dessa mesma sexta-feira.

Esse tratamento deverá ser repetido sete vezes consecutivas.

Se por qualquer circunstância não puder preparar o bolo numa das sextas-feiras ou o marido não o comer nessa hora, dentro de sete sextas-feiras consecutivas, deverá

reiniciar na primeira oportunidade e deverá chegar até o fim, sem qualquer interrupção.

5. Para que o homem não se separe da mulher

A bruxa consultada a esse respeito, deverá pedir à mulher que lhe traga um pé de meia usado pelo marido, ainda impregnado de suor; quanto mais suor tiver o pé de meia, melhor; também é indispensável que seja a meia usada no pé esquerdo.

Depois que a mulher retiver o pé de meia consigo, durante um dia e uma noite, deverá urinar sobre ele, e depois estendê-lo na sombra até secar.

Feito isto, levará o pé de meia para a bruxa.

Esta o colocará sobre a mesa do laboratório e, à meia-noite, dirigirá a seguinte invocação:

"*Oh grande Lúcifer, imperador do Inferno! Manda que Satanás reúna para sempre os dois seres representados neste pé de meia*".

Depois disto, entregará o pé de meia à mulher. Esta o colocará dentro do colchão, do lado em que dorme o marido, e de modo imperceptível.

Ninguém nem mesmo o marido deverá saber desse segredo, pois se qualquer pessoa vier a saber, o poder deste poderoso malefício será destruído imediatamente.

6. Para que o amante seja fiel

A bruxa aconselhará a mulher a fazer o seguinte:

Numa sexta-feira da lua cheia, terá relações com o amante, usando uma toalha higiênica, completamente nova, que não tenha sido usada.

Depois, juntará a referida toalha com uma cueca usada pelo amante, ainda impregnada de suor, isto é, que ele tenha tirado e ainda não tenha sido lavada.

Reunirá essas duas peças e as envolverá em seda cor de rosa, costurada com linha da mesma cor; colocará esse pacote no colchão, do lado em que dormir o amante, sem que ninguém o saiba, e principalmente ele.

7. Para prender uma pessoa a si

A bruxa irá ao cemitério, numa sexta-feira da lua minguante.

Se o trabalho foi encomendado por uma mulher, procurará um defunto homem; se ao contrário, o trabalho foi encomendado por um homem, procurará um defunto de mulher.

Descoserá uma pequena parte da roupa do defunto e retirará a linha, numa porção que lhe permita dar sete pontos, sobrando ainda pequeno pedaço.

Feito isto, procurará obter uma peça de roupa da pessoa que se deseja prender, dando, então, sete pontos de modo que fique disfarçado para que a pessoa não desconfie.

A linha que sobrar, será entregue à pessoa que mandou fazer o feitiço.

Assim, essa pessoa terá certo domínio sobre a outra. Quando quiser chamá-la, basta enrolar o resto de linha no mínimo esquerdo e dizer mentalmente:

“*Pelo poder de Lúcifer e da linha do defunto fulano, determino que fulano (o nome da pessoa que se prendeu) venha imediatamente falar comigo*.”

8. Para ser amada pelos homens

A bruxa ensinará a mulher a fazer o seguinte:

Começando numa quinta-feira da lua crescente, a mulher vestirá uma camisola de seda cor de rosa e, à meia-noite, todas as noites, num quarto completamente isolado, proferirá a seguinte invocação:

"Grande Lúcifer, imperador do Inferno! Peço-te que mandes Lilit e Nehemá em meu auxílio para que eu seja amada pelos homens. E, que essas suas princesas me auxiliem a ter todos os homens que eu desejar, pelo tempo que quiser."

9. Para fazer voltar o marido ou amante

Se a mulher tiver qualquer objeto ou peça de roupa que tenha pertencido ao marido ou amante, se utilizará desse objeto para fazê-lo voltar.

Numa terça-feira, da lua nova, à meia-noite, irá até uma árvore frondosa e escavará bem perto da raiz.

Tendo embrulhado o objeto ou peça de roupa em seda cor de púrpura, o sepultará no buraco que tiver aberto junto à raiz da árvore, dizendo em voz baixa a seguinte invocação:

"Oh grande Lúcifer, imperador do Inferno! Peço-te que mandes teus príncipes gloriosos em busca de fulano (o nome do marido ou amante) para que ele volte para mim, para sempre."

Feito isto, todas as noites deverá ir ao lugar onde sepultou os objetos que pertenceram ao marido ou amante e repetirá a invocação 13 vezes.

10. Para realizar o casamento

Se for um homem que deseja se casar com determinada mulher, deverá entregar à bruxa três fios de cabelo da mulher pretendida.

Se, ao contrário, é uma mulher que deseja contrair matrimônio com determinado homem, então deverá entregar à bruxa três fios de pêlo do peito do homem.

A bruxa reunirá os cabelos ou pêlos, com sete fios de cabelo da pessoa que encomenda o serviço.

Feito isto, untará um pires com um pouco de mel e colocará os fios de cabelo de modo a aderirem ao mel, e deixará secar bem.

À meia-noite de sexta-feira da lua crescente, dirigirá a seguinte invocação:

"Grande Lúcifer, imperador do Inferno! Eu te ordeno em nome do nosso pacto que mandes teus príncipes reunirem para sempre, pelos laços do matrimônio, fulano e fulana, conforme o desejo de fulano (o nome de quem encomenda o trabalho). Permitirás naturalmente, que eles se reúnam na igreja donde se afastarão depois de concluída a cerimônia do casamento."

Repetirá essa invocação 13 vezes, durante 7 sextas-feiras consecutivas.

11. Para desmanchar um casamento

Às 10 horas da noite de uma sexta-feira da lua minguante, mate um galo preto; depois, encha-o com farofa.

No meio da farofa, coloca-se um papel no qual esteja escrito o seguinte:

"Oh grande Lúcifer, imperador do Inferno! Eu, (o nome da bruxa) te ordeno em nome do nosso pacto, que não permitas que se realize o casamento de fulano com fulana."

Ainda, no meio da farofa e, portanto dentro do galo preto, deve-se colocar um lenço pertencente à noiva, e um pé de meia do noivo. Esses objetos devem ter sido usados, pelo menos, três vezes, e estarem sujos quando tiverem de

ser utilizados para os trabalhos de bruxaria para desfazer seu casamento.

O galo assim preparado deve ser embrulhado primeiramente com uma cueca do noivo ou uma calça da noiva, também usada, sem ter sido lavada; se usar uma calça da noiva deve a mesma conter um pouco do sangue da menstruação do último mês.

Assim preparado esse trabalho, coloca-se numa encruzilhada, à meia-noite, estando a bruxa vestida de vermelho, com capuz vermelho e sandálias vermelhas.

A bruxa ficará de joelhos diante do despacho, em absoluto silêncio, durante 13 minutos. Depois, levanta-se e dá 13 voltas para a direita; para, durante 13 minutos e dá 13 voltas para a esquerda. Depois, fica de joelhos novamente junto ao embrulho, durante 13 minutos. Retira o embrulho e coloca-o na porta da casa do noivo ou da noiva; se esta ou aquele passar por cima, estará desfeito o casamento.

12. Para curar a frieza íntima das mulheres

A mulher deverá entregar à bruxa uma calça nova, que tenha sido usada e lavada uma só vez.

A bruxa embrulhará na calça, meio quilo de canela em rama e meio quilo de baunilha.

Esse embrulho deve ser colocado dentro do colchão da mulher do lado onde ela se deitar, sem que ninguém o saiba. Se alguém souber, o trabalho perderá o efeito.

13. Para uma mulher se livrar de um homem

A mulher entregará à bruxa uma cueca usada e não lavada, que o homem tenha usado até no máximo três dias

antes de ser entregue à bruxa.

A bruxa escreverá num papel, numa quinta-feira da lua minguante, o seguinte:

"*Oh grande Lúcifer, imperador do Inferno! Em nome do nosso pacto, eu te ordeno que afastes para sempre fulano e fulana e que não mais a procure*."

Na sexta-feira, à meia-noite, a bruxa embrulhará na cueca um ovo de galinha preta; depois que o ovo estiver embrulhado, deverá quebrá-lo dentro da cueca, sem retirá-lo.

Embrulhará a cueca num pedaço de seda vermelha, e deixará sare a mesa do laboratório, até a noite seguinte.

Sábado, à meia-noite, a bruxa lançará o embrulho num rio, córrego, ou qualquer água corrente, dizendo as seguintes palavras:

"*Vai-te e não voltes mais, pelo poder de Lúcifer, imperador do Inferno*!"

São estas as 13 maravilhosas receitas da famosa bruxa Évora cuja eficiência pode ser comprovada pela prática.

Agora, entraremos na terceira parte deste livro, onde daremos as receitas da grande bruxa Esmeralda.

TERCEIRA PARTE

RECEITAS DA BRUXA ESMERALDA

QUEM FOI A BRUXA ESMERALDA

A bruxa Esmeralda nasceu na Albânia onde viveu sempre, e onde, afinal, expirou, entregando a alma a

Satanás com quem fizera pacto.

Foi uma das bruxas mais famosas, pelos eficazes trabalhos de feitiçaria que costumava fazer e que eram, de fato, infalíveis.

Como todas as bruxas, seus trabalhos tinham a finalidade de praticar o Mal; daí seu grande poder.

Nenhuma bruxa ou bruxo pode fazer o Bem a quem quer que seja nem mesmo aos parentes.

Se a bruxa sentir Amor por alguém, seja quem for, perderá todo seu poder; o Amor destrói o poder da bruxa ou do bruxo; sendo o Bem uma manifestação do Amor, não pode então praticar o Bem.

A origem do poder da bruxa Esmeralda é a seguinte:

Criou treze gatos pretos, desde o seu nascimento, somente com leite, até que atingiram a idade de sete meses.

Deu aos primeiros sete gatos, os nomes dos diversos príncipes do Inferno; quanto aos últimos seis, ficaram sem nomes.

Inicialmente, passou por uma preparação durante 13 meses, que consistia no seguinte:

1. Durante um período de 13 dias consecutivos, alimentavam-se de repolho, arroz e pimenta do reino.

2. Nos treze dias seguintes, alimentava-se de abóbora, arroz, espinafre.

3. Voltava, depois, ao primeiro regime alimentar.

4. Decorridos esses treze dias, voltava ao segundo regime alimentar.

5. Ao completar sete ciclos de 13 dias, considerava terminado esse regime alimentar e passava, então, a um período de três dias de jejum absoluto, isto é, tomando

somente leite, mel e meio litro de água, durante as 24 horas; não tomava qualquer alimento sólido.

6. Repetia então o regime alimentar desde o primeiro até o último.

7. Cada dia um dos gatos que tinha um nome de príncipe do Inferno era considerado o rei do dia, pelo que ela o colocava sobre uma mesa coberta de preto, com uma vela acesa em cada canto e se ajoelhava diante dele, estando toda vestida de vermelho. Esse trabalho era feito à meia-noite.

8. Os gatos que não tinham nomes, não tinham qualquer regalia; não tinham qualquer trapo para dormir, não podiam subir na cama, nem na mesa. Comiam somente uma vez por dia.

9. Os gatos que tinham nomes comiam cinco vezes por dia, e sua alimentação consistia em arroz e carne frita na chapa, mal passada. Entre esses gatos, quatro eram fêmeas e três machos e podiam fazer o que quisessem. Quanto aos gatos que não tinham nomes, eram três fêmeas e três machos, mas não podiam fazer nada.

10. Não podia confundir um gato que tivesse nome, com outro que o não tivesse; se isto acontecesse, então teria de matar todos os gatos e COMEÇAR TUDO DE NOVO.

11. Banhava-se cada a 39.° dia, quando se penteava e mudava a roupa; fora desse dia, não se lavava, não mudava a roupa, não se penteava.

12. Sua cama era uma simples esteira sobre o estrado; não podia usar qualquer roupa de cama, a não ser um cobertor leve, nos dias muito frios.

13. Todas as noites, à meia-noite, dirigia a seguinte invocação a Satanás; para isso, vestia-se de preto.

É a seguinte a invocação dirigida todas as noites à meia-noite, pela bruxa Esmeralda; deve-se começar à meia-noite

de um sábado do mês de dezembro, na lua minguante:

"*Poderoso Satanás, grande príncipe de Lúcifer! Agora que já foi feito nosso pacto, segundo o qual minha alma lhe pertencerá depois que ela abandonar este corpo mortal, ficas sujeito às minhas ordens, fazendo tudo que eu quiser*!"

Esta invocação deve ser feita 13 noites consecutivas numa encruzilhada, em local completamente deserto, e à meia voz, cantada. A bruxa, ou melhor, a candidata à bruxa, deve estar vestida de vermelho.

* * *

Esse modo de viver deu à bruxa Esmeralda o grande poder que a colocou entre as primeiras nesse setor. Conta-se que, devido a esse tratamento adquiriu domínio sobre as feras, pois as sete almas de cada um dos seus gatos favoritos a protegia e entrava em entendimento com as feras, de modo que não lhe podiam fazer mal, e muitas vezes a obedeciam.

Agora que mencionamos a fonte do poder da poderosa bruxa Esmeralda passaremos a dar suas receitas.

1. Para fazer o mal a alguém

A bruxa deve fazer um boneco de cera, como se fosse a pessoa a quem deseja fazer o mal.

À meia-noite de uma quinta-feira da lua minguante, sentar-se-á no seu laboratório, que deve ser feito conforme explicamos na primeira parte, estando vestida de preto.

Colocará o boneco na sua frente e repetirá em voz alta, 13 vezes:

"*Eu, bruxa fulana, quero que aconteça isto ou aquilo, a fulano ou fulana*."

Conservará o boneco no centro da mesa, até as 11 horas da noite do dia seguinte, quando o tomará e o lançará na

água corrente, isto é, rio, riacho, etc.

2. Para transformar o bem em mal

Se a bruxa recebeu um benefício de alguém e deseja pagar com o mal, ou se alguém a procura para retribuir com o mal, o bem que alguém lhe tenha feito, então, deverá conseguir um objeto qualquer que tenha sido usado por essa pessoa.

Segurará esse objeto com a mão esquerda e dirá 13 vezes, em voz alta:

"*Todo o bem que fizeste a mim (ou a fulano) se transformará em mal que irá, contra ti.*"

Dito isto, lançará o objeto em água corrente, isto é, rio, riacho, etc.

3. Para ganhar no jogo

Às 11 e meia da noite, quebre dois ovos, e aproveite somente a clara, que colocará num prato raso, novo, que não tenha sido usado.

À meia-noite, colocará o prato sob uma roseira e dirá:

"*Ordeno a Satanás que mostre nessa clara de ovo, o número da loteria (ou jogo de bicho, ou roleta) em que deverei jogar para ganhar.*"

Feito isto retira-se e volta-se às 4 horas da madrugada, para ver o número que deverá ter aparecido sobre a clara.

4. Para fazer uma pessoa falar quando estiver dormindo

Quando uma pessoa estiver dormindo, e se perceber que está sonhando, coloca-se um CAVALO MARINHO sob seu travesseiro, um pouco de lado, para que não se quebre.

Feito isto pergunta-se à pessoa o que se quiser e ela responderá sinceramente; se ela não responder, é porque não está sonhando. [2]

5. Para dominar as almas do purgatório

Se a bruxa, além de estar auxiliada por Satanás quiser também obter o auxílio das almas do purgatório, deverá então fazer o seguinte:

Todas as noites, às 11 horas, entrará no seu laboratório, e dirá em voz alta:

"*Pelo poder de Satanás, eu ordeno que as almas do purgatório, me acompanhem e me obedeçam em tudo.*"

Quando a bruxa perceber que está sendo acompanhada pelas almas do purgatório, então lhes dará um nome qualquer, inventado pela sua imaginação, e lhes ordenará o que quiser.

6. Para desligar amizades

A bruxa deverá possuir dois objetos, sendo um de cada uma das pessoas cuja amizade deseja desligar.

À meia-noite, à beira de um córrego ou rio, terá um objeto em cada mão, dizendo, então, o seguinte:

"*Pelo poder de Satanás, desligo a amizade de fulano e fulano.*"

Em seguida, lançará os dois objetos na água, e se retirará, sem olhar para trás.

7. Para castigar as pessoas que nos querem mal

A bruxa deve tomar um ovo de galinha preta, que tenha sido posto numa sexta-feira da lua minguante.

Tomará esse ovo, e se dirigirá, no mesmo dia, à beira de um córrego, rio, etc.

Colocará o ovo na mão esquerda, voltará as costas para o rio ou córrego e dirá em voz alta

"*Todas as pessoas que me querem mal, serão castigadas, pelo poder de Satanás*."

Em seguida, lançará o ovo para traz, por cima da cabeça, sem olhar para traz, retirando-se em passo apressado.

8. Para encantar dinheiro

A bruxa deve adquirir uma moeda de prata legítima.

Colocará a moeda sob um pedaço de pedra clara, no centro da mesa do seu laboratório, onde deverá permanecer durante sete dias e sete noites.

Depois disto, retirará a moeda, que estará encantada. Fará compras ou pagamentos com ela; em seguida, a moeda aparecerá novamente na bolsa da bruxa.

9. Para prender o demônio no corpo de uma pessoa

A bruxa deverá ir a uma encruzilhada, à meia-noite de uma sexta-feira, da lua minguante.

Vestida de vermelho, com capuz e sandálias vermelhas, colocar-se-á no meio da encruzilhada e dirá em voz alta:

"*Pelo poder de Satanás, príncipe do inferno, eu ordeno que um habitante do inferno, ocupe o corpo de fulano, donde somente sairá por minha ordem*."

Depois disto, notará que a pessoa ficará completamente tomada pelo demônio.

10. Para ser seguida por um cão

Se a bruxa quiser ser seguida constantemente por um cão, deverá fazer o seguinte:

À meia-noite de uma sexta-feira da lua minguante, arrancará os olhos de um cão preto, que tenha morrido naturalmente nesse mesmo dia; os olhos devem sair perfeitos.

Coloca-os, então, numa caixinha de prata de lei e, quando passar por um cão, mostrar-lhe-á os referidos olhos.

Depois desse dia, o cão não abandonará mais a bruxa, seguindo-a por toda parte; não se retirará, nem mesmo quando enxotado.

11. Para fazer uma mulher dizer o que não quer

A bruxa recomendará que se coloque um CAVALO MARINHO sob o travesseiro da pessoa e, quando ela estiver sonhando, perguntará o que quiser.

Se quiser que a pessoa diga qualquer coisa estando acordada, deverá colocar o CAVALO MARINHO num bolso dessa pessoa, contanto que seja do lado esquerdo.

Se, porém, a pessoa perceber, então falhará este processo.

12. Preparação do óleo mágico

A bruxa deverá ferver em óleo de boa qualidade, vários insetos, bichos diversos, etc., que tenham morrido naturalmente e que irá recolhendo e guardando, gradualmente, começando, porém, numa sexta-feira da lua minguante.

Depois que tiver fervido duas horas, deixará esfriar. Conservará esse óleo para alimentar uma lamparina de azeite.

Quando acender a lamparina com esse óleo, então aparecerão fantasmas que produzirão grande medo e farão correr todas as pessoas que estiverem presente.

A bruxa não deve correr, nem sentir medo. Se, porém isso acontecer, Satanás, arrebatará sua alma imediatamente.

13. Para prejudicar a saúde de uma pessoa

A bruxa deve conseguir uma peça de roupa branca dessa pessoa, ainda suja.

De posse dessa peça de roupa, envolverá em seda de cor púrpura, levará à margem de um rio ou riacho, e dirá em voz alta:

"Pelo meu poder de bruxa, e representante de Satanás na Terra, ordeno que, a partir deste momento, não mais tenhas saúde."

Dito isto, lançará a peça de roupa para traz e sairá correndo sem olhar para trás. Se a bruxa não correr ou se olhar para trás, então ficará ela sem saúde para sempre.

QUARTA PARTE

RECEITAS DA BRUXA MELUSINA

HISTÓRIA DA BRUXA MELUSINA

Melusina, grande bruxa francesa, ganhou muita fama na sua época.

Seus trabalhos tiveram tanta projeção que chegaram ao conhecimento do rei da França.

Era constantemente procurada por pessoas da corte que lhe encomendavam trabalhos de bruxaria, para melhorarem sua situação política e ganharem as boas graças do rei e da rainha, de que decorriam os favores reais, as promoções, as doações e condecorações com que eram agraciados pelos reis da França.

Tendo sido acusada de bruxaria, e tendo-se constatado sua participação direta com o diabo, foi ela julgada por um tribunal especial e queimada viva, na praça pública.

Não se sabe qualquer coisa sobre a vida particular e, conseqüentemente, sobre a origem do seu poder.

A única coisa que se sabe ao certo, é que, depois de queimada, seu corpo não foi encontrado no meio das cinzas.

Num antigo manuscrito, encontramos a seguinte história: São Cipriano, depois da sua conversão ao cristianismo, tentou destruir todos os seus manuscritos para que ninguém pudesse se aproveitar deles para fazer o mal; entretanto, foi observado por um Ser invisível que lhe ordenou deixasse apenas 52 receitas, enfeixadas em quatro maços de treze receitas cada um.

Esse Ser (invisível para as outras pessoas), ordenou a São Cipriano que deixasse o primeiro maço no mesmo lugar; quanto aos demais os conservasse consigo, pois, em outras épocas esse mesmo Ser lhe apareceria para lhe dizer onde deveria deixá-los.

Efetivamente, em épocas diferentes, ordenou a São Cipriano que deixasse um maço de receitas no lugar em que se achava, pois São Cipriano estava em constantes viagens por diversos países.

Assim, decorridos 13 anos do dia em que São Cipriano tentou destruir todas suas receitas, ele as tinha distribuído por diversos lugares, em épocas diferentes, guardadas com cuidado.

Ao se completarem os treze anos, o Ser apareceu novamente, ao que se sabe, pela última vez; nessa ocasião, esse Ser permitiu que São Cipriano falasse, contanto que fizesse apenas três perguntas.

Não se sabe quais foram as primeiras duas perguntas formuladas por São Cipriano; sabe-se, apenas, que a terceira encerrava a indagação sobre o motivo pelo qual o Ser lhe mandou conservar em lugares diferentes e distantes, os quatro maços de treze receitas.

O Ser sorriu, e respondeu que, em épocas diferentes e em lugares distantes, apareceriam sete mulheres que, pelos estudos e trabalhos de ocultismo, tinham-se colocado exatamente a meio caminho entre o Bem e o Mal.

Essas mulheres, desde os seus primeiros anos de vida numa encarnação futura, ficariam colocadas entre o Bem e o Mal, podendo escolher o caminho a seguir; isso aconteceria, porque numa encarnação anterior dedicaram-se indiferentemente à prática do Bem e do Mal, sem se consagrarem positivamente a Deus, nem se entregarem completamente ao diabo.

Narra esse manuscrito, encontrado na biblioteca de Alexandria, que decorrido muito tempo as sete mulheres passaram pela terra.

No alto de uma das páginas do manuscrito estavam na seguinte ordem os nomes das 4 bruxas que teriam à mão, desde seus primeiros anos de vida, os manuscritos de São Cipriano e, ao mesmo tempo, viviam em ambiente estritamente religioso e devotado sinceramente a Deus; são elas: Évora, Esmeralda, Melusina e Nadja.

Algumas linhas abaixo, dizia o manuscrito: “As três mulheres que nasceram em idêntica situação, são as seguintes:...”

O manuscrito estava rasgado, de modo que não pudemos ler os nomes; aliás, algumas linhas abaixo mencionam um nome de mulher, porém, logo em seguida, o manuscrito dizia o seguinte:

“O mortal que se atrever a proferir ou escrever esse nome, sofrerá uma série contínua de desgraças durante anos consecutivos, não havendo quem o salve, pois será amaldiçoado pelas potências celestes; depois desses sete anos de sofrimentos e desgraças, sofrerá morte violenta, em conseqüência de grande sofrimento e, depois da morte, continuará sofrendo até que se complete um ciclo para que volte à Terra, e reinicie sua evolução que teria sido interrompida pela profanação de um nome que se tornou sagrado pela devoção a Deus, pelo sacrifício próprio num corpo de mulher, e que merece e deve ser respeitado pelo silêncio mais profundo”.

Essa leitura nos arrancou uma boa gargalhada que chamou a atenção dos demais leitores que, no momento, estavam presentes na sala de leitura daquela biblioteca.

Naturalmente, não demos o menor valor a essas ameaças constantes apenas de um papiro destruído em parte, pela ação do tempo.

Saímos da biblioteca, planejando fazer referências a essa afirmativa, de modo pitoresco.

Momentos após, apenas tínhamos dado alguns passos, de um prédio em construção caiu um bloco de pedra que, por pouco não nos atingiu. Acorreram ao local muitas pessoas julgando que tivéssemos sido atingidos. Ao verem que estávamos ilesos, benzeram-se respeitosamente em público e se retiraram silenciosamente. Alguns mu-

çulmanos ajoelharam-se e depois beijaram o solo, gritando “Alá!”

Ainda atordoados pelo que acontecera, retiramo-nos lentamente, e, à nossa passagem, todos se afastavam como se receassem o contato de seres acometidos de alguma doença contagiosa; todos nos olhavam com visível desconfiança embora nada tivéssemos ao que nos parecia.

Pouco adiante, encontramos um ancião que caminhava apoiado sobre o seu cajado; parecia que ele se dirigia a nós, e quando chegou perto disse com um sorriso de zombaria e em tom de advertência: “Não brinques com as coisas sagradas, nem desprezes os conselhos dos antigos sábios”. Em seguida, retirou-se.

Isso impressionou-nos profundamente.

Posteriormente, as escavações nos sarcófagos dos faraós, confirmaram essa advertência, pois, todos os que tomaram parte nelas sofreram os seus grandes revezes.

* * *

Passaremos a dar as receitas da bruxa Melusina que, seguindo a norma estabelecida pelo grande São Cipriano são também em número de treze.

1. Para regressar à terra natal

Numa terça-feira da lua nova, ao meio-dia, compre uma figa de azeviche.

Feito isto, observe o seguinte regime durante 9 dias:

a) — manter-se absolutamente casto;

b) — tomar leite sem pão, nem café, pela manhã;

c) — ao almoço tomar uma sopa, com bastante caldo, e pouco pão;

d) — ao jantar somente sopa, com bastante caldo e pouco pão;

e) — não comer nada à noite, depois do jantar;

f) — banhar-se em água morna todos os dias, às 10 horas da noite;

g) — deitar-se e procurar dormir às 11 horas da noite; não deverá deitar-se mais tarde.

Decorridos os 9 dias, então poderá usar a figa de azeviche. Depois de pouco tempo, encontrará os meios necessários para voltar à terra natal.

2. Para impedir o ato sexual de determinada pessoa

Se a mulher quiser que o marido não consiga satisfazer o gozo sexual com outra mulher ou, vice-versa, o marido quiser impedir que a mulher sinta prazer com outro homem, deve fazer o seguinte:

a) o interessado (marido ou mulher) adquirirá uma estrela do mar, porém somente serve a estrela especial de Bruxa Melusina, conforme figura da página 53;

b) numa sexta-feira da lua nova, segurará a estrela com a direita, à meia-noite e fixará uma estrela no céu, durante 13 minutos; a estrela deve ser sempre a mesma;

c) repetirá essa prática durante nove noites consecutivas;

d) decorridas as nove noites, colocará a estrela do mar dentro do colchão, do lado do outro cônjuge, de modo que não perceba.

Assim, o outro cônjuge não conseguirá realizar o prazer sexual com outra pessoa.

3. Para prejudicar os negócios de uma pessoa

Tomai um objeto qualquer que pertença a essa pessoa.

Junte esse objeto com um ovo de galinha preta, que tenha cruzado com um galo da mesma cor.

Embrulhe aquele objeto e o ovo em um pedaço de pano, de cor azul.

Durante treze noites consecutivas, começando numa sexta-feira da lua minguante, segure o embrulho com as duas mãos, no meio de uma encruzilhada, à meia-noite, permanecendo assim, durante 13 minutos.

Quem fizer este serviço, deve estar vestido com uma camisola de cor azul, bem escuro.

Decorridas as 13 noites, lance esse embrulho ao mar, numa terça-feira da lua minguante, ao meio-dia.

4. Para ligar namorados

Numa segunda-feira da lua nova, ao meio-dia, compre treze metros de fita azul celeste.

À meia-noite desse mesmo dia, escreve com tinta indelével numa extremidade o nome de uma das pessoas que se quer ligar e, na outra extremidade, o nome de outra pessoa.

Dobre-se a fita com cuidado.

Na sexta-feira imediata, à meia-noite, a pessoa interessada amarrará a fita no braço esquerdo, dando um laço, bem feito.

Se a interessada for a moça, então, querendo, poderá amarrar a fita na coxa esquerda.

Deverá conservar a fita nessas condições até o dia do casamento; retirará á fita depois que se casar, no mesmo dia, para que o cônjuge não perceba.

5. Para se fazer amar

Se uma pessoa deseja se fazer amar, deve adquirir um pedaço de seda azul, numa quinta-feira da lua crescente, ao meio-dia.

Depois, embrulhará nessa seda azul, uma ESTRELA DO MAR, da Bruxa Melusina.

Feito isto, guardará esse poderoso amuleto com cuidado e sem que ninguém saiba da sua existência.

Depois de pouco tempo, passará a ser alvo do amor de todas as pessoas do sexo oposto.

6. Para que uma mulher seja fiel ao marido ou amante

O marido ou amante deve adquirir uma ESTRELA DO MAR da Bruxa Melusina.

Deve então embrulhar essa estréia do mar numa calça da mulher, que tenha sido usada e não lavada; tudo isto deve ser então embrulhado em seda azul, e costurado com linha de seda, da mesma cor.

Esse embrulho de seda e respectiva costura deve ser feito numa sexta-feira da lua nova, à meia-noite, sem que ninguém saiba.

Feito isto, na sexta-feira seguinte, à meia-noite, colocará esse poderoso embrulho dentro do colchão do lado em que a mulher dormir, não devendo ela perceber a presença desse objeto, sob pena de perder a virtude.

7. Para dominar uma pessoa

É preciso que o dia esteja claro, sem sombra de qualquer espécie, sem ameaça de chuva, e que seja quinta-feira da lua cheia.

Adquira, então, um pedaço de seda cor de púrpura. A meia-noite embrulhe uma ESTRELA DO MAR da Bruxa Melusina nesse pedaço de seda e costure bem.

Isto feito, coloque esse poderoso amuleto dentro do colchão do lado em que a pessoa dormir. Se isto não for possível, coloque o amuleto no chão, por onde a pessoa tiver de passar, de modo que passe por cima dele.

Se essa pessoa passar por cima do amuleto, então quem tiver feito esse trabalho terá completo domínio sobre ela...

Se a pessoa não passar por cima do amuleto ou pisar sobre ele, quebrando-o, então se deve fazer tudo de novo.

8. Para obrigar o marido ou amante a ser fiel

Numa sexta-feira da lua nova, ao meio-dia, compre uma palmilha nova que sirva para o sapato do marido ou amante.

À meia-noite, envolva o par de palmilhas num pedaço de seda verde e conserve guardado esse embrulho dentro do colchão do lado em que dormir o marido ou amante.

Na sexta feira seguinte, retire esse amuleto de dentro do colchão e guarde-o com cuidado, até que se apresente uma oportunidade para oferecer um presente a ele.

Nessa ocasião, dê-lhe o par de palmilhas como presente e, simulando carinho, a própria mulher deve colocar o par de palmilhas dentro do calçado.

Depois disto, o homem perderá completamente o interesse pelas outras mulheres.

9. Para que a mulher não tenha filhos

Adquira numa farmácia uma esponja higiênica, numa quarta-feira da lua crescente.

Desinfete com um pouco de álcool e água morna; depois lave com sabonete, retire bem o sabonete e deixe-a secar. Depois a conserve embrulhada em um pedaço de pano completamente limpo.

Antes do ato sexual, molhe a esponja em água e introduza na vagina, com cuidado.

Depois do ato sexual, retire a esponja e lave com cuidado, conservando-a então para as outras vezes, desinfetando-a cada vez como acima fica dito, antes do ato.

10. Para destruir a felicidade de uma pessoa

Numa sexta-feira à meia-noite, tome-se uma peça de roupa íntima usada por essa pessoa, que esteja suja. Conserve-a em seu poder, até a próxima sexta-feira. À meia-noite a coloque dentro do seu próprio colchão, pensando, então, que essa pessoa não será feliz.

11. Para se tornar invisível

À meia-noite de um sábado da lua minguante, completamente vestido de preto, dirija-se a. uma encruzilhada. É preciso que a noite esteja bem escura, e será melhor que seja tempestuosa.

Dirá, então, durante 13 minutos, em voz alta:

"*Ó grande Lúcifer, imperador do inferno! Em nome do nosso pacto, eu te ordeno que me tornes invisível todas às vezes que eu o desejar.*"

12. Para ser acompanhado constantemente por uma pessoa

À meia-noite de um sábado da lua minguante, vá ao cemitério e procure um cadáver recente, que não tenha completado treze dias.

Ajoelhe-se ao lado desse cadáver e peça-lhe em tom humilde que determinada pessoa o acompanhe sempre.

13. Para ver o futuro

No centro da mesa do seu laboratório de bruxaria, coloque um copo de cristal puríssimo cheio de água destilada.

Atrás do copo, coloque uma vela acesa de pura cera de abelha.

À meia-noite, fixe firmemente durante quinze minutos a chama da vela através do copo, pensando no que deseja ver, sem pestanejar uma única vez.

Dentro de alguns minutos, começará a ver o que quiser.

QUINTA PARTE
RECEITAS DA BRUXA NADJA

E A BRUXA NADJA, QUEM FOI?

A despeito da cuidadosa pesquisa a que procedemos não nos foi possível colher dados biográficos sobre a bruxa Nadja.

Ao que nos foi possível apurar, viveu nas estepes russas, onde, desde muito jovem, dedicou-se aos trabalhos de bruxaria, tendo logo, feito pacto com o diabo, a quem vendeu sua alma.

Também conseguimos saber que possuía rara beleza, sendo, porém, dotada de um coração extremamente duro, não tendo jamais dedicado amor a quem quer que fosse, chegando mesmo a desprezar os seus parentes e os próprios pais, tão logo se assenhoreou do poder diabólico.

Dizem que jamais fora possuída por homem algum, tendo-se conservado virgem e casta até a idade de 123 anos, quando cometeu o erro de simpatizar-se com uma criança que lhe dera um crucifixo à porta de uma capela, sendo, então, logo arrebatada pelo diabo.

Seu poder residia na adoração de um grande número de cobras, sobre as quais tinha completo domínio. Seria extremamente perigoso mencionar o processo pelo qual conseguia ela conviver com centenas de cobras, cada qual com um nome e que a obedeciam cega e prontamente.

Também sua alimentação consistia especialmente em leite de cabra, alho e arroz.

Seguindo a norma estabelecida pelos fundamentos da bruxaria, observava os cuidados higiênicos cada 53.° dia, começando a contagem no dia 13 de agosto, sexta feira, lua minguante.

Passaremos a dar suas receitas.

1. Para tornar-se invisível

Apanhe uma cobra que tenha morrido num domingo da lua minguante.

À meia-noite de segunda feira, no seu laboratório, torre a cabeça da cobra, sobre a mesa, fazendo a seguinte invocação:

"Oh grande Lúcifer, imperador do Inferno! Entrego-te a alma desta cobra, para que a torne minha auxiliar submissa todas as vezes que eu desejar tornar-me invisível."

Pulverize, então, a cabeça da cobra, recolha num saquinho de seda preta e traga-o consigo sempre que desejar se tornar invisível.

O corpo da cobra deve ser levado até a margem de um rio ou córrego; segure-o então, com a mão esquerda, dê 13

voltas com ele sobre sua cabeça, e lance-o ao rio. Isto deve ser feito na quinta-feira seguinte, à meia-noite.

2. Para uma mulher prender um homem

Recolha uma cobra macho e uma fêmea numa quinta-feira da lua nova, não venenosa e de preferência, de rio.

Conserve esse casal bem alimentado durante 13 dias.

Depois, no seu laboratório, à meia-noite, dê à cobra macho o nome do homem que quiser prender e à cobra fêmea o nome da mulher que quiser prendê-lo.

Para isto, olhará primeiro para a cobra macho repetindo 13 vezes o nome do homem; fará o mesmo com a dobra fêmea, repetindo também 13 vezes o nome da mulher.

Conservará as cobras em seu poder por mais 13 dias, cuidando sempre da sua alimentação.

Cada vez que for alimentá-las, chamá-las-á elos respectivos nomes.

Decorrido esse segundo período de 13 dias, solte as cobras no mato, bem distante, numa sexta-feira à meia-noite.

3. Para dominar uma mulher

Detenha uma cobra fêmea, logo depois de dar crias.

Conserve-a em seu poder pelo espaço de 13 dias, tendo-lhe dado o nome da mulher, que pretende dominar.

Conserve-a bem guardada em seu poder e todas as noites, à meia-noite, conversará com ela dizendo:

“*Fulana (o nome da mulher) eu te domino completamente e tu me obedecerás em tudo, enquanto eu e tu vivermos*.”

À meia-noite da décima terceira noite, soltará a cobra num mato bem distante.

4. Para causar a infelicidade a outrem

Tome uma cobra macho se quiser causar infelicidade a um homem; cobra fêmea se a vítima for mulher.

Recolha-a em seu poder, numa sexta-feira da lua minguante e à meia-noite, dê-lhe o nome do homem ou mulher cuja infelicidade quiser causar.

Isto feito, todas as noites à meia-noite, diga-lhe que será infeliz em tudo.

Conserve-a em seu poder durante 39 dias (3 ciclos de 13 dias) dando-lhe pouca alimentação.

Decorridos os 39 dias, lance-a a um rio ou córrego, numa sexta-feira, à meia-noite.

Se ela morrer enquanto estiver em seu poder, sepulte-a junto a uma árvore.

5. Para fazer casamento

Se for uma mulher que deseja casar-se com determinado homem, deve conseguir uma cobra macho; se for homem que queira casar-se com determinada mulher, deverá conseguir uma cobra fêmea.

Recolhida a cobra, numa sexta-feira da lua nova, deverá ser conservada com uma peça de roupa branca da pessoa almejada; essa peça de roupa não deve estar limpa; deve ter sido usada e não lavada.

Mantenha a cobra em contacto com a peça de roupa durante 13 dias, findos os quais, lançará a cobra e a peça de roupa num rio ou riacho, numa sexta-feira à meia-noite.

6. Para um homem prender uma mulher

Recolha uma calça da mulher que esteja impregnada de sangue menstrual.

Recolha esse sangue pela lavagem com água simples, num pedaço de algodão, à meia-noite de uma sexta-feira da lua minguante.

Conserve esse algodão junto com a FIGA DE GUINÉ legítima, constantemente do lado esquerdo, perto do coração, durante 13 dias, findos os quais, à meia-noite, lançará o algodão num rio ou riacho guardando, porém a figa.

7. Para destruir o prazer sexual de uma pessoa

Numa terça-feira da lua minguante, recolha um pouco de urina da pessoa visada, que não esteja misturada com a urina de qualquer outra pessoa.

Misture essa urina com azeite, conserve em um frasco fechado e guarde durante 13 dias consecutivos.

Todas as noites coloque o frasco aberto ao relento. Se chover, em qualquer dessas noites, antes de completar os 13 dias, então, deve-se começar tudo de novo. Terminados esses treze dias, lance o conteúdo sobre um monte de estrume.

8. Para obrigar um homem a casar-se com a amante

A mulher deve pedir ao homem que compre os ingredientes necessários para preparar chocolate e um bolo, numa quinta-feira da lua nova.

Deve ela preparar o bolo e o chocolate na sexta-feira e servi-lo à noite quando o homem já estiver deitado.

Deverá servir-lhe esse mesmo bolo 7 sextas-feiras seguidas, evitando servi-lo em outros dias da semana.

9. Para ser amado pelas mulheres

Numa sexta-feira da lua crescente, reúna um pouco da erva chamada cinco folhas, um pouco de artemísia e à meia-noite, coloque num saquinho de seda cor de rosa.

Procure depois um artifício qualquer, para que uma mulher segure ou fique com esse pacotinho durante treze minutos.

Depois, recolha o pacotinho e, na sexta-feira da lua minguante imediata, à meia-noite, segure o pacotinho, no centro de uma encruzilhada e diga em voz alta:

"*Poderoso Satanás, grande príncipe do Inferno! Eu te ordeno que comuniques a este amuleto o poder de atrair o amor das mulheres*."

10. Para saber se a pessoa ausente (cônjuge ou amante) é fiel

Forre uma mesa com um pano branco, sem qualquer mancha.

Coloque sare o centro da mesa, um retrato da pessoa e, por traz do retrato, a uma distância de cerca de 15 centímetros, uma vela acesa.

Fixe bem o retrato, sem pensar em qualquer outra coisa, e sem pestanejar.

Se o retrato desaparecer ou ficar mais escuro, será sinal de que a pessoa é infiel. Se, porém, se conservar claro ou não desaparecer, a pessoa será fiel.

Não dispondo de um retrato, escreva em letras bem legíveis o nome da pessoa, num pedaço de papel branco, bem claro e proceda como se fosse o retrato.

11. Para prejudicar a colheita

Numa sexta-feira da lua minguante, à meia-noite, retire um punhado dos frutos da colheita.

Guarde-os consigo durante 13 dias consecutivos.

Na sexta-feira imediata, coloque-se de costas para um rio ou riacho, e lance para traz esses frutos.

12. Para prejudicar o rebanho

Num sábado ao meio-dia, na lua minguante, recolha um pouco de estrume do rebanho.

À meia-noite desse mesmo dia, coloque-se de costas para um rio ou riacho, e lance para traz; em seguida retire-se com passo apressado, sem olhar para traz.

13. Para impedir a volta de uma pessoa ao lar

Tome um objeto que tenha sido usado pela pessoa, de preferência uma peça de roupa branca.

Lave com cuidado, numa sexta-feira da lua minguante, deixe secar e passe muito bem.

Feito isto, recolha a peça de roupa ou objeto no interior do seu colchão, o que deve ser feito numa segunda- feira da lua cheia, à meia-noite. Deve-se embrulhar nessa peça de roupa, uma figa de arruda.

SEXTA PARTE

RECEITAS DA BRUXA ONDINA

HISTÓRIA COMPLETA DA BRUXA ONDINA

Não se pode precisar a época em que viveu a bruxa Ondina.

Sabe-se apenas que viveu no Egito; também não se pode dizer ao certo se era nobre ou de origem humilde.

A despeito da falta destes pormenores que, a nosso ver, não têm grande importância, conseguimos coligir dados sobre a sua vida e sobre as suas atividades como bruxa.

Aos dezessete anos, Ondina apaixonou-se loucamente por um belo rapaz.

Cerceada na sua liberdade pela família que procurava manter bem alto e respeitado seu nome e sua reputação, não lhe foi possível aproximar-se tão facilmente do seu bem amado.

Passava as noites em claro, ora pensando, ora sonhando com aquele a quem adorava e que talvez nem soubesse da sua existência...

Passaram-se assim os meses e, certo dia, seus pais promoveram uma festa íntima a fim de comemorar seu Jubileu de prata, tendo sido convidadas apenas as pessoas mais íntimas.

Uma das famílias convidadas que mantinha amizade muito antiga e muito estreita com a família de Ondina, trouxe um casal até então desconhecido; era um feiticeiro, casado havia anos, com unia bela jovem.

O feiticeiro ora apresentado à família de Ondina era o jovem de quem ela se apaixonara.

Foi apresentado como sendo Omar, o Feiticeiro, e Ondina corou ao apertar-lhe a mão, embora não encobris se certo desprezo pela jovem esposa do Feiticeiro.

Durante a festa, enquanto todos se divertiam Ondina não tirava os olhos de Omar até que ele percebeu e, tão logo se apresentou a oportunidade, foi lhe falar.

Enquanto dançavam, Ondina não teve escrúpulos em relatar ao seu novo conhecido suas intenções a seu respeito, chegando mesmo a dizer que queria possuí-lo custasse o preço que custasse.

Omar, homem honesto e procurando manter a todo custo o máximo de decência nas relações sociais, esclareceu prontamente que poderia manter uma amizade sadia e honrosa com Ondina, por intermédio de sua família a quem sempre respeitara, pois, embora não a conhecesse pessoalmente, já sabia quem era e devotava-lhe o mais profundo respeito; além disto, era casado havia pouco e amava sua formosa esposa, embora na realidade, Ondina fosse muito mais bela do que ela; e que, ela, Ondina, se esquecesse completamente dessa idéia que, absolutamente não tinha nexo e poderia constituir sério perigo capaz de levá-los à fatalidade.

Fátima, a esposa do Feiticeiro, não pôde como era natural deixar de observar a conversa entre seu esposo e sua nova conhecida. Notou o desprezo com que Ondina a olhara ao ser apresentada, e também o olhar cheio de fogo que deitou a Omar.

Ondina ouvira as palavras do Feiticeiro em profundo silêncio, como procurando gravá-las em seu cérebro. Terminada a dança, retirou-se, lançando a Omar um olhar de desafio e de ameaça.

Terminada a festa todos se retiraram e Ondina, despedindo-se do Feiticeiro não teve o menor escrúpulo em apertar-lhe fortemente a mão e olhá-lo fixamente com ar ameaçador.

Passaram-se os dias. A obsessão desse amor impossível não abandonava Ondina nem por um momento sequer. Maquinava, silenciosamente, um meio de se aproximar do Feiticeiro. Desejara que a festa tivesse durado para sempre; não esquecia aqueles momentos para ela tão agradá-

veis em que pôde conversar com Omar, embora suas palavras fossem de delicada censura.

A imaginação de Ondina que não parava de trabalhar, sugeriu-lhe uma idéia que lhe pareceu luminosa, providencial: ficar doente e chamar o Feiticeiro.

Assim, planejou adoecer, ou melhor, acordar doente.

Na manhã seguinte, quando seus pais a chamaram, disse não poder levantar-se, pois se sentia muito mal. Seus pais logo se alarmaram, queriam saber o que sentia, porém Ondina disse apenas que sentia dores inexplicáveis.

Imediatamente seus pais procuraram o médico.

Quiseram, porém, os fados que o mesmo estivesse ausente e como Ondina sentia-se cada vez pior, não hesitaram em chamar Omar.

Seguindo a ética profissional da época, o Feiticeiro pediu delicadamente que o deixassem a sós com a doente.

Verificou de início que a doença de Ondina era puramente imaginária, e compreendeu então que servira apenas como pretexto para chamá-lo.

Diante disso, ameaçou Ondina de mencionar tudo aos seus pais. Ondina sorriu com malícia e disse que se o fizesse, não teria o menor receio em suicidar-se deixando uma carta... Muito interessante.

O Feiticeiro ficou perplexo, sem saber o que fazer; Ondina que percebeu sua preocupação assenhoreou-se da situação e passou a ditar as ordens.

— Diga Omar, que estou muito mal, que precisa visitar-me todos os dias. Depois, quando eu quiser, está claro, você dirá que poderei continuar o tratamento indo ao seu laboratório.

Omar foi obrigado a aceitar e cumprir as ordens de Ondina.

Nas visitas seguintes, Ondina passou a abraçar e beijar o Feiticeiro, mostrando maliciosamente certas partes do corpo, como que por descuido, provocando-o; outras vezes chegava a pedir que se deitasse com ela; implorava que por um momento se esquecesse que ela pertencia a uma família honrada e que ele, Omar, pertencia à outra mulher.

O Feiticeiro procurou sempre evitar...

Um dia Ondina disse a Omar que lhe desse alta, com a condição de continuar o tratamento em seu laboratório.

Assim fez. Naturalmente, foi ali acompanhada por sua mãe, porém ainda em obediência à ética profissional, a jovem ficou a sós com o Feiticeiro.

Diante das suas constantes provocações, Omar acabou por fazer a vontade de Ondina

Nas visitas que se seguiram já não houve relutância por parte do Feiticeiro que passou a aceitar o seu domínio com certo prazer, embora preocupado com o que pudesse surgir no futuro. Mas, o futuro não se fez esperar muito...

Certo dia, Ondina apareceu realmente doente... Chamaram Omar, o qual verificou que seus amores haviam produzido os efeitos que eram de se esperar. Enquanto o Feiticeiro sentia-se terrivelmente preocupado, Ondina mostrava-se bastante satisfeita. O Feiticeiro não sabia como resolver situação tão melindrosa.

Quis, porém, ganhar algum tempo para pensar; por isso, disse à família que era coisa sem importância.

Como era natural, os sintomas de gravidez tornavam- se cada vez mais evidentes.. Os pais de Ondina pareciam desconfiar; diante da dúvida que os torturava, disseram à Ondina que pretendiam chamar o médico, pois, ao que Parecia, Omar não tinha acertado.

Ondina sorriu maliciosamente e disse:

— Parece que Omar não acertou, mas... Acertou muito bem!

— Se acertou, como é que você não melhora? Perguntou seu pai.

— Essa melhora somente virá com a cura, está claro...

— Como assim? Perguntou seu pai, indignado.

— É claro papai, pois vou ser a mãe do filho de Omar!

É impossível descrever a indignação do velho pai. Para ele, homem aferrado aos mais radicais princípios de moral, não havia outra solução: matar os dois.

Retirou-se do quarto de Ondina e foi se preparar para ir à procura de Omar; disse à sua mulher que não deixasse Ondina sair.

Tão logo o velho se retirou para seu quarto, Ondina ludibriou a vigilância de sua mãe e saiu às pressas, indo ao laboratório do Feiticeiro.

Ao chegar forçou enèrgicamente a porta, embora o Feiticeiro estivesse atendendo um cliente.

Vendo que não conseguia abrir a porta, passou a gritar:

— Omar, Omar, abra depressa, papai vem matá-lo. Diante disso, Omar abriu a porta e quando Ondina lhe contou o que havia sucedido, foi se vestir apressadamente para se retirar, não se sabe se à procura do pai de Ondina ou se para fugir.

Enquanto se preparava, Ondina não esperou. Saiu às pressas e dirigiu-se para a casa de Omar.

Havia, porém, dado alguns passos, quando percebeu que seu pai chegava à porta do laboratório. Parou sem ser vista, passados alguns instantes, ouviu gritos de dor e um baque surdo... Estava consumada a tragédia!

Seu pai retirava-se calmamente, enquanto os curiosos acorriam ao local, perguntando com insistência:

— O que foi? Que aconteceu?

Ondina prosseguiu seu caminho.

Chegando à casa do falecido Omar, bateu. Fátima atendeu prontamente à porta.

— Ora, Senhorita Ondina! Que prazer e que honra! Entre.

Ondina entrou toda desgrenhada, pálida, sem proferir palavra. Não obstante, sobressaia sua grande beleza, uma beleza provocante, diabólica!

Depois de descansar um pouco, perguntou em tom ingênuo:

— Como está a senhora? A senhora foi nos visitar só uma vez, pensei que fosse mais vezes e levasse seu marido!

— O meu marido?!

— Sim, aliás vim aqui para lhe contar o que aconteceu.

Falando calmamente, naturalmente, como se narrasse um fato banal, Ondina contou que ele, Omar se apaixonara por ela, desde a primeira vez que a vira, isto é, na festa do jubileu de prata de seus pais e poucos dias depois, fora visitá-la; que “adoecera” porque assim haviam combinado por sugestão dele; e finalmente, o desenlace fatal...

Fátima ouviu calada e estupefata. Antes, porém, de poder proferir palavra, bateram à porta; um grupo de homens, todos conhecidos, trazia o cadáver de seu esposo, todo ensangüentado!

Ondina, calmamente, sem demonstrar a menor emoção, sem a menor conturbação, disse:

— Foi pena, ter morrido um jovem tão formoso e cheio de vida!

Fátima ficou prostrada, e foi recolhida ao leito. Ondina se encarregou de preparar o cadáver, auxiliada pelos homens que o trouxeram, os quais nem ao menos a olhavam, nem lhe dirigiam a palavra. Tudo correu no mais absoluto silêncio.

Ao chegar a casa, o pai de Ondina, procurou-a. Não a tendo encontrado, julgou que sua mulher lhe tivesse dado fuga.

No auge do desespero, matou a esposa e, em seguida, suicidou-se.

Fátima, abandonada e desolada, sentindo o vexame de uma fatalidade que absolutamente não provocara, suicidou-se poucos dias depois dos funerais de marido.

Depois de toda essa fatalidade, restou apenas Ondina.

Assim, terminou a primeira fase da vida da bruxa Ondina, um espírito diabólico que se encarnou num belo corpo de mulher.

* * *

Treze anos depois, numa grande cidade egípcia falava-se quase abertamente numa certa bruxa, respeitada e temida por todos.

Dizia-se que fazia os maiores milagres; que conversava com Lúcifer e Satanás à hora que quisesse; não havia quem pudesse vencê-la; não havia nada que não realizasse.

Não saia de casa, a não ser à noite, muito furtivamente, mas nunca passava pelos lugares mais movimentados da cidade; dirigia-se sempre para os lugares mais desertos ou para o cemitério.

Sua casa vivia cheia de pessoas que a procuravam para lhe pedir auxílio. A todos respondia: “*Em nome de Lúcifer*

(ou de Satanás), teu caso está resolvido.”

Ninguém sabia de onde tinha vindo; se tinha família na cidade ou em alguma cidade vizinha; se era casada ou morava em companhia de alguém. Sabiam que se chamava Ondina.

E Ondina dominava a cidade!

Tudo parecia tão calmo e tudo dizia que Ondina vivia feliz entregue aos seus trabalhos de bruxaria, ora desgraçando uns, ora prejudicando outros, em benefício das pessoas que a procuravam, sem respeitar os mais rudimentares princípios de moral; tudo indicava que Ondina havia alcançado a mais perfeita tranqüilidade da alma, entregue às suas constantes mancomunações com Lúcifer e Satanás.

Sim, isso parecia ser verdade porque, Ondina guardava a mais absoluta reserva quanto aos seus trabalhos e ao seu modo de vida.

Nessa ocasião, as pessoas elegantes e ricas do Egito, estudavam na França ou na Inglaterra e traziam os conhecimentos que ali adquiriam a peso de muito ouro.

A religião cristã dominava em quase todos os setores.

Tudo quanto não fosse ditado pela Igreja, era pecado para os cristãos; devia ser confessado ao padre, para que a alma fosse absolvida, da condenação eterna, às penas do Inferno!

Um acontecimento talvez inexplicável (para os leigos em ciências ocultas) veio produzir profundas alterações na vida da bruxa Ondina.

Celebrava-se uma festa católica e Ondina, saindo do seu antro de feitiçaria que não abandonava havia muitos anos, saíra bem vestida, bem arrumada, fazendo assim ressaltar sua beleza ainda maravilhosa, e dirigiu-se à festa.

Aparentemente sem conhecer ninguém, pois conhecia quase todas as pessoas daquela cidade que a procuravam constantemente para se prejudicarem mutuamente por meio dos trabalhos de feitiçaria de que Ondina se encarregava com êxito aparente, ficou a sós, como que procurando alguma coisa ou alguém, com quem conversar, que lhe fizesse companhia...

Mas, aquela formosa mulher, decentemente trajada, não se parecia em absoluto com a bruxa desgrenhada que todos os dias atendia dezenas de pessoas no seu casebre; não podia ser aquela mulher desgrenhada que quase todas as noites deixava seu casebre sempre habitado pelos gênios do mal e donde partia o mal para muitas direções, contra muitas pessoas, para se dirigir ao cemitério ou a lugares desertos a fim de levar a efeito suas práticas diabólicas.

Era uma linda mulher, apenas, com um rosto de anjo, embora seu aspecto fosse completamente esquisito, que infundisse medo e admiração ao mesmo tempo; seu olhar tinha um quê de misterioso, de indecifrável; era insuportável; não havia quem pudesse fitar seus olhos que pareciam encobrir alguma coisa muito misteriosa, fora do comum, alguma coisa de que ninguém jamais poderia suspeitar ou imaginar...

Ondina passeava seus lindos olhos sobre as pessoas que passeavam de um lado para outro, algumas a sós, como que se divertindo vendo os outros se divertirem, outras conversando em pequenos grupos, crianças correndo e girando, aproveitando a liberdade natural que lhes é dada nas ocasiões de festas...

Aproximou-se de Ondina uma freira cuja beleza um tanto encoberta pelo hábito negro, ofereceu a Ondina um bilhete para o sorteio de um prêmio. Ondina recusou bruscamente, sem atentar para a jovem freira, nem ao menos se aperceber da sua rispidez, tanto mais injustificada quanto o

gesto delicado e humilde com que a freira lhe oferecera o bilhete.

Diante dessa atitude, a freira desculpou-se e retirou-se.

Pouco depois uma senhora de certa idade aproximou-se de Ondina, um tanto sorridente, e disse:

— Parece que a senhora não gosta de freiras!

— Não gosto das freiras e não gosto de nada!

— Mas, como pode a senhora viver sem gostar de alguém ou de alguma coisa?

Respondeu Ondina:

— E como pode a senhora viver gostando de alguém ou de alguma coisa?

— Meu Deus! Exclamou a interlocutora de Ondina; é possível que alguém possa não gostar de nada, nem de ninguém?

— Sim, é possível; tanto é possível que eu sou e sempre fui assim.

A dureza e rispidez com que falava em nada alteravam suas belas feições; impassível, imperturbável, olhava sempre ao longe, como que vendo alguma coisa além, muito além... Não fitava sua interlocutora, embora esta não se cansasse de olhá-la e admirar a sua beleza, embora estranhasse uma atitude tão rude, e um modo de pensar até então desconhecido, para aquela senhora.

— Afinal, a senhora deve ter razão em assumir essa atitude, pois, naturalmente, não lhe fui apresentada e também, por descuido, não me apresentei; meu nome é Zuleika, e o seu?

Ondina olhou fixamente para a sua interlocutora, sorriu com certo desprezo e não deu resposta.

Retirou-se em silêncio.

Zuleika seguiu-a, segurou-a pelo braço e disse meigamente:

— Se a senhora não quiser dar o seu nome, não tem importância; creio que se veio à festa é para se divertir; talvez não conheça ninguém e se eu puder ser útil, estou às suas ordens; nasci aqui e nunca saí desta cidade a não ser durante alguns anos em que estive estudando na França; mas voltei há algum tempo, tenho muitos conhecidos e posso apresentá-la.

Ondina tinha perdido o poder de sorrir e de chorar! Aceitou o convite de Zuleika, dizendo no seu habitual tom autoritário e seco.

— Não quero ser apresentada a ninguém; se encontrar alguma pessoa sua conhecida, pode deixar-me e acompanhar seus conhecidos, mesmo sem se despedir; estamos entendidas?

— Estamos! Respondeu Zuleika, sorrindo.

Saíram andando juntas. Zuleika falava continuamente, como procurando ser agradável à Ondina; esta respondia uma ou outra vez, como fazendo favor em falar.

— Aquele ali é o padre Suleiman! Disse Zuleika; é uma ótima pessoa; é filho de uma importante família desta cidade; foi infeliz nos amores e, por isso ingressou na carreira sacerdotal.

— Muito bem, respondeu Ondina.

— Está vendo aquela moça? Tem 22 anos; casou-se no mês passado com um vizir; foi uma derrota para as outras moças; ele era muito disputado, sabe?

— Ah?!

E, desse modo quase ingênuo, Zuleika foi apresentando grande parte da população; na realidade, Ondina conhecia muitas dessas pessoas que não a conheciam...

Depois de andarem algumas horas, terem se divertido, vendo os outros se divertirem, por assim dizer, Zuleika parou diante de um convento próximo do local onde se celebrava a festa e disse:

— Aqui o Convento de...

Ondina olhou atentamente para o edifício como que querendo ver através dos muros. Ficou extasiada, durante longo tempo, não proferiu palavras e parecia surda à loquacidade de sua companheira.

Depois, como que despertando de um letargo, disse friamente:

— Vamos embora?

Zuleika não respondeu, tão intrigada ficara com o êxtase de Ondina, diante daquele edifício; até havia pouco, Ondina repelira uma freira; Ondina dissera que não gostava de nada e de ninguém; Ondina era indiferente a tudo e a todos. Zuleika notou que Ondina quase não falava, nem ao menos para responder às perguntas ou para manter conversação... E agora, assumia uma atitude completamente inexplicável...

Mas, a inteligência de Zuleika não lhe permitia naturalmente vislumbrar os profundos mistérios que envolviam a alma de sua nova amiga!

Embora perspicaz, estava longe de supor quem fosse aquela sua companheira!

Não podia compreender a frieza daquela alma, se é que aquele lindo corpo era animado por uma alma...

Andaram mais um pouco e Zuleika, ainda procurando manter conversação, começou a fazer confidências.

— Está vendo aquele rapaz? É astrólogo. Formou-se o ano passado e tem um futuro promissor. Desejaria casar-me

com ele, mesmo que tivesse de procurar Ondina... Seu nome é Faruk.

Ondina olhou friamente para ela e limitou-se a responder, talvez levada pela força do hábito:

— *Seu caso já está resolvido*!

Zuleika continuava se divertindo observando os que passavam, enquanto Ondina parecia completamente absorta, alheia a tudo e a todos.

Finalmente disse Ondina:

— Preciso ir-me embora.

— Já? Por que não fica mais um pouco? Sua família marcou hora? Se a senhora quiser apresento-a a minha família, quer?

Ondina respondeu friamente:

— Não, vou-me embora, mas se a senhora quiser fazer-me um favor, aceitarei.

— Seja o que for desde que esteja ao meu alcance.

— Queria que fosse comigo ao Convento de... Pode?

— Quando quiser, minha amiga.

— Amanhã?

— A que horas?

— Às três da tarde; pode vir?

Virei sem falta.

— Boa noite! Disse Ondina.

— Boa noite, minha amiga; mas, não sei ainda o seu nome...

— Um dia saberá, respondeu Ondina friamente.

No dia imediato, às três horas da tarde, Ondina aproximou-se do portão do Convento, onde encontrou

Zuleika que a recebeu sorridente, fazendo menção de beijá-la.

Ondina afastou-a lentamente, e disse: Vamos entrar? Zuleika, enrubescida, pela atitude de Ondina, disse apenas: Vamos!

Ao serem recebidas no salão do Convento, disse que desejaria ver a menina Odila.

A freira olhou-a de alto a baixo, com ar intrigado, benzeu-se e retirou-se.

Ondina pediu à sua amiga que se retirasse quando Odila chegasse.

Momentos após, uma freira veio ao encontro de Ondina e disse que, por ordem superior, a menina Odila não podia receber visitas.

Não obstante a insistência de Ondina, a recusa foi categórica. Odila não apareceu e Ondina retirou-se com Zuleika, não deixando transparecer qualquer mágoa, qualquer emoção... Mantinha-se fria como uma estátua.

Zuleika continuava cada vez mais intrigada com a misteriosa mulher que conhecera na véspera; achava tudo aquilo muito misterioso; tudo sem nexo; tudo incompreensível; e, sobretudo, não podia imaginar o porquê da grande insociabilidade daquela formosa e misteriosa mulher...

Realmente, os egoístas vivem a sós...

Ao chegarem ao portão do Convento, Ondina limitou-se a despedir-se de Zuleika, com um frio “muito obrigada, até algum dia, se porventura tornarmos a nos encontrar!”

Zuleika retirou-se entre ofendida e intrigada.

Mas, aquela mulher, sem nome para ela, não saía do seu pensamento.

Não conseguia dormir, pensando involuntariamente em Ondina.

Chegou a amaldiçoar a hora em que fora procurá-la.

Procurava ligar os fatos, procurava descobrir quem poderia ser aquela mulher, como viveria ela, mas seu pensamento não encontrava o “fio da meada” que pudesse conduzir a uma solução...

Casualmente, Zuleika viu passar o astrólogo de seus sonhos. Seu pensamento se desenvolveu em torno do homem a quem dedicava seu afeto... Sobre suas conjecturas acerca das possibilidades do seu casamento com ele, e... Subitamente, lembrou-se das palavras da mulher misteriosa:

— Seu caso já está resolvido!

Zuleika tinha uma vaga lembrança de ter ouvido essas palavras antes de proferidas pela mulher misteriosa; mas quem as teria proferido? Como e quando as teria ouvido?

Realmente, estas palavras eram conhecidas na cidade; todas as pessoas que haviam procurado a bruxa Ondina, diziam que esta era sua única resposta para todos os pedidos.

Mas... Será possível que aquela formosa mulher fosse a própria Ondina? Não, não era possível! Todos diziam que Ondina era uma mulher desgrenhada, mal vestida, suja, que não saia de casa. Não era possível! Além disso, sendo bruxa, não iria a uma festa religiosa! Está claro! Ora, não podia ser Ondina!

— Mas, quem será? Bem, não sei quem possa ser! Mas, pelo simples fato de não conhecê-la, não posso dizer que não seja Ondina! Isso é o cúmulo! Estou ficando louca!

— Mas, se não é Ondina, por que disse aquilo? Ora, talvez tenha ouvido de outra pessoa, como eu ouvi! Mas, como poderia dizê-lo com tanta convicção?

Eram estes os pensamentos que cruzavam a mente de Zuleika, quando a criada anunciou o jovem astrólogo.

Este moço tinha sido companheiro de infância de Zuleika, porém, depois que se separaram na juventude, ela para ir para França e ele para seguir seus estudos, não mais se encontraram até que voltaram para sua terra natal.

Naturalmente, a idade, o tempo decorrido em que estiveram ausentes e tantos outros fatores muito contribuíram para que sua nova amizade não passasse de mera saudação à distância, como que acanhados um do outro; nenhum quis tomar iniciativa de reiniciar a amizade interrompida pelas contingências impostas pelo conceito social, segundo o qual, a mulher deveria receber certa educação e o homem, outra.

Finalmente, nesse dia, Faruk foi procurar Zuleika.

Deu-se a conhecer, porém, embora ela estivesse ansiosa por iniciar essa amizade que lhe parecia perdida para sempre, simulou certo esforço de memória.

Conversaram durante algum tempo e, no decorrer da conversa, ambos criaram mais entusiasmo e, quando ele se retirou, já havia morrido completamente aquela frieza que os separava, tendo ambos a impressão de que essa separação jamais existira; parecia que continuavam amigos, como em criança.

A visita do rapaz deixou Zuleika mais intrigada!

A mulher desconhecida lhe repetira a frase de Ondina, que então se tornara dito popular: “*Seu caso já está resolvido*”; isso foi há poucos dias e, agora, ele vem visitá-la, justamente quando ela menos esperava e começava a perder as esperanças...

Era preciso desmascarar a mulher misteriosa, mas... Seria ela a própria Ondina?!

Zuleika não abandonou esses pensamentos durante o resto do dia e passou boa parte da noite sem poder conciliar o sono; não conseguia ligar os fatos; a mulher misteriosa parecia ter profetizado seu próximo casamento com o astrólogo, mas... Casar-se-ia mesmo com ele, ou ele apenas procurava reatar a amizade por simples gentileza?

Teria cabimento a afirmação da mulher misteriosa, ou teria sido mera coincidência?

Finalmente, adormeceu com essas cogitações, e só despertou na manhã seguinte muito tarde, quando o sol invadia seu quarto.

Levantou-se repentinamente e, enquanto fazia a higiene da manhã, voltaram-lhe as cogitações com que havia adormecido.

De súbito, tomou uma resolução: visitar Ondina e verificar então se suas cogitações tinham razão de ser; era o único meio de resolver situação tão angustiosa.

Depois de se preparar convenientemente, saiu, sem dizer para onde ia; apenas confiou à sua criada que ia fazer uma visita e talvez demorasse.

Diante da surpresa da criada, esclareceu que precisava procurar “alguém” para abreviar seu casamento.

A criada não hesitou em exclamar:

Nossa Senhora! A senhora vai procurar a feiticeira Ondina? Pelo amor de Deus, não faça isso!

Zuleika sorriu e ordenou à criada que não dissesse nada a ninguém.

A criada limitou-se a responder que era um “túmulo fechado”, mas que ficaria rezando para evitar que o espírito do diabo tomasse conta dela e que Deus não quer essas coisas.

Depois de uma caminhada bastante longa, sob um sol causticante, por caminhos que Zuleika até então desconhecia, chegou finalmente a uma casa completamente isolada no meio de um terreno baldio, merecia mais o nome de casebre do que mesmo de casa; tudo indicava o desleixo, a falta de higiene e talvez a pobreza extrema.

Diante da porta apinhava-se um grande número de pessoas e parecia que todos esperavam pacientemente como que dominados por uma força invisível.

Zuleika, muito observadora, olhou de longe procurando ver o que se passava, quem estava ali e, enfim, essas observações próprias de uma pessoa escrupulosa, que se envergonha de se imiscuir em certos ambientes, que zela pela sua reputação.

Não lhe foi difícil ver, mesmo de longe, que muitas pessoas suas conhecidas estavam ali.

E, agora? Que fazer? Mas, ela e ainda não tinha sido vista por ninguém; ainda era tempo de voltar sem que ninguém percebesse.

Ainda na dúvida se voltava ou se prosseguia, teve uma idéia: afinal, conhecia pessoalmente Ondina; já lhe havia prestado um favor; e, conquanto não existisse propriamente uma amizade íntima e a despeito da rudeza de Ondina, esta desculparia uma falta inocente de Zuleika; por isso, julgou que poderia entrar pelos fundos e fazer- se anunciar; assim, seria atendida logo e ninguém a veria.

Não tinha ela ânimo para voltar porque desejava duas coisas ao mesmo tempo: saber se aquela mulher era realmente Ondina e... Se fosse, então dar-lhe a nova notícia e pedir-lhe, talvez, que apressasse seu casamento...

Assim, decidiu agir; entrou pela porta dos fundos, tendo acesso pela cozinha, onde encontrou a porta encostada; entrou sem encontrar ninguém.

Hesitou se deveria entrar ou bater; e, antes que se tivesse decidido, ouviu uma voz rouca que dizia:

— Por ordem do grande Lúcifer, hoje só posso atender treze pessoas. Portanto, serão atendidas as treze pessoas que chegaram em primeiro lugar, as demais podem se retirar e voltar outro dia.

A moça avançou, sem ser percebida. Quando procurava falar à feiticeira, notou que esta entrava para o seu gabinete e que na sala, haviam entrado treze pessoas que esperavam ser atendidas.

Assim, Zuleika não teve outro remédio senão colocar-se detrás da uma separação de madeira, ficando exatamente atrás do gabinete da bruxa; não podia sair dali, pois seria vista pelos que estavam na sala, esperando para serem atendidos; não poderia chamar a feiticeira porque também seria notada.

Antes que pudesse tomar uma decisão, gritou nova-mente a bruxa — com voz cavernosa:

— O primeiro pode entrar!

Começou assim a bruxa Ondina o trabalho daquele dia.

1. Para que os sonhos se tornem tem realidade

A primeira pessoa atendida foi uma moça, ainda bastante jovem, sonhadora, a julgar por seu aspecto.

Queixou-se de que seus pensamentos não se realizavam; queria que seus sonhos se tornassem realidade e, por isso, pedia o auxílio da bruxa.

— Todas as sextas-feiras, coloque debaixo do seu tra-vesseiro uma ESTRELA DO MAR; antes de colocar a estrela, não pense em nada; depois de colocar a estrela, da Bruxa Ondina, pense no que quiser; seus sonhos se reali-zarão.

— Muito obrigada!

— *Vai-te*! *Teu caso está resolvido*!

Estas palavras fizeram estremecer Zuleika.

2. Para ganhar a sorte grande

A segunda pessoa foi um homem de certa idade, de aspecto bastante modesto, pobre mesmo.

Queixou-se de que, apesar de ter trabalhado muito desde sua juventude e de ter sido sempre honesto, jamais conseguira sair da pobreza; tentara a sorte em várias espécies de negócios que lhe saíram mal; tentou ganhar na loteria, mas também, tinha sido sempre infeliz.

A bruxa ensinou:

— Numa segunda-feira da lua crescente comece a usar uma ESTRELA DO MAR que pode ser adquirida em qualquer dia.

Quando estiver para comprar um bilhete de loteria, faça-o na quinta-feira, ao meio-dia, trazendo a estrela do mar, no bolso do lado direito.

— Não sei como agradecer!...

— *Vai-te*! *Teu caso já está resolvido*!

3. Para saber o paradeiro de uma pessoa pela qual estamos apaixonados

Entrou uma mulher de meia idade; desejava saber o paradeiro do seu amante, desaparecido havia algum tempo.

— Compre uma estrela do mar; envolva-a num pedaço de seda azul marinho com um objeto qualquer que tenha sido usado pelo seu amante; num sábado, coloque esse pacote debaixo do seu travesseiro; se fizeres isso corretamente, sonharás com ele e, em sonho ele dirá onde está.

— Muito agradecida, muito obrigada!

— Vai-te! *Teu caso já está resolvido*?

4. Para descobrir se o homem ou a mulher é fiel

Entrou no gabinete da bruxa uma mulher de aspecto torturado; desejava ardentemente saber se seu marido era fiel ou se tinha alguma mulher.

— Embrulhe uma peça de roupa branca do seu marido, que tenha sido usada e não lavada; embrulhe em seda vermelha e coloque debaixo do colchão, do lado em que ele costuma se deitar; na noite seguinte, mantendo ainda o embrulho debaixo do colchão, do mesmo lado, use um artifício qualquer, de modo que ele durma do lado em que você costuma dormir e, você, passará para o lado em que ele dorme.

Se ele tiver outra mulher, você a verá em sonhos; se sonhar com qualquer mulher, pode saber que ele tem uma amante. É provável que você sonhe com uma mulher sua conhecida; nesse caso, não será ela a amante do seu marido; esse sonho indicará apenas que a alma dessa sua amiga, veio lhe avisar que ele tem uma amante, mas não será a sua conhecida; este processo pode também ser usado pelos homens.

É só?

— É só! Vai-te! *Teu caso já está resolvido*!

5. Para saber se a pessoa que amamos é sincera para conosco

Agora, entrou uma moça de seus 25 anos; disse ser noiva e que, a despeito dos galanteios do seu amacio, desconfiava que ele não fosse muito sincero; desejava saber quais eram seus sentimentos.

— Faça com que ele lhe dê um presente qualquer; use um artifício qualquer de modo que você receba esse presente num domingo.

Guarde-o sem usar, até a terça-feira seguinte.

À hora de dormir, embrulhe o presente com uma estrela do mar, em seda cor de rosa.

Nessa mesma terça-feira, coloque o embrulho debaixo de seu travesseiro; se sonhar com ele, pode ter a certeza de que ele é absolutamente sincero; se sonhar com outro homem, é sinal de que ele é mais ou menos sincero; se não sonhar com ele nem com qualquer outro homem, então será sinal de que ele não é sincero em absoluto.

— Você, prosseguiu a bruxa, não deve deixar que ele saiba disto, porque poderá aplicar o mesmo processo; se você sonhar com outra mulher, então você não é sincera a ele ou, dia virá, em que deixará de ser sincera!

— Como? Perguntou a consulente. Então...

— Vai-te *Teu caso já está resolvido*!

6. Para que uma pessoa nos auxilie financeiramente

Entrou um homem, de aspecto desesperado; estava em péssima situação financeira; tinha um amigo que podia auxiliá-lo, mas recusava-se.

— Consiga um objeto qualquer dessa pessoa; à meia-noite de uma quinta-feira da lua cheia, lance ao rio, riacho, etc., porém, deve fazê-lo para traz e, depois disto, saia correndo, sem olhar para o lugar em que caiu o objeto.

Três dias depois, tome uma estrela do mar; à meia-noite, segure a estrela na mão direita e diga em voz alta, no meio de uma encruzilhada, que o nome dessa estrela é fulano (o nome do seu amigo que não quer lhe auxiliar). Todas as vezes que tiver de se dirigir a ele, segure a
estrela com a mão direita, chame-a pelo nome do seu amigo e ordene para que lhe dê determinada importância.

— Vai-te! *Teu caso está resolvido*!

7. Para afastar um inimigo

Um homem de aspecto irritado, enervado, queixou-se que tinha um inimigo muito perigoso e que, talvez, a única solução fosse matá-lo.

A bruxa limitou-se a responder:

— Tome um objeto qualquer que pertença a essa pessoa, de preferência uma peça de roupa branca, que esteja suja; numa sexta-feira da lua minguante enterre essa peça de roupa numa cova de dois palmos de profundidade, ao pé de uma palmeira; tenha o cuidado de escrever em tinta vermelha o nome do seu inimigo em um pedaço de papel branco, com letra bem legível.

— E, depois? Perguntou o consulente.

— Seu inimigo se afastará de você ou virá fazer as pazes.

— Vai-te! *Teu caso está resolvido*!

8. Para reconquistar o amor perdido por causa de um rival (serve para homem ou mulher)

Uma mulher queixou-se de ter perdido o amor do marido por causa de outra, que o perseguia continuamente até que ele a abandonou por completo.

A bruxa aconselhou:

— Compre uma estrela do mar! Embrulhe a estrela com uma peça de roupa branca do seu marido, que não tenha sido lavada. Coloque esse embrulho dentro do seu colchão.

Procure conseguir uma peça de roupa branca da mulher que conquistou seu marido, que também esteja suja. Num sábado, à meia-noite, queime a peça de roupa de mulher num lugar deserto, de preferência perto de uma árvore; será melhor embeber a peça de roupa em um pouco de álcool e, quando estiver ardendo, diga em voz alta:

“Destrua Lúcifer, o poder dessa mulher sobre fulano.”

Vai-te! *Teu caso está resolvido*!

9. Para ter um filho do sexo desejado

Em seguida, foi atendida outra mulher que se achava grávida. Desejava que seu primeiro filho fosse homem e o segundo do sexo feminino.

Compre um par de sapatos de lã azul, numa segunda-feira da lua crescente; embrulhe nele uma estrela do mar e envolva tudo num pedaço de seda azul e conserve esse embrulho consigo, durante todo o tempo da gravidez; para ter uma filha, proceda do mesmo modo, substituindo a cor azul pela cor de rosa.

— Muito obrigada...

— Vai-te! *Teu caso está resolvido*!

10. Para fazer com que simpatizem conosco

Agora, foi atendido um homem de seus 25 anos; queixava-se de que ninguém simpatizava com ele, nem homens nem mulheres; por isso vivia sempre só, sem um único amigo, embora tivesse muitos conhecidos; as mulheres o desprezavam, de modo que também não tinha pràticamente nenhum conhecimento com mulheres.

— Numa quinta-feira da lua crescente, compre uma FIGA DE ARRUDA BENZIDA, DE ORIGEM AFRICANA; traga-a sempre consigo.

— Depois que devo fazer?

— Trazê-la sempre contigo! Vai-te! *Teu caso está resolvido*!

11. Para vencer a indiferença daquele a quem amamos — (Serve para homem ou mulher)

Entrou um homem que se queixava de amar loucamente certa mulher a qual continuava indiferente a despeito de

todos os seus galanteios.

— Compre uma estrela do mar! Embrulhe nela uma peça de roupa íntima já usada pela mulher a quem ama. Envolva isso num pedaço de seda cor de púrpura e traga esse embrulho sempre dentro do seu colchão; deve ser colocado dentro do colchão à meia-noite de uma terça- feira da lua crescente.

— Muito obrigado!

— Vai-te! *Teu caso já está resolvido*!

12. Para afastar de um ente querido uma pessoa inconveniente

Agora, uma mulher queixou-se de que seu marido mantinha amizade com certas mulheres que ela (esposa) reputava perigosas; desejava afastá-las do marido.

— Tome uma peça de roupa branca usada, que pertença a uma dessas mulheres; à meia-noite de um sábado da lua minguante, embeba essa peça de roupa em pouco de álcool e deite fogo; quando estiver ardendo, lance sobre ela um pouco de enxofre; permaneça ao lado da peça até que se extinga completamente o fogo; depois, recolha as cinzas e sepulte numa cova de três palmos de profundidade.

— É só isso?

— Sim! Vai-te! *Teu caso já está resolvido*!

13. Para conseguir casamento com uma pessoa rica

Uma jovem manifestou seu desejo de casar-se; disse que era bastante requestada, porém, em virtude de suas condições humildes, não conseguia casamento com pessoa rica; era seu desejo casar-se com uma pessoa rica mesmo velha, não lhe interessando um moço pobre ou que tivesse poucos bens.

— Tome uma peça de roupa íntima, sua mesma, que você tenha usado durante sete dias consecutivos, e que

ainda não tenha sido lavada, continuando, portanto, impregnada dos humores do seu corpo; embrulhe nela uma estrela do mar e algumas cédulas, mesmo de pequeno valor; embrulhe tudo isso em seda azul celeste, costure com linha de seda da mesma cor; num domingo da lua cheia, ao meio-dia, sepulte esse embrulho à margem de um rio ou riacho.

— Muito obrigada!...

— Vai-te! *Teu caso já está resolvido*!

***

Escusado é dizer que Zuleika ouviu tudo com o maior interesse.

Precisava, porém, vê-la e pedir seus conselhos; conquanto tivesse esclarecido que, por ordem de Lúcifer, atenderia somente 13 pessoas, talvez fizesse uma exceção para ela.

Dispunha-se a sair do seu esconderijo e, quando chegou à sala de espera, antes de entrar no gabinete da bruxa, ouviu-a dizer com sua voz rouca:

"*Grande Lúcifer, Imperador do Inferno, meu amigo e meu escravo enquanto eu estiver na terra! Vem, imediatamente, em nome do nosso pacto, para que eu te dê as ordens de hoje*".

Imediatamente, ouviu-se o estrondo como o de um trovão que fizera estremecer toda a casa; seguiu-se um cheiro muito forte de enxofre, e uma escuridão completa e intensa cobriu tudo; poucos segundos depois, apareceu uma luz intensamente vermelha e um grande calor enchia toda a casa; o cheiro de enxofre aumentou.

Zuleika estremeceu da cabeça aos pés!

— Que fazer agora, meu Deus! Meu Deus auxilie-me! Virgem Santíssima venha em meu auxílio! Por que vim

aqui?

Ouviu então uma voz estranha, simplesmente indescritível; uma voz que infundia terror, que lhe arrepiou os cabelos; uma voz que, de modo algum podia ser humana, dizia:

— Há treze anos venho servindo-a lealmente; agora, me traíste, bruxa miserável!

— Como assim? Respondeu a bruxa, com sua voz cavernosa.

— Receberei e cumprirei as tuas ordens, na forma do costume, se trouxeres à minha presença a mulher que está escondida na sala de espera, e que ouviu tudo, desde o começo da sessão de hoje.

A bruxa fez uma reverência e saiu pressurosa para a sala de espera.

Zuleika estremeceu e, do fundo da alma, invocou o nome de Deus; instintivamente empunhou com a mão direita a FIGA DE GUINÉ que trazia ao peito [3]; seu pensamento relembrou num instante toda a cena bíblica quando Jesus Cristo foi tentado por Satanás e, finalmente, lhe dissera:

— “Vai-te Satanás! Está escrito, somente a Deus adorarás e a Ele servirás!”

Toda essa invocação mental de Zuleika passou-se em breves segundos (graças à grande velocidade do pensamento); ainda se achava nesse estado quando a bruxa se aproximou da porta do seu gabinete, mas... Pela primeira vez em toda sua vida, teve um desmaio que a privou completamente dos sentidos, caindo ao chão.

Instintivamente, Zuleika se dirigiu para o gabinete da bruxa; não sabia por que, nem se deveria socorrê-la, nem se deveria fugir...

Apenas havia assomado à porta do gabinete, a luz vermelha desapareceu, sendo substituída por uma grande escuridão, um estouro tremendo fizera estremecer toda a casa, um cheiro de enxofre mais intenso... Zuleika ficou atordoada e cerrou os olhos; seu pensamento continuava voltado para Deus!

Ao abrir os olhos, nada mais viu, além do gabinete miseravelmente mobiliado, a sala de espera onde a bruxa ainda estava prostrada no chão, como se estivesse morta tudo havia voltado ao normal. Mas... Ondina não era sua amiga misteriosa... Havia grande diferença entre as duas; aquela era uma mulher de fisionomia indescritivelmente feia, horrível, lembrando os fantasmas das histórias de crianças, que inspirava repugnância; enquanto que a mulher misteriosa era extraordinàriamente bela.

Zuleika sentiu-se tão apavorada com o que acontecera que, a despeito de todos os seus esforços, não teve ânimo para socorrer Ondina; deixai-a prostrada por terra e saiu apressadamente, deixando a porta aberta; saiu como que desesperada, quase perdendo o fôlego, quase lhe faltavam as forças, sentia que a cabeça ia estourar, as pernas amoleciam e precisava de um grande esforço para não cair; por pouco não perdeu a razão; não tinha a menor consciência do caminho que percorria e... Quando chegou a casa, nem sabia ao certo onde estava; talvez estivesse sonhando!

Sua criada tirou-a desse estado:

— Como a senhora está pálida; está tremendo, o que foi que aconteceu? Por favor, responda! Meu Deus!

E, com essas exclamações auxiliou Zuleika a entrar no seu quarto e deitar-se, dispensando-lhe os necessários cuidados.

Pouco depois, ela voltava a si, e encontrou sua zelosa criada que lhe dispensava todos os cuidados.

Zuleika agradeceu e, depois que se sentiu melhor, contou à criada, agora, sua confidente, toda sua trágica aventura, desde o dia da festa.

A criada, em tom de censura complacente, disse-lhe:

— É isso o que acontece aos que abandonam Deus, para procurar o diabo! Além disso, se a mulher é misteriosa, é por conta dela! A senhora fez muito mal em pensar que aquela mulher tão bonita era a miserável bruxa Ondina!

***

Passaram-se os meses. Depois dos acontecimentos que ocorreram em casa de Ondina, Zuleika retornou à sua vida normal.

O astrólogo aproximava-se cada vez mais; de quando em vez, nas suas conversas com a jovem, insinuava qualquer coisa relacionada com o casamento, esperando ouvir uma palavra de estímulo, que o habilitasse a propô-lo.

Ela, conquanto ainda animada do desejo de casar-se com o rapaz, algumas vezes mostrava-se esquiva, outras vezes, desviava o assunto, algumas vezes mostrava-se interessada, porém, sempre demonstrava profunda tristeza e terminava por encerrar a conversa e despedir-se.

Faruk mostrava-se cada vez mais intrigado! Ela permitia que ele a cortejasse, dispensava-lhe todas as atenções; mas o assunto do casamento que era sua principal finalidade (e também de Zuleika) produzia nela uma reação estranha, profundamente triste que muitas vezes arrancava lágrimas de seus lindos olhos. Por quê? Estaria ela comprometida com algum outro homem? Tudo indicava que o amava! Mas, por que essa atitude? Teria ela cometido alguma leviandade?

Certos acontecimentos que uma vez se apresentam na nossa vida parecem que se repetem em determinados períodos.

A astrologia explica esse fenômeno pela ocorrência de certos aspectos planetários que se repetem em determinados períodos de tempo, Mas, felizmente, a identidade absoluta não existe em nenhum dos planos da Natureza e as lições de ontem servem como paradigma para a solução dos problemas de amanhã.

É assim que a Natureza ensina a humanidade! Castigando-a, porque a dor que se arraiga na alma, embora produza uma revolta imediata, prepara o espírito para novas fases da luta!

Agora, decorreu exatamente um ano do dia em que Zuleika encontrara Ondina pela primeira vez; havia, pois, transcorrido um ano, que Zuleika não via Ondina, ou melhor, a mulher misteriosa que conhecera na festa!

A bruxa Ondina continuava “no cartaz”; seus trabalhos não sofreram interrupção desde os acontecimentos que se deram com a visita de Zuleika à repugnante casa da bruxa; Zuleika não sabia ao certo quem era mais repugnante, se a bruxa Ondina ou sua casa!

Ainda amedrontada pelos acontecimentos do ano, anterior, intrigada com o misterioso desaparecimento de sua amiga a mulher misteriosa, como a apelidara por não saber seu nome, conquanto muitas vezes ela tivesse procurado pelas ruas e nas imediações do convento... Mas não tornou a vê-la.

A festa repetia-se, como no ano anterior.

Faruk foi buscar Zuleika que, nesse dia estava muito entusiasmada, muito alegre, e mais satisfeita ainda porque ele tornava suas visitas mais amiudadas. Estava tão satisfeita, que, nesse dia, se esqueceu por completo da sua amiga misteriosa, de Ondina e dos acontecimentos desagradáveis que se seguiram àquela época de festas, no ano passado.

Saiu com o rapaz e quando passeava pela festa, notou, quando menos esperava, aquela formosa mulher misteriosa, plantada como estátua, no mesmo lugar onde a encontrara no ano passado.

Subitamente largou o braço do astrólogo e saiu apressadamente ao encontro de Ondina, cujo nome ainda ignorava.

— Minha amiga, como está a senhora? Disse Zuleika, mostrando a mais viva satisfação ao vê-la.

— Muito bem, obrigada! Como está você, Zuleika?

Naturalmente, Zuleika estranhou aquele “você”, proferido pela primeira vez, por aquela boca que somente sabia proferir palavras ríspidas.

— Bem, obrigada. Apresento o Faruk, o astrólogo de quem já lhe falei... Nesse momento Zuleika estremeceu, seus olhos se encheram de lágrimas, e uma profunda tristeza cobriu-lhe o rosto.

Ondina, sem demonstrar a menor perturbação, como se não notasse o que se passava com a moça, limitou-se a responder secamente:

— Muito prazer! E, voltando-se para Zuleika:

— Zuleika! Vim procurá-la para lhe pedir, mais um favor; queria que fosse comigo ao convento, bem entendido, se o senhor não fizer objeção.

— Não, absolutamente, respondeu Faruk.

— Pois, não, respondeu Zuleika, ainda trêmula. Ficou combinado que se encontrariam no dia imediato, à porta do convento e se despediram.

Zuleika continuou passeando com o rapaz até tarde.

No dia imediato, as duas encontraram-se à porta do convento.

Zuleika, nem ao menos pensou em perguntar o nome de sua amiga, pois tinha certeza da recusa.

Ao serem atendidas, repetiu-se a mesma cena que no ano anterior:

— A menina Odila não pode receber visitas!

Diante dessa resposta, retiraram-se.

Agora, era Ondina, a mulher impassível, que demonstrava a mais profunda emoção, a mais profunda tristeza.

Zuleika continuava intrigada com essa recusa for mal, por parte da superiora do convento.

Caminharam em silêncio e, quando haviam se afastado do convento Zuleika perguntou quem era Odila.

Ondina, olhou-a friamente, com os olhos cheios de lágrimas, sem poder encobrir a emoção, e respondeu:

— É minha filha!

— E por que não permitiu que você visse sua Própria filha? Perguntou Zuleika indignada.

— Porque... Eu sou Ondina, a bruxa!

Estas palavras fizeram estremecer Zuleika, que parou de súbito; olhou fixamente para Ondina, e disse:

— Mas... Você é Ondina? Por favor, não graceje! Não é possível que aquela mulher horrível seja você mesma! Por favor, não brinque assim; afinal, por que disse isso?

— Porque, realmente, sou Ondina, a bruxa! É que você ainda não conhece certas coisas e faço votos que jamais venha a conhecer. Conserve-se na sua inocência e não procure saber certas coisas que lhe poderão fazer mal!

Ia prosseguir, quando um estouro semelhante ao de um trovão se fez ouvir. Era Lúcifer; aparecia no meio da estrada deserta, ladeada apenas por terrenos baldios!

Ondina caiu de joelhos:

— Perdão, Lúcifer! Perdão!

— Disse-lhe que não fosse ao convento nem se encontrasse com essa mulher! Respondeu Lúcifer. Agora que me desobedeceste pela segunda vez, vou levá-la comigo! Nosso pacto está concluído e você me pertence!

No primeiro instante, Zuleika sentiu-se amedrontada. Mas, animada de uma Fé inabalável em Deus, invocou seu nome, empunhou instintivamente a FIGA DE GUINÉ!

Então, viu Ondina de joelhos diante daquela figura horrível que tanto a amedrontara no ano passado; a formosa e misteriosa mulher já não estava ali... Agora, Ondina era apenas aquele monstro que Zuleika havia deixado entendido no chão do casebre repugnante... A metamorfose foi instantânea!

O cheiro de enxofre que na primeira vez quase a sufocara, agora nem chegava às suas delicadas narinas; a luz vermelha intensa que teria sido vista à grande distância, agora não feria os lindos olhos de Zuleika; aquelas duas figuras monstruosas que fariam qualquer pessoa correr, lhe pareceram meras caricaturas caprichosas, capazes de ferir apenas a imaginação de uma criança!...

A cena da véspera entre Zuleika e Ondina, não passou despercebida a Faruk, embora simulasse não ter notado qualquer diferença em Zuleika. Por isso, seguiu-a de longe, pois já estava inteirado do encontro dela e Ondina na porta do convento.

Quando saíram do convento, ele continuou seguindo-as de longe e, por isso, não podia ouvir o que diriam.

Quando pararam aproximou-se um pouco, escondeu- se detrás de uma árvore um pouco distante, de modo que também não podia ouvir a conversa.

Quando, porém ouviu o estampido semelhante ao de um trovão, compreendeu que Zuleika devia estar em perigo e correu em seu auxílio; mas, ao chegar perto, já Lúcifer tinha aparecido, Ondina já estava de joelhos e a moça extasiada com o pensamento fixo em Deus. O jovem limitou-se a fazer o mesmo que Zuleika e, como estivesse munido de sua FIGA DE ARRUDA [4], teve ânimo para arrancar sua amada daquele local e retirar-se apressadamente com ela.

SÉTIMA PARTE

Receitas da Bruxa Zilda

A diabinha da felicidade

A bruxa Zilda viveu nos campos próximos da cidade de Roma, antes que a Itália se tivesse formado como país.

Ao que se sabe, viveu até os 105 anos de idade, quando expirou deixando grande tesouro que provocou grandes desgraças, pois, não eram poucos os que desejam tomá-lo para si.

A bruxa era conhecida como possuidora de um grande tesouro que era cobiçado por quantos o sabiam; com a sua morte inesperada, muitos e muitos se encheram de esperanças de enriquecer ràpidamente, ficando com os bens da velha bruxa.

Naturalmente, ela não ignora essas intenções dos seus grandes antigos e inúmeros conhecidos; assim, antes da sua morte, tomou todas as providências que os seus poderes satânicos lhe permitiam, para que todos aqueles que tentassem usurpá-lo encontrassem a desgraça e a morte.

Extremamente bela, Zilda não deixou transparecer a idade; seu semblante jovem e formoso causava a impressão

de se tratar de uma mulher ainda na flor da idade.

Entretanto, muitos anciãos contavam que a conheceram quando ainda jovens, mas que ela não envelhecia não se sabia por quê.

Alguns costumavam imaginá-la como uma pedra que não se deixa corroer pelo tempo; os jovens a conheciam e admiravam a sua beleza; eles iam envelhecendo naturalmente, mas Zilda se conservava jovem, inatingível pelo tempo e pela idade.

Quando se constatou sua morte, muitos acorreram ao seu casebre, a fim de vê-la pela última vez e acompanhar o seu enterro; muitos se mostravam consternados, outros indiferentes.

Dentre os consternados, parecia atingir o auge do desapontamento e mesmo da angústia, um ancião que se postara à porta, qual uma estátua, não proferindo palavra, olhando quase fixamente para a câmara ardente ao fundo da sala ; parecia relembrar o passado... Um passado remoto, muito remoto.

A princípio aquele velho não foi notado, em virtude do grande número de pessoas que acorriam ao local; finalmente, despertou a atenção de um pequeno grupo que se dirigiu a ele e procurou entabular conversação.

A princípio parecia não dar acordo de si; não respondia.

Finalmente, como se despertasse de um sono profundo, começou a responder com certa lentidão, como se não tivesse pressa de falar ou como se estivesse fazendo favor em falar.

— Tinha cerca de trinta anos quando conheci Zilda; procurei-a muitas vezes para resolver os meus problemas íntimos. Desde o começo simpatizei-me com ela e, por este motivo, voltei aqui mais vezes do que o necessário.

Certo dia, procurei Zilda muito tarde; quando cheguei, poucas pessoas estavam presentes e prestes a sair; fui o último a ser atendido; quando ela me chamou, cerrou a porta, para que ninguém mais entrasse.

Nesse dia, Zilda mostrou-se mais amigável do que das outras vezes; atendeu-me com muita calma, pois, não havia mais ninguém para atender.

Para mim, isto foi motivo de grande prazer, porque ela era realmente bela; a sós, surgiram muitos pensamentos no meu cérebro...

Zilda limitava-se a olhar-me com olhar inquisidor, sorrindo maliciosamente; parecia ler os meus pensamentos, mas eu não me atrevia a dizer-lhe qualquer coisa.

Finalmente, ela me perguntou por que estava tão preocupado, se a procurara para resolver-me uma questão muito séria.

Fiquei embaraçado, sem saber o que dizer, pois fizera a pergunta de modo muito malicioso, sorrindo mais maliciosamente ainda.

Corno não obtivesse qualquer resposta e notasse o meu ar desconcertado, Zilda retirou-se do pequeno quarto onde atendia, prometendo voltar imediatamente.

De fato, decorridos alguns minutos, ela voltou... Nua, como nascera.

Não tive qualquer dúvida! Assim, começou uma amizade que se prolongou durante longos anos e que foi cortada por ela mesma.

Nos nossos constantes encontros, revelou-me sua história.

Tendo perdido seus pais ainda na infância, foi acolhida por uma família que lhe dispensou todo apoio, tratando-a como se fora filha.

Ao atingir seus dezoito anos, enamorou-se de um rapaz que prometeu tomá-la, como esposa.

As promessas se sucediam e assim, Zilda entregou-se.

Os encontros desta natureza se repetiram ainda algumas vezes, até que, finalmente, a família sua protetora descobrira; e considerando-a filha, embora adotiva, não suportou o choque tremendo, vindo, sua progenitora adotiva a falecer poucos dias depois, como conseqüência do desgosto, pois, lhe dedicava uma estima muito especial e sentia-se profundamente decepcionada.

A princípio, embora consternada, Zilda não deu maior importância ao fato, dada a sua grande inexperiência da vida; mantida constantemente em casa, desconhecia os aspectos árduos do destino.

Depois daquele desenlace que, para ela, foi fatal pelas suas conseqüências, Zilda passou a ser tratada com o maior desprezo; em sua casa, todos adoravam sua mãe adotiva e agora, votavam ódio mortal à Zilda, causadora involuntária da sua morte.

A princípio, Zilda não ligou muito os fatos; depois começou a compreender a situação.

Certa noite aproximou-se da janela, contemplou o céu e pôs-se a pensar orno poderia resolver aquela situação que ela criara involuntariamente; seu namorado desaparecera como por encanto, embora tivesse insistido no casamento, que, afinal, era a sua única esperança.

Sim, dentro de poucos dias ele voltaria e, para ela estaria tudo resolvido, embora com profundo constran-gimento pelo falecimento de sua grande protetora.

Mas os dias se passaram; seguiram-se as semanas e os meses; o namorado desapareceu; Zilda começou a ter a impressão de que quanto mais passava o tempo, mais seu namorado se distanciava dela...

À medida que o tempo corria, aumentavam o ódio e o desprezo dos familiares de Zilda, por ela.

Certa noite chegou quase a enlouquecer, de tanto pensar: sem um único amigo, uma única amiga, sem um conselheiro, sem um amparo de onde quer que fosse sem uma fisionomia amiga... Como, repentinamente, se transformara sua vida tão feliz de poucos meses antes...

Tomada de desespero, Zilda saiu de casa, alta hora da noite, sem ser percebida; caminhou vagarosamente por uma longa estrada, banhada pelo luar; ninguém a importunava; ninguém a incomodava; ninguém cruzava com ela, naquela estrada que parecia tão longa quanto a própria estrada da vida...

Caminhou quase inconsciente, horas a fio; seus pensamentos davam voltas num círculo vicioso; não sabia em que pensar; e que resolução tomaria? A primeira parte estava feita; afastou-se daqueles que a odiavam com justa razão; mas, e agora, que fazer?

Dominada pelo cansaço e pelo sono, parou no meio da estrada; olhou em todas as direções e não viu ninguém; penetrou entre a folhagem e adormeceu.

Despertou quando o calor e a luz do sol caiam sobre o seu corpo e um vozerio ensurdecedor chegava aos seus ouvidos.

— Deve ter ido por ali.

— Creio que foi por lá.

— Continuem a procurar!

Aquelas vozes que surgiram repentinamente lhe eram familiares; seu pai adotivo, alguns amigos da família, criados, etc.

Compreendeu logo que sua ausência havia sido logo notada e que a procuravam.

Pensou em sair do seu esconderijo, acalmá-los, entregar-se, enfim.

Hesitou por um momento; precisava pensar antes de tomar uma decisão.

O tempo urgia e ela precisava decidir-se prontamente. O momento era perfeitamente oportuno para voltar para casa, em melhores condições.

Mas, tomada de tão grande indecisão, tanto hesitou que acabou continuando no seu esconderijo.

Percebeu que se afastavam, pois, alguém dissera em alta voz que talvez tivesse seguido outro caminho.

— Procurem-na com cuidado; não quero perder minha idolatrada filha, disse seu pai adotivo.

Zilda compreendeu que, apesar de tudo o que ocorrera e da indiferença com que era tratada desde a morte de sua mãe adotiva, não era odiada por seu pai adotivo nem pelos seus amigos; estavam, apenas, magoados com o seu procedimento.

Depois que se afastaram, deitou-se novamente à sombra de uma árvore e pôs-se a pensar.

Se a procuravam é porque a queriam de volta; não havia, portanto, razão para que fugisse do seu lar, enfrentando o desconhecido.

Se a tivessem encontrado, tê-la-iam levado para casa.

Por que não voltar agora, que já estava ciente de que a queriam?

Não! Pensariam que teria ido pernoitar com algum homem...

Ruminou esses pensamentos o dia inteiro e, ao cair da noite, adormeceu, no interior de uma caverna que encontrara próximo do local onde estava, mais dominada pelo cansaço mental.

Adormeceu profundamente e sonhou que se aproximou dela uma linda mulher vestida de vermelho e disse-lhe:

— Zilda, meu bem! Não se sinta tão culpada pelo mal que causaste, pois, não tiveste qualquer intenção maldosa. Foi o próprio destino que enredou os fatos de modo que tudo isto viesse a acontecer.

— E quem és tu? Perguntou Zilda, em sonho.

— Eu sou o diabo.

— Então, afasta-te de mim! Não te quero ver nunca mais.

— Menina, não vim causar-te mal, vim ajudar-te. Ouve! Conserva contigo este lenço vermelho; enquanto o tiveres terás grandes poderes para o bem e para o mal. Usa o poder que quiseres. Não te aconselho a praticar o bem, nem a praticar o mal; faze o que quiseres. Mas, aceita um conselho: não volta para tua casa, a fim de não causares mais males.

Dizendo estas palavras o diabo do sonho desapareceu lentamente; Zilda seguia-o com os olhos, até perdê-lo de vista.

Na manhã seguinte quando despertou, encontrou rio chão, perto da sua linda cabeça, um lenço vermelho.

Logo se lembrou do sonho e verificou que, realmente, um ser estranho estivera ali, durante a noite.

Estremeceu da cabeça aos pés; quis gritar, mas sua voz não saia; quis olhar-se ao espelho, para ver se sua fisionomia apresentava uma nova feição, mas não podia fazê-lo, porque não tinha levado nenhum espelho.

De súbito, levantou-se, e tentou correr em direção à sua casa; apenas, havia dado alguns passos, lembrou- se que recebera a recomendação de não voltar.

Parou à entrada da caverna; contemplou o céu e perguntou-se a si mesma:

— Por que sou tão infeliz?

Enquanto contemplava o firmamento, dos seus olhos rolavam algumas lágrimas e viu, então, no espaço, a imagem de sua mãe adotiva que sorria.

Foi quando desatou em copioso pranto; tentou voltar à caverna, mas parecia impedida por uma grande força que a imobilizava.

A imagem de sua mãe adotiva foi se aproximando até que ficou bem perto de Zilda, e o seu sorriso não se apagava.

Ela ficou contemplando essa imagem durante algum tempo, continuando a chorar, quando, inesperadamente, surgiram ao lado dessa imagem as de seus verdadeiros pais que também sorriam.

Seus nervos não mais resistiram; caiu desmaiada.

Voltando a si pouco depois, lembrou-se perfeitamente do ocorrido.

Contemplou novamente o céu, porém, as imagens todas haviam desaparecido.

Voltou, então, para dentro da gruta e contemplou o lenço vermelho que ainda estava no chão.

Ajoelhou-se perto dele, contemplou-o demoradamente e tomou uma decisão: voltar para casa imediatamente.

Reuniu rapidamente, as poucas coisas que havia levado e quando saia da gruta, notou a pequena distância um grupo de homens que se aproximavam lentamente, puxando os seus cavalos pelas rédeas.

Assustou-se com eles; ao verem-na, pararam de súbito e um deles gritou:

— Está aqui!

Zilda ficou atônita, não compreendendo o que se passava; ouviu o tropel dos cavalos que se aproximavam a todo galope; compreendeu que mais alguém se aproximava.

A frente de um numeroso grupo de cavaleiros notou seu pai adotivo que chegou até perto da entrada da gruta; seu semblante demonstrava profundo cansaço o que a fez compreender que continuaram a procurá-la embora não a tivessem encontrado na primeira tentativa.

Seu pai saltou do animal, largou as rédeas que foram tomadas por um dos seus auxiliares e dirigiu-se para Zilda com passo decidido, dizendo-lhe:

— Por que fizeste isto, minha filha?

— Não mais suportei aquela situação, lembrando- me sempre da minha mãe!

— E, agora, estás melhor, sem nenhum conforto?

— Prefiro assim, papai!

Seu pai olhou para dentro da gruta; sacou uma arma e penetrou ali, julgando que encontraria alguém que a tivesse desencaminhado.

— Ninguém veio comigo! Disse Zilda. Seu pai sorriu um tanto desconcertado.

— Volta conosco, minha filha!

— Não papai; quero ficar aqui.

— Se assim queres, fica! Dar-te-ei o necessário para viveres isolada do mundo e quando mudares de idéia, volta para casa.

Seu pai lhe deixou algumas provisões e determinou que dois dos seus empregados se mantivessem ali, a fim de protegê-la, pois, no dia seguinte, providenciaria o que fosse necessário.

Dias depois, mandou construir esta casa, disse o ancião que narrava a história e, constantemente, mandava- lhe provisões; ao falecer, deixou-lhe parte de sua fortuna.

.....
.....

Um dos ouvintes perguntou ao ancião:

— Mas, como se fez feiticeira?

O velho, depois de tomar fôlego, continuou a história.

— Tão logo seu pai se retirou naquela tarde, prometendo mandar construir uma casa para Zilda, ela voltou para dentro da gruta.

Agora, teve coragem para pegar o lenço vermelho.

Contemplou-o demoradamente e pôs-se a pensar que uso poderia fazer do mesmo.

Inesperadamente, caiu em sono profundo, quando apareceu, novamente, aquela imagem que vira em sonho, durante a noite, a qual lhe disse:

— Dobra o lenço em quatro, coloca-o sobre o teu seio esquerdo durante quatro dias consecutivos; não o tires para nada.

Dizendo isto, retirou-se.

Ao despertar, Zilda fez o que a imagem lhe determinara.

Depois do quarto dia, começou a sentir que possuía uma força que não compreendia e com a qual obtinha facilmente tudo o que queria.

Na noite desse mesmo dia, sonhou com sua mãe adotiva que lhe aconselhou:

— Minha filha, não pratiques o mal a quem quer que seja; dá aos teus semelhantes a felicidade que não tiveste!

Exausta de permanecer em casa, sob a vigilância constante de dois empregados do seu pai, Zilda, sentindo-

se senhora de si mesma e do mundo, pelo grande poder oculto que havia adquirido, começou a sair pelas imediações do seu território que não era então visitado por ninguém.

De súbito, recebeu um recado de seu pai, pedindo- lhe que fosse visitá-lo pelo aniversário de sua irmã.

A sua satisfação foi imensa e, logo, se dirigiu a casa de seu pai, onde vivera tantos anos, cercada de todo conforto e de toda felicidade.

Durante a festa, todos se mostravam muito alegres e ela estava particularmente radiante, pois, sentia-se integrada no seio da família que adorava e que, também, lhe dedicavam muita estima.

Um dos participantes da festa era um indivíduo de maus instintos, rixento, sempre disposto a brigar e a promover desordem.

Em dado momento, esse indivíduo se desentendeu com outro, sacando prontamente uma faca, com a qual pretendia agredir o contendor.

Apesar dos pedidos dos presentes, tentava levar a efeito o seu intuito.

Zilda compreendeu que a situação era grave e terminaria com a morte de um dos contendores.

Aproximou-se calmamente, afastou os circundantes, com um ligeiro toque de mão; seu pai logo se acercou dela para retirá-la dali, pois, temia que lhe acontecesse qualquer coisa.

Zilda sorriu e disse aos presentes que nada receassem.

E dirigindo-se para o desordeiro armado de faca e furibundo, disse-lhe:

— Se queres matá-lo, faze-o logo!

Então, como que encorajado, aproximou-se mais do contendor e tentou vibrar-lhe o punhal, com espanto de todos.

Zilda soltou uma gargalhada! O rapaz não podia mover o braço. Passou, então, o punhal para a mão esquerda e investiu novamente, mas, o outro braço estava paralítico.

Olhou enfurecido para Zilda e quis investir contra ela, quando notou que estava com as pernas paralisadas.

Quanto mais tentava se movimentar, mais se convencia da impossibilidade de fazê-lo, e tudo isto causou verdadeiro espanto a todos.

Disse-lhe Zilda, com ar autoritário:

— Senta-te no chão!

Como que impulsionado por uma força misteriosa, sentou-se no chão, de modo tão espetacular que provocou a gargalhada de todos os presentes, então ele se irritava cada vez mais.

— Levanta-te!

Levantou-se de um salto.

— Corre até a porta e volta! Ele obedeceu.

— Ajoelha-te perante o teu adversário e pede desculpas!

Depois de pequena hesitação, cumpriu a ordem.

Finalmente, Zilda lhe deu ordem de retirar do ambiente, no que foi obedecida prontamente.

Aquelas cenas causaram profundo espanto, pois, o rapaz era conhecido como valente e só mesmo uma força misteriosa seria capaz de fazê-lo obedecer a ordens tão ridículas.

Compreenderam, então, que ela estava possuída de um grande poder.

O resto daquela noite correu por conta de Zilda, que fez as mais extraordinárias demonstrações de poder.

.....
.....

No dia seguinte, Zilda voltou para sua casa, cheia de alegria, por ter entrado em contato, novamente com a sua família, a quem idolatrava.

Esse dia foi bastante agitado, pois, muitas pessoas foram procurá-la, procurando obter favores.

As suas demonstrações da noite passada foram amplamente divulgadas e, agora todos queriam que ela lhes resolvesse os problemas pessoais.

O primeiro pedido que atendeu foi de um homem que desejava a morte de um inimigo.

Zilda não lhe deu resposta, colocando-o- em situação profundamente ridícula.

Desapontado com o procedimento da moça, preveniu àqueles com quem se encontrava que ela estava com o demônio no corpo.

Ao saber dessa propaganda, Zilda explicou que não tinha poder para fazer mal a quem quer que fosse, porém, apenas, para evitar o mal.

Deste modo, muitos desistiram de procurá-la nesse dia.

Começou, assim, a história da Bruxa Zilda — a “diabinha da felicidade”, como a apelidaram.

Ecoavam, constantemente, rios seus ouvidos as palavras de sua mãe: “*Não pratiques o mal a quem quer que seja; dá aos teus semelhantes à felicidade que não tiveste*”.

.....
.....

Passaremos a apresentar as receitas da Bruxa Zilda — “a diabinha da felicidade”.

1. Para ser feliz — Ensinou essa bruxa que a cor verde é a que proporciona felicidade ao ser humano. Tratando-se de mulher, deve usar, sempre que possível, um lenço verde à cabeça.

Quando um homem procura ser feliz, deve usar um lenço verde amarrado, discretamente, no joelho esquerdo.

2. Para não se casar — Se alguém deseja evitar o casamento, deve-se utilizar de um lenço amarelo.

Quando for uma mulher que deseje afastar o casamento, use o lenço à cabeça, sempre que se oferecer oportunidade.

Sendo um homem, deve amarrar o lenço amarelo no joelho direito.

3. Para não ter filhos — Se uma mulher deseja ter filhos, deve usar um lenço branco à cabeça e outro amarrado na coxa direita.

4. Para ter filhos — Se uma mulher deseja ter filhos, deve não usar roupas brancas; ao menos, deve usar roupas de cores diferentes, na sua maioria, embora use, acidentalmente, uma ou outra peça de cor branca.

Além disto, use sempre um lenço azul amarrado à coxa esquerda.

5. Para não se desquitar — A mulher deve amarrar um lenço cor de rosa na barriga.

Também, colocará uni lenço da mesma cor, dentro do colchão, do lado onde dormir o marido.

6. Para se desquitar — A mulher deve amarrar um lenço cor de rosa no peito, abaixo dos seios.

Colocar um lenço branco, dentro do colchão, do lado em que dormir o marido.

7. Para realizar casamento de outrem — Se uma mulher deseja realizar o casamento de outra mulher com determinado homem, ofereça-lhe um lenço branco, completamente limpo, que tenha servido para cobrir um bolo, feito durante o mês de maio.

Ao mesmo tempo, oferecerá o bolo ao homem, cujo casamento esteja desejando realizar, com a mesma moça ou mulher a quem ofereceu o lenço.

Se um homem deseja realizar o casamento de um amigo ou parente com determinada moça ou mulher, deverá oferecer-lhe uma garrafa de bebida, fechada, que ainda não tenha sido usada e que tenha sido coberta durante três dias, com um lenço branco; este deverá ser oferecido à moça ou mulher com quem ele deseja que o amigo ou parente se case.

OITAVA PARTE

Receitas da Bruxa Joice

A bruxa do trabalho

Dada a grande pobreza de sua família, Joice foi obrigada a trabalhar desde a idade de nove anos.

Bonita, fraquinha, meiga, sujeitava-se a todos os trabalhos domésticos que lhe davam os seus patrões, algumas vezes, impiedosamente, sem atender para a delicadeza do físico.

Ao mesmo tempo em que lhe davam trabalho em quantidade superior às suas forças, não lhe davam qualquer liberdade para se divertir ou descansar o suficiente para refazer as suas forças.

Tudo o que a boa menina ganhava destinava à sua pobre família a quem adorava e que, também a adoravam e lamentavam não poderem lhe dar melhor sorte.

No dia em que completou dezessete anos, Joice sofreu amargamente.

Trabalhou bastante desde poucos dias antes, porque na casa onde era empregada doméstica, preparavam uma grande festa, para uma das filhas que, nesse mesmo dia, completava, também, dezessete anos.

Joice sentiu-se profundamente amargurada.

Todos os anos havia várias festas na casa, por ocasião do aniversário das diversas pessoas da família; o seu aniversário era completamente esquecido e nunca fora festejado.

Quase sempre, só alguns dias mais tarde, é que sua família lhe dava os parabéns, entre lágrimas, porque nada lhe podiam dar; mas, os seus patrões até ignoravam essa data natalícia e, embora trabalhasse com eles havia muitos anos, nunca indagaram a respeito.

Ao completar os seus dezessete anos, Joice sentiu- se mais profundamente chocada, pois, a filha da família com quem trabalhava, também completava essa mesma idade e preparava-se uma grande festa, muito maior do que as outras dos anos anteriores.

Muitos convidados, muitos admiradores da jovem aniversariante.

Quando começou a festa, Joice recebeu ordem de não se afastar da cozinha; não deveria, portanto, aparecer no salão onde se realizava a festa, não deveria ser vista pelos convidados.

Obediente como era Joice não replicou e limitou-se a cumprir as ordens recebidas.

Recolheu-se, humildemente, a um canto da cozinha e pôs-se a pensar no seu destino amargo.

Faziam-se indagações, não podia responder; a sua falta de cultura, a sua falta de convivência, o ambiente paupérrimo em que nascera, as condições humilhantes em que vivera até então, não lhe permitiam encontrar uma resposta, uma solução.

Indagava-se se viveria o suficiente para ter uma vida melhor; ou se continuaria assim, pobre e humilde até a morte; se continuaria pobre, como pobres eram os seus pais.

Completamente absorta nesses pensamentos, alheia a tudo que a rodeava, os olhos fixos no chão, deixando cair algumas lágrimas que diziam claramente da mágoa que lhe ia na alma, não percebeu que alguém estava perto e a contemplava com ar de bondade e que os olhos dessa pessoa pareciam indagar a razão de tanto sofrimento.

Levantou-se de súbito, ao perceber que perto dela estava posta, silenciosamente, uma linda senhora que a contemplava...

Limpou rapidamente os olhos com as mãos meigas, porém, sujas do trabalho que parecia não ter fim e que consumia seu corpo e sua alma e perguntou embaraçada, se aquela senhora desejava alguma coisa, enquanto continuava a soluçar.

A bondosa senhora sorriu ternamente, passou-lhe a mão suavemente pelo queixo e perguntou-lhe porque chorava e porque não tomava parte na festa.

Limitou-se a responder que era empregada e que deveria permanecer ali, a fim de atender a algum pedido que dependesse da cozinha.

A boa senhora compreendendo o sentimento da jovem, abraçou-a, a fez sentar-se e sentou-se ao seu lado, dizendo-lhe, meigamente:

— Menina, conta-me o que se passa contigo!

Depois de alguma relutância, Joice narrou toda sua dolorosa história.

— Meu nome é Marta! Já fui muito infeliz e, agora, já estou até cansada de ser feliz; isto não quer dizer que deseje voltar a ser infeliz...

Continuou, depois de pequena pausa:

— Amanhã irás trabalhar comigo e tudo isto passará; prometo dar-te uma situação melhor. Aceitas, Joice?

— Sim, senhora.

.....
.....

No dia seguinte, Joice despediu-se da família com quem trabalhava, sem explicar o motivo e dirigiu-se para a casa de Dona Marta, com quem havia acertado emprego,

Foi recebida com toda a amabilidade. Dona Marta deixou-a completamente à vontade e deu-lhe a liberdade de ir visitar sua família quando assim o desejasse.

Indagou quanto ganhava no seu emprego anterior e deu-lhe um ordenado maior.

Conquanto Joice se tivesse habituado a não confiar nas pessoas, aceitou de bom grado todos os oferecimentos de sua nova empregadora; intimamente, desconfiava que aquilo fosse, talvez, o começo, apenas; mais tarde, voltaria a ter uma situação semelhante à anterior.

Com essas cogitações, iniciou as suas atividades no novo emprego.

Assim, passaram-se os meses e no dia em que Joice completava dezoito anos, Dona Marta ofereceu-lhe um lindo presente, aumentou-lhe o ordenado, ofereceu-lhe uma festinha e dispensou-a do trabalho nesse dia.

Joice sentiu-se profundamente contente, pois, jamais ninguém, a não ser sua família, se lembrara do seu ani-

versário; e pela primeira vez na vida, ganhava um presente.

A jovem beijou as mãos da boa senhora, chorou de emoção e agradeceu muito, prontificando-se a ser sua empregada pelo resto da vida.

Dona Marta, sorrindo de satisfação por aquelas demonstrações de agradecimento, limitou-se a dizer-lhe que dentro de um ano não mais precisaria ser empregada.

Joice estranhou aquela afirmativa e procurou se informar melhor, ao que Dona Marta limitou-se a dizer:

— Dê tempo ao tempo, meu bem!

.....
.....

Aquelas palavras de Dona Marta continuaram ecoando por longo tempo nos ouvidos da jovem; parecia- lhe não compreender perfeitamente o seu significado.

Casar-se-ia dentro de um ano, com alguém que fosse rico e deste modo, não mais precisaria trabalhar?

Dona Marta nada lhe esclareceu e isto a deixava mais intrigada.

Conquanto admirasse a sua nova empregadora e estivesse profundamente satisfeita e agradecida, Joice notava qualquer coisa de estranho nas atitudes e no modo de viver de sua benfeitora.

Recolhia-se, às vezes, durante dias, limitando-se a tomar uma refeição simples.

Outras vezes, recebia grande número de pessoas, que lhe segredavam qualquer coisa, e saiam sorridentes.

A princípio, Joice não percebeu esse movimento estranho na casa, mas com o decorrer do tempo estes fatos lhe foram chamando a atenção e começou a observar com mais cuidado, convencendo-se então de que havia alguma coisa que ela ignorava.

.....
.....

No ano seguinte, no dia do aniversário natalício de Joice, repetiram-se as mesmas atenções de Dona Marta, para com Joice.

À noite, bem tarde, quando todos os convidados se retiraram e ficaram a sós, Dona Marta e Joice, aquela chamou a jovem e disse-lhe que precisava ter uma conversa muito séria com ela.

Joice mostrou-se preocupada, receando que fosse ser despedida; sua memória havia esquecido a “profecia” que Dona Marta lhe fizera no ano anterior.

Sentaram-se próximo uma da outra e Dona Marta começou a falar.

— Joice, sempre estimei você e agora, chegou o momento de cumprir a promessa que lhe fiz no ano passado. De amanhã em diante, você não mais será minha empregada, nem de ninguém.

— Como, Dona Marta, a Senhora vai me despedir?

— Não minha filha! Vou lhe dar o necessário para viver independente, com sua família, por todo resto da vida.

Depois de uma pequena pausa, Dona Marta continuou.

— Você já deve ter notado qualquer coisa estranha aqui! Pois bem, vou lhe contar.

A boa senhora continuou narrando fatos de sua vida anterior, quando, também não tinha eira nem beira.

Encontrou quem a auxiliasse e assim, desejava auxiliar aos que necessitassem, realmente, e lhe inspirassem simpatia.

Confessou que atendia as pessoas que a procuravam pedindo-lhe ensinamentos e auxílio e que esses ensinamentos se destinavam a resolver situações difíceis da vida, pois,

conhecia certas fórmulas secretas, por meio das quais conseguia resolver todos os problemas humanos.

Nos dias que se seguiram, Joice continuou em casa de Dona Marta não mais como empregada, porém aprendendo o que ela lhe ensinava.

Quando aquela senhora, protetora de Joice considerou concluídos os ensinamentos, recomendou-lhe que se transportasse com sua família para outro lugar, onde poderia fazer o mesmo que ela; quando a jovem ia-se retirar, Dona Marta deu-lhe grande quantia em dinheiro, a título de auxílio.

E quando as duas se abraçavam para se despedirem, Dona Marta lhe recomendou:

— Menina, não faça o mal a ninguém se não quiserem ser arrebatada pelo diabo.

Chegando à sua casa, Joice explicara de modo diferente a posse daquele dinheiro e propôs à sua família mudar-se para outro lugar.

Depois de alguma resistência, seus pais concordaram.

Assim, depois de pouco tempo, Joice começou a desempenhar as atividades como bruxa, tendo aplicado, durante todo o resto de sua vida, as receitas que passaremos a apresentar.

1. Para conseguir um emprego — Use uma cueca verde durante todo o tempo em que estiver desempregado, tendo o cuidado de lavá-la, todos os dias, ao meio-dia.

Se puderes ter mais de uma, não haverá inconveniente, contanto que todos os dias, ao meio-dia, seja levada uma delas.

2. Para melhorar no emprego — Use uma camiseta verde, todas as segundas-feiras, desde o nascer do sol até a meia-noite.

A camiseta deve ser tirada à meia-noite e exposta ao sol, durante todo o dia de terça-feira.

3. Para ser promovido — É verdade que a promoção corresponde a uma melhoria no emprego, pois a promoção acarreta uma situação funcional mais elevada e melhores vencimentos.

Entretanto, deve-se escolher entre a promoção e a melhoria no emprego, mencionada no item 2, dependendo da situação do interessado e das condições particulares do seu emprego.

Para obter promoção rápida, faça o seguinte: durante nove noites seguidas, estando o céu estrelado, lave um par de meias azuis nas águas do mar, tendo depois, o cuidado de passá-las na água doce.

Feito isto, calce as meias todas as noites, ao dormir, durante nove noites consecutivas.

Se houver interrupção, quer na fase de preparação, quer no uso das meias, deverá deixar passar nove dias e recomeçar, novamente.

4. Para mudar de emprego — Se alguém estiver interessado em mudar de um emprego para outro e não o consegue por qualquer motivo, deve fazer o seguinte:

Começando numa segunda-feira da lua cheia, vista uma cueca vermelha e uma branca, sendo uma noite uma e outra noite, outra.

Deve-se persistir nesta prática, até que consiga a mudança de emprego.

5. Para não mudar de emprego — Se alguém estiver ameaçado de mudar de emprego e não interesse em fazê-lo, deve proceder da seguinte maneira.

Reserve dois ou três jogos de roupas, cujo uso exclusivo seja para o trabalho.

É necessário dois ou três jogos completos, de acordo com o hábito do interessado em mudar roupa. Se, por exemplo, costuma trocar toda a roupa todos os dias, então necessitará de tantos jogos quantos sejam os dias de que precisar para a limpeza dessa roupa.

Não use essa roupa em qualquer outra ocasião, por exemplo, visitas, passeios, festas, etc. Use-as exclusivamente no serviço.

Comece esta prática, precisamente no dia do pagamento. Daí por diante, não mude este hábito.

6. Para se conseguir emprego para outrem — Se alguém deseja conseguir emprego para outrem, deve agir do seguinte modo.

Faça com que essa pessoa lhe dê um pequeno presente, por exemplo, um livro, uma moeda, uma medalha, etc.

A pessoa que receber o presente e estiver interessada em conseguir o emprego para a que lhe deu o mesmo, deve conservá-lo na gaveta de uma mesa, do lado esquerdo.

Teclas as noites, tomará o objeto e o mostrará à lua, durante sete minutos.

Recomendamos que a pessoa que quiser arranjar emprego para outrem, não deve subtrair o objeto, ao contrário, o objeto deve ser dado; se esse mesmo objeto for subtraído, nada se conseguirá e, pode ocorrer que surjam maiores dificuldades para se conseguir o emprego.

7. Para deixar de ser empregado — Se um empregado quiser trabalhar por conta própria, deixando, assim, de ser empregado, deverá proceder da seguinte maneira.

Durante nove noites consecutivas, dormir vestindo uma cueca cor de laranja.

Depois das nove noites, todos os dias ao meio-dia, exponha a cueca ao sol, durante nove dias consecutivos. Se

estas operações forem interrompidas por qualquer motivo, reinicie tudo outra vez.

NONA PARTE

Receitas da Bruxa Kartra

A Bruxa do doce lar

Na sua infância, Kartra foi bastante infeliz.

Perdeu seus pais muito cedo, passando a viver com parentes muito egoístas e exigentes, que mal toleravam a bela menina.

Do trabalho exaustivo, passaram aos maus tratos; e não contentes com isto, passaram a expulsá-la de casa, recomendando-lhe que procurasse emprego, pois, não tinham obrigação de sustentá-la, quando, na realidade ela pagava caro pelo seu sustento, com o trabalho intenso e sem qualquer remuneração, a não per o alojamento e a alimentação.

Por fim, os seus parentes, resolveram a situação, entregando-a a uma família amiga, como empregada, recomendando-lhe que não lhe pagassem vencimentos e dando da menina, as piores informações.

Depois de algum tempo, seus próprios parentes tiraram-na da casa dessa família, entregando-a a outra, sob as mesmas condições.

E, assim, durante anos a fio, a menina vagou de uma para outra casa, sem lar, sem estudos, sem conforto, parecendo mais uma escrava do que uma empregada.

Certo dia, Kartra pôs-se a pensar na sua triste vida„

Nascera infeliz, pois, seus pais logo morreram, nada lhe deixando, nem ao menos, o amparo moral de parentes amigos; os parentes que a acolheram, fizeram-no para

salvaguardar as aparências sociais, mas, na realidade odiavam os pais de Kartra.

Agora, moça, Kartra não tinha qualquer futuro em vista, pois, nada sabia fazer a não ser os serviços domésticos; nada tinha de seu, pois, embora tivesse trabalhado desde a infância, nunca tivera direito à remuneração pelo seu trabalho.

Vestiam-na com as roupas velhas que se destinavam ao lixo.

Não tinha qualquer amizade, pois desde a infância lhe tinham proibido travar qualquer relação de amizade com quem quer que fosse. Assim, vivera sempre só, absorta nos seus pensamentos e nos serviços da casa.

Kartra sentia que chegara a hora de se decidir, fosse qual fosse essa solução, nem mesmo que fosse a morte, pois, não era possível continuar vivendo assim.

Animada desses pensamentos, Kartra passou muitos dias arquitetando uma solução qualquer.

Parece que à medida que uma pessoa pensa sobre determinado assunto, começam a surgir idéias que, ao menos, indicam uma solução.

Kartra “descobriu”, por acaso, que tinha ouvidos e olhos.

Sugestionada pelos maus tratos de seus parentes na infância, adquirira o hábito de “fechar” os ouvidos e os olhos ao que a rodeava.

Assim, passou a prestar atenção às pessoas que visitavam a casa onde trabalhava e, discretamente, passou a ouvir conversas.

Quando era chamada para servir alguma bebida, ou a mesa, sem dar a menor demonstração, passou a ouvir atenciosamente as conversas que se travavam no momento.

Certa noite a família com que trabalhava recebeu a visita de outra família, mais ou menos numerosa.

Kartra, ao servir uma bebida “abriu” os ouvidos, pois, uma das visitantes contava um caso que lhe chamou a atenção.

Narrara que, viajando pela estrada, com alguns amigos, foram assaltados por um grupo de malfeitores, que lhes tiraram todos os haveres.

Depois disto, ao se retirarem os assaltantes, disseram que a sorte dessa senhora e dos seus amigos consistia em terem o que dar, senão, seriam mortos, ali mesmo.

A senhora, ainda sob intensa emoção, repetiu a história várias vezes, o que deu à Kartra, a oportunidade de ouvir a história com todos os detalhes, pois, passara a servir bebidas com grande morosidade.

Nessa mesma noite, ao se recolher, Kartra pensou consigo mesma:

— Eis a minha grande oportunidade. Nada tenho para dar, e assim, serei morta pelos assaltantes.

.....
.....

Alta hora da noite, Kartra saiu de casa com a roupa do corpo e dirigiu-se para a estrada onde julgava encontrar os assaltantes.

Caminhou, lentamente, ao luar, esperando o assalto. Nenhum ruído, nem uma sombra, nada que pudesse perturbar aquele silêncio.

Cansada de andar, sentou-se numa pedra, ao lado da estrada e pôs-se a pensar.

— Parece que até nisto fui infeliz!

Quando assim pensava, notou que se aproximava uma sombra, silenciosamente.

Kartra estremeceu da cabeça aos pés, mas era o que ela procurava.

Conquanto pudesse vislumbrar a sombra que se aproximava, estava tomada de terror e prestes a sair correndo, mas preferiu ficar onde estava.

Em dado momento, notou que a sombra se detivera, bem perto.

A moça aguardou o esperado assalto.

Pouco depois a sombra se aproximou ainda mais e se deteve.

Kartra tremia da cabeça aos pés, e cobriu o rosto com as mãos.

— Que fazes aí, jovem? Ela não respondeu.

Alguém lhe tocou delicadamente no ombro e perguntou:

— Que queres, que esperas?

— Nada, respondeu laconicamente. Continuou: se quiseres, podes matar-me, pois, nada tenho para dar-te.

— Ah! É isto o que pensas?

— Sim!

Ela se voltou sübitamente, e notou que um ancião estava perto dela, contemplando-a friamente, porém com bondade.

— Pensas que vim para matar-te?

— Sim!

— Estás enganada! Aqui não se mata ninguém.

— Foi o que ouvi dizer, disse a moça desconsolada.

— E por que querias morrer?

— Não há razão para viver!

Depois de uma pequena pausa, o ancião convidou-a a acompanhá-lo.

Chegando à sua casa, a fez entrar e depois começou a indagar sobre a sua vida.

Com a simplicidade de uma moça sem malícia que nunca havia saído de casa, nem conversado com ninguém, expandiu-se contando a sua lamentável história, enquanto ele ouvia, com aparente indiferença.

Quando ela terminou a sua narrativa, o ancião mandou-a dormir, dizendo que no dia seguinte discutiriam o assunto.

Embora amedrontada com a nova situação que criou para si mesma, obedeceu e, por mais que quisesse, não conseguiu conciliar o sono.

Na manhã seguinte, o velho chamou-a e continuaram a conversar.

Assim, ela explicou com detalhes por que tinha ido por aquela estrada, pois, esperava encontrar a morte.

— A história que você ouviu é mais ou menos verdadeira, porque a pessoa que a contou não disse a verdade; ela encontrou apenas pedintes que pediram esmola, humildemente; tomada de medo, julgou que fossem salteadores. Quanto ao assassinato, foi pura invenção.

E continuou:

— Agora que estás aqui e se não quiseres voltar para os teus empregadores, fica aqui, trabalha e receberás teu salário. Não te prometo riquezas, porque não as tenho, mas não viverás na miséria nem serás maltratada.

Kartra aceitou, prontamente, o oferecimento do velho.

À medida que se passavam os dias, crescia a amizade entre eles, a ponto de Kartra lhe pedir que esclarecesse sua inexplicável ausência, ao que ele respondeu que o faria, um dia, num futuro não muito remoto.

Certo dia, realmente, o velho contou-lhe que cuidava da felicidade alheia; que não precisava cuidar da infelicidade

de ninguém, porque a humanidade era por demais infeliz.

E assim, explicou-lhe certos mistérios, que ela com a autorização do bom velhinho, passou a utilizar em benefício dos seus semelhantes, em outro lugar afastado daquele onde aprendera esses segredos e encontrara a felicidade.

As receitas da bruxa Kartra são as seguintes:

1. Para constituir um lar — Quem viver só e se sentir só, embora morando com outras pessoas, deve tomar chá de erva doce depois de contemplar uma estrela durante sete minutos, todas as noites.

Com o decorrer do tempo, as forças da natureza se unirão a favor dessa pessoa, de modo que possa constituir um lar.

2. Para manter um lar — Quando alguém notar que seu lar se vai desmoronar, porque algum companheiro ou companheira pretende abandoná-lo, deve trazer, sempre consigo, um pouco de canela em rama, do lado direito.

3. Para que o lar seja feliz — Se alguém se sente infeliz no seu lar, ou se a infelicidade domina esse lar por qualquer motivo, carregue sempre um pouco de erva doce do lado esquerdo, na altura do coração.

4. Para afastar as infelicidades do lar — Se, normalmente, um lar é feliz e, subitamente, é assaltado de alguma infelicidade, para afastá-la prontamente, lance um pouco de canela em rama, sobre um braseiro, todas as segundas-feiras.

5. Para que haja harmonia no lar — Se reina desarmonia no lar, embrulhe um pouco de canela em pó e deixe-a nos quatro cantos da cozinha.

Sempre que notar que a canela se perdeu ou foi retirada do lugar, coloque outra quantidade igual.

6. Para que o lar seja alegre — Muitas vezes, um lar é feliz, porém é taciturno, não há alegria.

Neste caso, é conveniente espalhar erva doce, em volta da casa (do lado externo), à hora do pôr do sol.

7. Para que o lar tenha mais pessoas — Algumas vezes, as pessoas que formam o lar são em pequeno número e desejam que outras venham conviver com elas para que o lar tenha maior número de pessoas, vivendo na mesma casa.

Neste caso, junte um pouco de canela e erva doce e lance num braseiro, numa quarta-feira, à hora exata em que começa a lua cheia.

DÉCIMA PARTE

Receitas da Bruxa Milak

A bruxa dos espíritos

Milak viveu na época em que mais se falava em bruxaria e feitiçaria; quando se começava a invocar os espíritos para prejudicar os inimigos.

Não partilhava da bruxaria nem da feitiçaria, pelo que passou a ser perseguida pelos bruxos e feiticeiros, pela sua grande beleza por meio da qual poderia levar muitas pessoas para suas nefastas searas.

Com essa perseguição invisível, Milak não tinha sossego e sofria as maiores infelicidades.

Jovem sadia e bela ia definhando cada vez mais, ia perdendo aos poucos a sua beleza e temia sucumbir vítima das feitiçarias que lhe eram feitas.

Sentia grande satisfação quando um feiticeiro ou feiticeira era queimada em praça pública; era um inimigo a menos.

Não mais tinha sossego quando teve uma idéia: ir à igreja, pois, talvez assim conseguisse um meio de se livrar dos seus inimigos invisíveis.

Orou durante longo tempo e, depois, retirou-se para sua casa, parecendo mais aliviada e alimentando certa esperança.

Em sua casa, continuou rezando e, assim adormeceu sem perceber.

Sonhou que um anjo se aproximara e lhe estendera a mão.

Milak sentiu-se grandemente confortada e deixou-se levar pelo anjo.

Rapidamente alcançaram grandes alturas e, de lá, podiam ver a humanidade lutando e sofrendo, pelos choques de interesses, pela inveja, pelo ciúme, pela maldade, pela hostilidade mútua

Ainda em sonho, Milak supôs que isto seria um aviso de sua morte próxima.

O anjo, lendo os seus pensamentos sombrios, acalmou-a dizendo-lhe que ainda viveria muito, pois, tinha muitas missões importantes a cumprir na terra, em favor de muitas pessoas.

Caminhou, ainda, no espaço, por longo tempo, em companhia do anjo, vendo povos e raças diferentes e, em todos notou as mesmas lutas, sob aspectos diferentes, porém, todas com os mesmos fundamentos.

Milak parecia, agora, mais confortada, pois, das alturas a que o anjo a conduzira, podia ver claramente, que muitas outras pessoas no mundo, enfrentavam problemas semelhantes aos seus e que a bondade era uma espécie de exceção, enquanto que a maldade constituía a norma de conduta dos povos; indivíduos contra indivíduos, núcleos contra núcleos, nações contra nações... Tudo era luta.

Continuou subindo, em companhia do anjo até que chegou próximo de uma grande luz, quando se ajoelhou involuntàriamente, julgando estar na presença do Deus.

— Não, não sou Deus, sou, apenas, uma Santa! Ainda não me podes ver, porém, no futuro próximo, terás esse poder. Agora, minha filha, volta para a terra e nada temas, porque ninguém mais poderá fazer-te qualquer mal. Serás superior e mais forte do que todos eles juntos.

O anjo que se afastara um instante, enquanto Milak ouvia a voz da Santa, aproximou-se ràpidamente, tomou-a pela mão e levou-a de volta à Terra, através de um belíssimo vôo pelo espaço infinito, onde luzes multicores se confundiam, quase ofuscando os olhos com o seu brilho; e quanto mais belezas viam os olhos de Milak, maiores eram, ainda, as outras belezas que as sucediam.

Assim, despertou, repentinamente, no seu leito, tendo a impressão de que o anjo ainda lhe segurava a mão.

Sentou-se na cama e começou a pensar no belo sonho que tivera, ao mesmo tempo que estava intrigada com o seu significado.

Entretanto, sentia-se mais calma e profundamente confortada.

Os dias se passaram, normalmente, sem que ocorresse nenhuma novidade.

Certa noite, ao conciliar o sono, sentiu que voava em direção à grande luz, onde ouvira a voz feminina, da Santa.

Ao aproximar-se, ajoelhou-se sem querer e ouviu, novamente, a mesma voz:

— Prepara-te, pois, agora, vais começar!

Como que arrastada por uma força misteriosa, Milak desceu ràpidamente até o seu leito, despertando um pouco assustada.

Em seguida, dormiu um sono calmo e tranqüilo, até que, no dia seguinte, foi despertada pelo rumor da casa.

Relembrou o sonho da noite, e indagava-se se aquilo tudo teria algum fundamento.

Começou a cochilar involuntariamente, quando teve a idéia de comprar mirra e incenso.

Levantou-se rapidamente, preparou-se e foi fazer essa compra.

Imediatamente, como que orientada por um ser invisível, lançou um pouco de incenso e de mirra num braseiro.

Aguardou calmamente o resultado, não podendo, ao menos, supor o que aconteceria em conseqüência disto.

No dia seguinte teve notícia de que uma grande feiticeira, que prometera prejudicá-la com os seus trabalhos, estava sendo queimada em praça pública.

Repetiu a operação, e igualmente no dia imediato um feiticeiro foi condenado à mesma pena.

Assim, Milak compreendeu que os seus sonhos não eram mera fantasia da imaginação, pois, nem havia pensado nisto, porém havia sido arrastada à presença de uma Santa, que lhe instruíra os meios de destruir os malefícios que lhe haviam sido feitos.

Voltou à igreja e orou, novamente noite, parecia que sua consciência ia estalar; parecia-lhe ter feito mal a outrem; e, com estes pensamentos, adormeceu.

Em sonhos, apareceu novamente o anjo e disse-lhe suavemente:

— Os Santos não perdoam os maus, porém protegem os bons, ou lhes inspiram os meios de defesa contra os maus, se as maldades de que foram vítimas são injustificadas. Guarda-te de fazer o mal a quem quer que seja para que não sofras as mesmas penas dos outros feiticeiros e bruxos

e bruxas. Pratique o bem para que ninguém possa prejudicar-te. Não te limites a pensar no bem, pois embora isto ajude um pouco, é necessário fazer o bem.

Dizendo estas palavras, o anjo retirou-se.

Assim, Milak ficou mais confortada, pois compreendeu que não praticara qualquer mal, apenas, se defendera do mal que lhe fizeram.

Passou deste modo, a aplicar os conhecimentos que adquirira intuitivamente, o que constitui as suas receitas que passaremos a expor.

1. Para afastar os maus espíritos — Não pense mal de ninguém, nem que seja um grande inimigo.

Igualmente, não fale mal de ninguém, mesmo que seja um grande inimigo e lhe tenha prejudicado.

Quando se lembrar de um morto, seja parente, amigo ou inimigo, reze três Aves Maria.

Continuando assim durante algum tempo, adquirirá a intuição necessária para pressentir a presença dos espíritos.

Não se inquiete com isto, pois, muitas vezes, são espíritos benéficos; outras vezes, são espíritos que desejam auxílio ou, ao menos têm o prazer de estar em companhia de ser humano.

Entretanto, observa cuidadosamente o que vier a lhe acontecer depois de se aperceber da presença de um espírito; se for coisa ruim ou desagradável, peça delicadamente ao espírito que se afaste e reze nove Aves Maria. Em seguida lance um pouco de incenso num braseiro e permaneça perto, acompanhando com atenção a fumaça que se desprende.

2. Para atrair os bons espíritos — Todos sabem que os seres humanos se auxiliam ou se prejudicam mutuamente.

Um cuidado que todas as pessoas devem ter é se afastarem das pessoas que prejudicam de qualquer modo. É erro de acordo com os mais altos ensinamentos espiritualistas oferecer resistência ou abrir luta; deixe que o mal por si se destrua e, para sua própria garantia, afaste-se das pessoas que lhe não querem bem ou lhe prejudicam.

Naturalmente, isto não quer dizer que deva viver isolado de todas as pessoas; ao contrário, deve procurar a amizade e procurar ser agradável a todas as pessoas que lhe não prejudicam e com quem se dá bem.

Os espíritos, por sua vez, têm as mesmas tendências; muitos procuram a companhia de seres humanos, (vivos ainda na matéria) para terem, apenas, uma companhia diferente daquela que têm no seu “habitat”.

Se esses espíritos lhe prejudicam, afaste-os conforme já ficou explicado acima; se não lhe prejudicam, aceite a sua companhia.

Se não conseguir se aperceber da presença de espíritos benéficos, poderá atraí-los à sua esfera, para o que deve lançar um pouco de incenso e mirra num braseiro e, ao mesmo tempo rezar três Salve Rainha.

3. Para ser ajudado pelos espíritos — É indispensável que se façam boas relações de amizades com os espíritos, naturalmente, com aqueles que são capazes de ajudar e não prejudicam.

Para conseguir isto, deve pensar sempre num espírito que seja capaz de ajudá-lo; não deve pensar no espírito de determinada pessoa que já se tenha desencarnado, julgando que esse espírito possa ajudá-lo.

É mm erro cometido por muitos, porque julgam que se determinada pessoa foi amiga na terra, continuará sendo-o no espaço.

Há mistérios insondáveis a este respeito. Muitas vezes o auxílio vem de espíritos que jamais conhecemos na Terra e que muitas vezes aqui viveram muitos séculos antes de nós.

Há circunstâncias desconhecidas que na maioria das vezes, não permitem que os espíritos dos parentes e pessoas amigas possam nos auxiliar ou, ao menos, se aproximar de nós.

Por isto, pense num espírito qualquer que seja capaz de ajudá-lo.

Todos os dias pense nesse espírito e, em seguida, lance um pouco de mirra num braseiro e reze três Padre Nosso.

4. Para não ser perseguido pelos espíritos — Algumas pessoas são francamente perseguidas pelos espíritos.

Esta perseguição manifesta-se, geralmente, pelo acompanhamento constante e a pessoa vai recebendo, aos poucos, os fluidos maléficos desse espírito, como conseqüência sua saúde e negócios ficam prejudicados e, algumas vezes, ocorrem fatos desagradáveis na própria vida da pessoa.

Para evitar a perseguição dos espíritos ou eliminar os seus maus fluídos, proceda da seguinte maneira:

a) nos dias ímpares, reze três Aves Maria e lance um pouco de incenso no braseiro, enquanto estiver rezando;

b) nos dias pares, reze três Padres Nosso e lance um pouco de mirra no braseiro, enquanto estiver rezando;

c) continue com esta prática até completar nove dias de Ave Maria e nove de Padre Nosso.

5. Para obter o perdão dos espíritos — Todas as pessoas deveriam manter uma linha de conduta que não lhes impusesse a necessidade de obter o perdão de quem quer que fosse.

Se for verdade que a maioria das pessoas não tem esta preocupação, muitas outras evitam tanto quanto possível, praticar atos capazes de prejudicar moral ou materialmente a quem quer que seja e, daí, a comodidade moral de não depender do perdão de ninguém.

Entretanto, a despeito deste cuidado, muitas vezes, as pessoas cometem seus erros involuntários e daí, a dependência do perdão dos seus semelhantes.

Por este motivo, impõe-se o exame de consciência feito sistematicamente, procurando descobrir as faltas cometidas para com os outros.

Quando alguém de cujo perdão a pessoa dependia, por ter cometido alguma falta grave, de ordem moral ou material deve-se procurar obter o seu perdão, procedendo-se da seguinte maneira:

a) lance no braseiro um pouco de mirra e incenso e pense na pessoa falecida, durante três minutos;

b) em seguida, pede-se perdão como se estivesse conversando com uma pessoa ainda em corpo e carne; repita esse pedido de perdão por sete vezes;

c) lance mais um pouco de incenso no braseiro e reze três Aves Maria.

6. Para afastar o espírito de uma mulher — Muitos homens são perseguidos pelo espírito das mulheres ou de uma determinada mulher a quem tenham amado muito ou a quem tenham prejudicado de qualquer modo e que venham a falecer sem lhe dar o perdão.

Para afastar esses espíritos que prejudicam ao ser humano, pela mágoa que levaram para o além, proceda da seguinte maneira:

a) use uma medalha de Santa Joana d'Arc, ao peito, pendente do pescoço, por uma pequena corrente;

b) todos os dias reze três Ave Maria e três Salve Rainha, a Santa Joana d'Arc, pedindo-lhe que afaste o espírito da mulher que o persegue;

c) ao terminar as preces, lance um pouco de mirra num braseiro e permaneça ali até que a fumaça desapareça por completo.

7. Para afastar o espírito de um homem — O que acontece com os homens, ocorre, também, com as mulheres.

Muitas vezes, uma mulher é perseguida pelo espírito de um homem a quem prejudicou seriamente, na vida, do ponto de vista moral ou material; outras vezes, trata-se de um homem a quem muito amou e em quem pensou bastante, com intensidade.

Com a morte, o espírito desse homem se “encostou” na mulher, que sente os fluidos prejudiciais desse espírito.

Para afastá-lo, procede-se da seguinte maneira:

a) use uma medalha de S. João Batista, ao peito, presa por uma corrente;

b) todos os dias reze três Padre Nosso a São João Batista;

c) ao terminar as preces, lance um pouco de incenso num braseiro e permaneça perto, até que a fumaça desapareça por completo.

DÉCIMA PRIMEIRA PARTE

Receitas da Bruxa Zueti

A bruxa da traição

Zueti vivia em Goa, numa época que não nos foi possível precisar.

Morena, estatura um pouco acima da média, olhos relativamente grandes, cabelos muito escuros, andar esbelto, andava sempre só.

Caminhava constantemente, olhando ao longe, como se procurasse ver além do horizonte!

Chamava a atenção de todos pela sua beleza e, sobretudo porque sempre andava a sós, parecendo não ter amigos de qualquer espécie.

Algumas vezes, sentava-se num banco dos jardins, durante horas a fio, olhando para as nuvens, ora fitando uma árvore que não oferecia qualquer interesse particular, ora distraindo-se com o vôo dos pássaros; algumas vezes, sua atenção se dirigia para um transeunte e o acompanhava com o olhar até perdê-lo de vista, na maioria das vezes, sem que ele o percebesse.

Outras vezes, Zueti fazia refeições nos restaurantes mais modestos, pedindo sempre os pratos mais econômicos, o que denunciava que a sua situação financeira não era das melhores.

Como era natural, de quando em vez, recebia o convite de alguém que se interessava por ela, ou melhor, pela sua beleza... Mas sistematicamente repelia esses convites de modo positivo, categórico, retirando-se prontamente.

Do mesmo modo rejeitava a amizade de qualquer outra mulher. Em muitas ocasiões levantou-se bruscamente da mesa onde se sentara num restaurante, porque outra mulher veio fazer-lhe companhia. O mesmo aconteceu nos jardins públicos, quando outra mulher cansada, procurava um banco para sentar-se, não encontrando qualquer outro lugar, a não ser perto da bela Zueti.

Todos estes fatos chamaram a atenção de todos para aquela mulher esquisita, talvez misteriosa ou que poderia,

ainda, insinuar falta de educação ou pretensão de se fazer passar por misteriosa.

Corria tantos boatos a seu respeito, que vários grupos de rapazes e mesmo de mulheres, a observavam atentamente, procurando descobrir um modo de penetrar aquele mistério.

As competições entre os grupos se sucediam, porém, todas as tentativas continuavam sendo infrutíferas.

Os grupos passaram a competir entre si, mas, decorridos vários meses, a bela Zueti continuava sendo a mesma esfinge que estonteava os homens e deixava cada vez mais intrigadas as mulheres.

Dentre estas, algumas mais maldosas, chegavam a indagar se ela seria mesmo mulher... Ou se não teria sexo!

Num dos grupos de rapazes que competiam para a descoberta do mistério que envolvia Zueti, um dos rapazes garantiu que se aproximaria dela. E embora todos duvidassem, prometeu lançar mãos à obra e assegurou que dentro de poucos dias estaria andando com ela pelas ruas.

A sua insistência e a descrença dos seus amigos, levaram-nos a apostar, o que foi aceito por todos.

Agora, competia-lhe iniciar a abordagem, no que todos foram infelizes.

Mal se havia combinado a aposta em conseqüência daquele desafio temerário, passou Zueti hirta, fitando o horizonte; andava, mas parecia que seus pés não tocavam o solo; dir-se-ia que caminhava no ar.

Todos se entreolharam na esperança de que o rapaz a abordasse; embora tivesse feito um gesto neste sentido, recuou prontamente, como que impelido por uma força misteriosa; Zueti tinha o poder mágico de afastar todas as pessoas.

Evidentemente, o jovem sentiu-se humilhado pelo seu próprio fracasso e, mais ainda, pela situação ridícula em que ficou perante os seus companheiros, que o trataram de modo jocoso, pois, demonstrou ser um grande gabola...

Diante disto, o jovem Milkias retirou-se, despedindo- se dos seus companheiros que, a título de ridicularizá-lo, lembraram-no de que tinha o compromisso de aparecer em público com a “mulher assexuada”.

Milkias caminhou cabisbaixo em direção à sua casa de onde não saiu durante três dias consecutivos, procurando descobrir um meio de se aproximar de Zueti; agora, tratava-se do seu amor-próprio ofendido; e se não o conseguisse, não poderia tão cedo, aproximar-se dos seus amigos que o ridicularizariam constantemente. Também começou a lhe parecer que estava gostando da célebre mulher misteriosa... E se isto estiver acontecendo, se não se tratar apenas de simples curiosidade... Que desastre!

Depois de tanto pensar, Milkias descobriu um meio que pôs em prática imediatamente.

Postou-se na via pública, nos lugares por onde ela costumava passar.

Quando Zueti se aproximou, estando ele parado, olhou-a nos olhos; parecia que ela não o vira, pois, como era seu hábito, fitava ao longe, como se procurasse ver além do horizonte.

O plano de Milkias começava a dar os resultados esperados!

Seguiu-a a curta distância; o seu maior sacrifício era poder acompanhar aquele passo moroso, embora firme, quando, na realidade estava habituado a andar depressa.

No seu trabalho, que reputava de honra, cruzou com os amigos que o ridicularizaram dias antes.

Olhou-os de soslaio, mas passou direto.

— Não paras para conversar com os amigos? Perguntou um deles.

Milkias levou o dedo indicador aos lábios, como pedindo silêncio, e continuou no seu trajeto.

Essa atitude esquisita do jovem despertou mais ainda a curiosidade dos seus amigos que se voltaram francamente para ele, acompanhando-o com os olhos, sem fazerem qualquer gesto e sem compreenderem o que se passava, na realidade.

— Teria enlouquecido? Perguntou um dos rapazes.

— É possível, disse outro, dando de ombros.

De certa distância, Milkias viu quando Zueti entrou num restaurante.

Deixou passar algum tempo e entrou também, fazendo o possível para não ser visto.

Realmente, ela não viu o rapaz que conseguiu ficar por trás de urna coluna, observando-a.

Ainda não tinha começado a fazer a refeição, quando o garçom passou por ele.

Milkias segurou-o pelo braço com certa força e arrastou-o para trás da coluna.

— Que queres, brigar? Perguntou o garçom, enraivecido.

— Não; quero pedir-te um favor; ao mesmo tempo, mostrou-lhe uma moeda de ouro...

O garçom sorriu e respondeu que faria tudo o que ele quisesse.

— Que foi que a moça pediu?

— O mesmo de sempre: um pão e um prato de sopa.

— Por quê?

— Sempre tem pouco dinheiro.

— Diga-lhe que, a casa festeja um aniversário e que o jantar é oferecido aos fregueses assíduos; ofereça-lhe o que houver de melhor e, principalmente, vinhos, entendes? Muitos vinhos! Eu pagarei toda a despesa, e ainda dar-te-ei uma boa gratificação; estarei sentado àquela mesa, para que ela não me veja.

— Suas ordens serão cumpridas senhor. Respondeu o garçom muito sorridente, embolsando a moeda de ouro.

Em seguida, Milkias foi sentar-se a uma mesa de onde não podia ser visto por Zueti e, também, não podia vê-la.

Entretanto, podia observar o garçom, que ia e vinha levando os mais variados pratos; e cada vez que este passava pela mesa de Milkias, sorria satisfeito.

Decorrido algum tempo, Milkias aproveitou-se do momento em que o garçom passava para lhe perguntar como ia a sua manobra, ao que respondeu que muito bem, pois, já estava no fim da terceira garrafa de vinho e pedia mais.

Assim, Milkias pagou a sua conta e se dirigiu para a mesa onde se encontrava a moça.

Profundamente observador, o rapaz contemplou atentamente o semblante da moça que lhe pareceu completamente desanuviado; vendo aquele homem na sua frente, Zueti sorriu e convidou-o a sentar-se, perguntando-lhe se não encontrara algum outro lugar.

O rapaz limitou-se a responder que não, o que levou a moça a dizer que tinha prazer na sua companhia.

Assim, estava realizado, em grande parte, o seu plano estratégico.

Sentando-se começou a falar calmamente, criticando os restaurantes, pois, nem sempre era fácil encontrar um

lugar para sentar-se.

Zueti, muito bem humorada, acompanhava animadamente a conversa e puxava outros assuntos, como se quisesse expandir-se, falar, desabafar...

O rapaz ficou satisfeitíssimo com a reação de Zueti, pois era isto o que queria, que ela falasse, que lhe desse atenção.

A conversa se prolongou por longo tempo, enquanto comiam e bebiam; a moça não tinha mãos a medir, pois ignorava que estava sendo objeto de uma aposta de rapazes divertidos; ele bebia do modo mais comedido, pois tinha muito a fazer nessa mesma tarde, se os fados o ajudassem.

Durante aquele jantar, que Milkias apelidara por sua conta, de “jantar da vitória”, ficaram ótimos camaradas, bons amigos, embora a moça estivesse um tanto excitada pelo álcool.

Quando deram por terminado o jantar, o rapaz pediu a conta, julgando que Zueti estivesse completamente inconsciente.

Ela retrucou de imediato, que nesse dia festejava- se um aniversário da casa, de modo que os fregueses assíduos nada pagariam, ao que ele respondeu que devia pagar, pois não era o seu caso.

A moça não deu maior importância ao assunto e, ao efetuar o pagamento da despesa, Milkias deu nova gratificação ao garçom, o que lhe provocou um largo sorriso.

Ao se prepararem para saírem, Milkias perguntou um tanto tímido se podia acompanhá-la; um tanto tímido, porque a despeito do seu aparente e exuberante bom humor, o rapaz não conseguia esquecer aquela sisudez que a marcava e pela qual era conhecida por todos.

Zueti respondeu muito afável, que sim.

Saíram juntos. Milkias fazia, intimamente, os votos mais veementes para que encontrasse os seus amigos, ao menos, um deles, para se salvar da desonra de que se cobrira pela sua imprudência, pois a sua batalha já estava quase ganha.

Caminhavam lentamente ao luar e Zueti continuava loquaz, como talvez nunca o fora antes, enquanto Milkias de alegre que era, mantinha-se profundamente preocupado, sério, embora respondesse de modo delicado às indagações da moça.

Receava perder aquela oportunidade.

Entretanto, teve sorte, pois seus amigos continuavam reunidos e até gracejavam com a atitude de Milkias quando passara antes, por eles, fazendo gesto de silêncio; que pretenderia ele?

Agora, se espantaram, pois, Milkias e Zueti passaram juntos, lado a lado, perto dos rapazes que haviam lançado o desafio... E, arriscando-se um pouco, Milkias segurou de leve o braço de Zueti, embora receasse uma repulsa; mas, teve sorte, pois, a moça não reagiu e até o ajudou nisso.

Ao passar pelos seus amigos, Milkias, olhou-os de frente e esboçou um sorriso discreto, a fim de não despertar a atenção da moça.

Eles ficaram tão surpresos, que silenciaram à passagem dos dois.

Finalmente, chegaram ao casebre onde Zueti morava, num dos bairros mais distantes da cidade, desprovido de todo conforto.

A despeito da pobreza, notava-se perfeita ordem e muita limpeza.

Zueti ainda sob a ação do álcool convidou Milkias a entrar, o que ele aceitou prontamente.

Agora que estava desagravado perante os seus amigos, ressurgia mais livre o desejo pela mulher, dada a sua extraordinária beleza.

Sentaram-se e Zueti foi preparar o café, depois do que começou a passar o efeito do álcool.

Zueti começou a readquirir a sua natural sisudez e passou a contemplar o rapaz de modo frio, que o fizera perder completamente a comodidade em que se encontrava.

Milkias tinha a grande capacidade de raciocinar depressa e, com isto, antes de ser obrigado a explicações do seu procedimento censurável, despediu-se e ia retirar- se, no que foi impedido por Zueti, que lhe disse:

— Menino, sente-se, que vamos conversar seriamente!

— Por favor, não me chame de menino, pois tenho trinta anos de idade.

— Para mim, continua sendo menino, pois, tenho cento e trinta e três anos.

— Então, fale minha senhora! Prometo ouvir silenciosamente.

Intimamente, Milkias gelou; não esperava que aquela bela mulher tivesse tanta idade; também, não contava que lhe pedisse contas por tê-la acompanhado, pois, julgava que não daria maior importância ao fato, depois de consumado, como já estava.

Zueti começou a falar pausadamente:

— Diga-me rapaz, por que vieste falar comigo? Que interesse pode ter em mim?

— Sempre a achei bonita e como é natural, procurei aproximar-me da senhora.

Zueti pensou um pouco e depois continuou:

— O que houve no restaurante?

— Bem, eu engendrei a história do aniversário para poder aproximar-me.

— É tão grande assim, o seu interesse por mim?

— Sim, muito.

Embora Zueti tivesse mencionado sua idade secular, o ânimo do rapaz não se arrefeceu; não sabia se crer no que dissera, ou se continuara desejando aquela mulher macróbia.

— Ouve, jovem; embora sejas inteligente e educado, foste imprudente; eu te perdôo, porque é natural que um homem se interesse por uma mulher!

— Perdoa-me? Que poderia a senhora fazer? Perguntou Milkias indignado.

— Posso arrasar-te! Fica sabendo que sou a bruxa Zueti, de quem talvez já tenhas ouvido falar!

Milkias sentiu que o sangue gelou nas suas veias, pois ouvira contar as proezas daquela bruxa que arrasara muitas pessoas. Ficou atônito, pois nem de longe podia suspeitar que fosse ela a célebre bruxa que tantas desgraças lhe haviam causado, embora tivesse ouvido dizer que era linda, jamais pensara que a sua beleza fosse tão grande.

Zueti o fitava seriamente e mesmo com certo rancor.

— E agora que já sabes quem sou, que pretendes de mim?

— Perdoa-me, senhora; nada mais quero.

Dizendo estas palavras, Milkias levantou-se para se retirar, quando Zueti, de um salto que o espantou, se colocou à sua frente.

— Vês? Apesar da idade muito avançada, ainda tenho a agilidade dos jovens; e talvez, nem, homem forte, tenhas tanta agilidade quanto eu! Senta-te!

Milkias não teve outro recurso, senão obedecer.

— Agora, jovem, vou castigar-te pela tua imprudência, pois, é muito perigoso enfrentar o desconhecido. O teu castigo consistirá em seres meu prisioneiro durante 77 dias, findos os quais decidirei da tua sorte; poderei libertar-te ou matar-te, conforme o que eu resolver no momento. Infalivelmente serás fulminado se, depois que saíres daqui tiver a ousadia de contar a alguém qualquer coisa do que se passou e ainda se passará, morrerás tu e todas as pessoas a quem o contares.

Depois de uma pequena pausa, Zueti continuou, em tom autoritário, porém, calmo.

— Agora, vou retirar-me um instante; tu permanecerás aqui, à minha espera. Se tentares fugir, serás fulminado, imediatamente.

Dizendo isto, retirou-se.

Milkias ficou indignado com o procedimento de Zueti e embora sua revolta chegasse ao auge, não teve coragem para fugir; temia, agora, a velha bruxa, de quem ouvira contar tantas proezas tétricas.

Pouco depois, voltava Zueti, que serviu chá com bóio, ordenando ao rapaz que comesse.

Muito contra a vontade, Milkias obedeceu.

Nem bem terminara o chá, sentira um sono profundo, chegando a recostar a cabeça à mesa.

A bruxa segurou-o por um braço e levou-o à sua cama; auxiliou-o a despir-se, deitou-o e cobriu-o.

Pela manhã, quando o rapaz acordou, sentindo um calor tremendo, notou que Zueti dormia ao seu lado,

completamente nua e descoberta, deixando completamente à vista seu lindo corpo.

Seu desejo aumentou grandemente e sentia ímpetos de tocá-la; seu desejo mais aumentava e Milkias sentia vontade de se lançar sare ela e devorá-la completamente, embora sentisse ainda a mágoa da humilhação a que foi submetido na véspera.

Vagando entre o desejo e a razão, pois, receava ser punido por aquela bruxa temível, Milkias continuava contemplando seu lindo corpo, quando ela despertou, espreguiçou-se, olhou calma e naturalmente para o rapaz seminu, não dando a menor importância ao olhar contemplativo e admirador daquele seu hóspede.

Sorriu ligeiramente, segurou-lhe a mão, levou-a ao seu rosto, depois a beijou; em seguida colocou-a sare os seus lindos seios que mais pareciam ser de uma linda jovem do que mesmo de uma mulher centenária; segurou-lhe a cabeça, beijou-o muito afetuosamente; depois, segurando-o pela nuca, foi-se deitando lentamente, enquanto Milkias caía suavemente sobre ela...

Estas cenas se repetiram durante todos os dias que se seguiram; assim conviveram durante os 77 dias a que foi condenado pela sua imprudência, na maior harmonia, sem que nenhum dos dois se atrevesse a tocar no desentendimento ocorrido na primeira noite.

Conversavam amistosamente, durante horas a fio; e quando se cansavam de conversar, deitavam-se um ao lado do outro...

Durante essas conversas, Zueti que havia vivido muito mais do que Milkias, costumava contar fatos ocorridos num passado remoto, de que não mais havia memória e o rapaz ficava satisfeito com essas histórias que, para ele, tinham grande valor instrutivo.

Certo dia, Zueti mostrava-se muito entusiasmada, muito alegre, o que sugeriu a Milkias a idéia de poder abordá-la de modo diferente.

Desejava saber, ao certo, sobre o seu passado e, embora receoso, formulou uma pergunta inocente:

— Como foi que você se dedicou à feitiçaria, se esta pergunta não lhe aborrece?

— Muitas vezes, a vida nos encaminha para onde não queremos ir; eu comparo a vida a um barco sem leme, que navega ao sabor dos ventos; algumas vezes, consegue-se um leme, porém, outras, ele deixa de funcionar ou não obedece ao timoneiro... Assim, a vida caminha por si mesma, levando os seres humanos para onde ela bem entende, sem nos dar a menor satisfação!...

Essa interrupção brusca do pensamento de Zueti, o ar amargurado com que proferia essas palavras, deram o que pensar ao jovem Milkias que começava a se arrepender da sua pergunta, pois, temia uma outra tempestade, talvez mais violenta do que a primeira.

Esperou durante algum tempo, não sabendo que atitude tomar; parecia-lhe ter aberto uma chaga, pràticamente cicatrizada.

— Meu jovem, sonhamos na adolescência com as maiores venturas, mas o destino, muitas vezes cruel, altera completamente os nossos planos.

Eu vivia feliz com a minha família; ocorrendo a morte de meu pai, por quem tive uma grande adoração, senti, pela primeira vez, a maior traição que uma pessoa pode sofrer, pois, ele não mencionara o meu nome no testamento, o que importa dizer que me havia deserdado, sem motivo e sem dar-me ciência dessa decisão.

Profundamente magoada, recorri à minha mãe, de quem sempre fui amiga e confidente e a quem confiava minhas

tristezas e os meus problemas mais sérios, encontrando, nela um valioso apoio moral e material.

Ela fez o que lhe competia; acalmou-me, dizendo que não se esqueceria de mim.

Confiada na sua palavra, sosseguei completamente. E qual não foi a minha surpresa ao saber que, também, me havia deserdado, pois, dedicava maior estima aos meus irmãos homens, pois, eu era a única filha...

Meus irmãos explicaram-me o grande fenômeno: sendo mulher, deveria casar-me e não era justo levar para fora da família, parte da fortuna que meu pai ha- via acumulado, com sacrifícios, durante longos anos. Logo providenciaram meu casamento com um rapaz rico, com o que ficaria completamente solucionada minha situação.

Zoroastro, meu marido, dedicava-me afeição especial, pois eu era realmente linda, modéstia à parte.

A gravidez não se fez esperar... Tive uma menina, para minha desgraça.

Meu marido passou a odiar-me, pois, embora jamais tivesse mencionado o assunto, desejava e tinha a certeza de que lhe daria um filho, para perpetuação do seu nome.

Discutimos muito e, finalmente, foi franco, deu-me algum dinheiro e mandou que me retirasse de sua casa e de sua vida, pois, precisava casar-se novamente, a fim de conseguir um filho que continuasse a perpetuação da sua família.

De início, não me preocupei muito, acreditava que poderia contar com os meus irmãos; além disto, estava certa de que a decepção do meu marido se desvaneceria e ele tornaria a acolher-me, o que seria muito bom para mim, pois lhe dedicava muita estima.

As coisas, porém, saíram ao contrário, meus irmãos fizeram-me sentir que nada mais tinham a ver comigo, pois,

já éramos adultos; informaram-me, ainda, que meu marido havia desistido completamente de mim, pois, a sua descendência estava completamente prejudicada, pelo nascimento de uma menina.

Compreendi, então, que a minha situação era profundamente precária e que nada mais tinha a fazer, senão procurar ganhar a vida por mim mesma.

De posse do pouco dinheiro que meu marido me havia dado, fiquei sem saber o que fazer. Não obstante, fui para outro povoado, onde procurando alojamento até poder resolver minha situação, encontrei uma senhora que me dispensou todo o auxílio e toda a simpatia.

Tinha ela o poder de adivinhar e, embora eu nada lhe dissesse sobre a minha vida, ela mesma me relatara todos os detalhes.

Ao terminar, acalmou-me, dizendo-me que dentro de pouco tempo, eu teria oportunidade de me vingar de todos eles.

Vingança! Eis o que eu precisava!

Quando me propus a partir, ela me impediu, sugerindo-me viver com ela; a fiz ver que não tinha os meios necessários para cobrir as despesas ao que ela respondeu que isto não tinha importância, pois precisava exclusivamente da minha companhia e que em troca, dar-me-ia muito.

Aceitei o convite, embora desconfiada, porque já havia sofrido várias decepções que amarguravam a vida.

Decorrido algum tempo, notei certas esquisitices na minha nova amiga: Margarida sentia por mim uma admiração diferente... Não se cansava de elogiar a minha beleza, fazia questão de ver-me sempre nua e de dormir comigo...

Tive de aceitar isto, pois, não tinha para onde ir e não tinha experiência da vida!

Animava-me o desejo de vingança, de que ela me falara.

Com a convivência, comecei a gostar dela... E conquistei-lhe a amizade e a confiança, principalmente, por- que me submeti aos seus desejos...

Certo dia, Margarida que era o nome da minha amiga e protetora, chamou-me sèriamente e disse-me que, queria falar-me com muita calma; os seus ares solenes me intimidaram, pois, julguei que se tratasse de uma nova traição.

Sentamo-nos. Margarida ficou silenciosa durante algum tempo, olhando-me com firmeza, o que mais aumentou o meu medo.

Depois de algum tempo, Margarida propôs que ficássemos nuas, para podermos conversar melhor. Não tive outro remédio senão concordar, pois, toda minha vida, nessa fase, dependia dela.

Então ela começou a falar: A tua beleza te salvou, pois, nenhuma outra mulher deu-me tanto prazer; e por isto, vou fazer-te uma grande revelação, que é a seguinte: sou feiticeira, durante muitos anos, dediquei-me a bruxaria; como recompensa pelo trabalho que tiveste comigo, vou ensinar-te os segredos da bruxaria e recomendo-te que os guarde para ti; confia-os a alguém a quem muito ames; é pecado punível severamente, confiar esses segredos a uma pessoa a quem se não ame profundamente; dizendo isto, passou a mão pelos meus cabelos, depois, beijou-me os seios; ajoelhou-se diante de mim, beijou-me as coxas; apoiou a cabeça sobre as minhas coxas e assim permaneceu durante algum tempo para continuar, depois, com a conversa.

Habituada como já estava aos prazeres que ela costumava tirar do meu corpo, ao mesmo tempo em que me dava esses mesmos prazeres, nada tinha a estranhar da sua atitude. Acariciei os seus cabelos; ela também era linda; dizendo que era feiticeira não me abalou, embora essa denominação, geralmente, sugira uma mulher feia e velha.

Com ela aprendi a admirar a beleza dos homens e das mulheres e a gozar os homens e as mulheres...

Subitamente, Margarida levantou a cabeça, olhou-me fixamente, como se quisesse chorar e perguntou-me: quantos anos acha que tenho?

Uns quarenta, meu bem, respondi, beijando-a na boca. Ela sorriu amargamente e disse: mais de cento e cinqüenta anos...

Estremeci! Para mim, foi uma grande surpresa, pois tinha a certeza de que Margarida não teria mais de quarenta anos!

Apouco depois, Margarida, levantou-se, sentou-se diante de mim e relatou-me o seguinte: aprendera, havia muitos anos, certas receitas de bruxaria que pusera em prática, durante longos anos, o que lhe deu a fama de “grande bruxa da traição” e lhe deu grande fortuna; depois de inúmeros anos de trabalho nessas atividades, Margarida sentiu-se cansada, retirando-se, inesperadamente, para outro lugar, onde a encontrei, passando a levar uma vida calma e completamente obscura, pois, não mais necessitava de trabalhar; quando apareci, de inicio, teve o ímpeto de mandar-me embora, sem me dar qualquer atenção; minha presença despertou-lhe os instintos sexuais e foi assim, que ela preferiu dar-me apoio.

Perguntei-lhe que pretendia fazer agora; respon- deu-me que se despedia de mim, confiando-me toda a sua fortuna e as receitas de bruxaria, para que eu pudesse ganhar a vida

e defender-me dos maus; que, não obstante, não precisaria trabalhar, possuindo a fortuna que iria deixar-me.

Perguntei-lhe se essa fortuna não faria falta, ao que respondeu que não, porque estava prestes a partir... Não sabia para onde, se ao encontro com o diabo, ou se para um lugar melhor, com melhores companhias.

Admirou-me a calma e a displicência com que dissera isto, pois, parecia não temer a morte; não conseguia compreender como uma pessoa diante da morte enfrenta-a com tanta calma.

Em seguida, passou a ditar-me as receitas.

— Você, ainda as conhece? Perguntou Milkias.

— Claro, seria capaz de esquecer-me de tudo, menos delas, pois foi com isto que ganhei a vida durante muitos e muitos anos e graças a tudo isso, consegui a fortuna necessária para viver sem trabalhar.

— Então, você não é pobre?

— Claro que não! Respondeu Zueti, soltando uma gargalhada.

Pouco depois, continuou:

— Estas receitas só as confio a quem eu amo, foi a recomendação de Margarida; será muito infeliz a bruxa que as entregar a uma pessoa por quem não sinta amor. E por isto mesmo, vou confiá-las a você, para seu uso pessoal; não deve ensiná-las a ninguém; também, não deve se insinuar como bruxo, porque isto lhe traria grandes desgraças de que jamais poderia livrar-se; morrerei dentro de pouco tempo e elas não mais me farão falta; levo para o túmulo o meu segredo, que ganhei de minha grande amiga e amante, a quem continuo adorando e que espero encontrar depois da morte, no palácio de Lúcifer ou em qualquer outro lugar.

Milkias estremeceu apavorado, mas logo retomou a calma, pois se lembrou de que estava diante de uma senhora muito idosa, que muito sofrera e que talvez, a idade e o sofrimento tivessem perturbado o pensamento.

— Mas, quais são essas receitas, Zueti?

— Toma nota, meu bem!

Milkias começou a escrever, enquanto Zueti ditava.

1. Para não ser traído pelas mulheres — Escreve a oração da Virgem Maria, num papel cor de rosa, antes do nascer do sol. Pendura-a ao pescoço, onde deverá ser mantida constantemente.

2. Para que uma mulher não seja traída pelos homens — A mulher deve escrever a oração do Padre Nosso, num domingo antes do nascer do sol, em papel azul e trazê-la constantemente ao pescoço.

3. Para que um homem não seja traído pela esposa — O marido deve escrever a oração do Padre Nosso, da seguinte maneira:

a) — numa segunda-feira, ao meio-dia, num papel azul;

b) — na terça-feira (dia imediato), escreverá a mesma oração, num papel cor de rosa;

c) — envolverá os dois papéis em pano cor de ouro e o manterá ao pescoço, constantemente.

4. Para que a mulher não seja traída pelo marido — A mulher deve escrever a oração da Ave Maria, da seguinte maneira:

a) — numa quinta-feira, ao meio-dia, num papel cor de rosa;

b) — na sexta-feira (dia imediato), a mesma oração, em papel azul, também, ao meio-dia;

c) — envolverá os dois papéis em pano cor de prata e o manterá, constantemente, ao pescoço.

5. Para não ser traído pelos amigos — Aquele que costuma ser vítima da traição dos amigos deve proceder da seguinte maneira:

a) — nas segundas, quartas e sextas-feiras, às seis horas da manhã, deve rezar um Padre-Nosso;

b) — nas terças, quintas e sábados, às seis horas da tarde, deve rezar uma Ave-Maria.

6. Para não ser traído pelos sócios — Todos os domingos, às seis horas da manhã, ao meio-dia e às seis horas da tarde, deve rezar três Padre Nosso e três Ave-Maria.

7. Para não ser traidor — Toda pessoa (homem ou mulher) que tem tendência para trair os seus amigos ou parentes, deve proceder da seguinte maneira: se desejar que as suas traições não se consumem e pretenda deixar de ser traidor: toda sexta-feira de cada fase da lua, ao meio-dia, deve rezar nove Padre Nosso e nove Ave-Maria.

Dizendo estas palavras, recostou-se e soltou um suspiro profundo, como que se sentindo aliviada.

Disse, em seguida:

— Milkias, toma estas receitas, usa-as para ti mesmo; não as confies a ninguém, sob pena de sofreres grande castigo. E quando me encontrares na rua, faz de conta que não me conheces; não mais menciones o meu nome, não me siga. Agora, que já te dei gozo e tive gozo contigo, não mais me interessas; os homens interessam-me por pouco tempo; passo-os, logo, para o arquivo da memória e, daí, para o rol dos esquecidos. Se me falares na rua, serás fulminado. Vai-te.

Milkias retirou-se sem saber o que dizer; nem, ao menos sabia o que pensar daquela aventura; se deveria amar ou

odiar Zueti; e ela? Sentiria ódio ou amor por ele?

Se sentisse amor, não o expulsaria, prometendo passá-lo para o arquivo da memória; se o odiasse não lhe teria dado prazer e as receitas para seu uso pessoal.

De qualquer maneira, para Milkias, Zueti continuava sendo um grande mistério...

Ao encontrar os seus amigos, estes se mostraram surpresos, pois, tinham-no como morto.

As indagações se sucederam, porém, o rapaz, proibido de falar pretextou uma viagem, na qual insistiu a despeito da descrença dos seus amigos.

Decorridos alguns dias, Zueti passou, hirta, como sempre!

Limitaram-se a olhar; Milkias, voltou-lhe as costas; ela não percebeu ou fingiu não perceber; os amigos de

Milkias olhavam intrigados, mas não se atreveram a formular qualquer pergunta; quando ela acabou de passar, reiniciaram a conversa, porém, sobre outros assuntos: algo de misterioso pairava no ar; Milkias, falava com a voz trêmula, forçando um sorriso, procurando disfarçar a sua verdadeira situação, o que mais confirmou as suspeitas dos amigos.

Esta foi a última vez que Zueti apareceu na rua. Milkias, como era de se esperar, pôs em prática as receitas que lhe foram confiadas por ela.

Durante sete anos consecutivos, defendeu-se das traições, com grande êxito.

Ao fim destes, contratou casamento com uma linda jovem da sua cidade, irmã de um dos seus amigos; a despeito da grande amizade, esse amigo jamais tornou a falar em Zueti, mas continuava sentindo que algo de misterioso se havia passado na vida do amigo.

Milkias, poucos dias antes do casamento, começou a pôr em ordem as suas coisas, eliminando o que era desnecessário e guardando convenientemente o que fosse necessário.

Entre os seus alfarrábios, encontrou o papel em que estavam escritas as receitas da bruxa Zueti.

Sentou-se e pôs-se a relembrar o passado; desde a primeira vez que a vira na rua, a aposta com os amigos, a cena do restaurante, enfim, todas as peripécias até o desfecho final... O misterioso desaparecimento de Zueti.

Começou então a escrever a história toda, à qual juntou o mesmo papel que havia usado na casa da bruxa. Recolheu tudo com muito cuidado.

Dias depois, ao fazer a mudança para a casa aonde iria se instalar com a sua esposa, depois do casamento, notou que o papel havia desaparecido inexplicavelmente.

Por mais que o procurasse, não conseguia encontrá-lo.

Profundamente preocupado e aborrecido, Milkias deitou-se e começou a conjecturar sobre as possibilidades de um furto; mas, então, teriam desaparecido outras coisas mais importantes, mais valiosas; ninguém sabia que ele estava de posse daquele papel.

Por mais que pensasse não conseguia encontrar uma explicação, até que adormeceu e sonhou.

Zueti lhe aparecera sorridente, dizendo-lhe que havia perdido o papel, mas que isto não tinha tanta importância; não devia dá-lo a ninguém.

Esse documento, juntamente com o que escrevera jamais seria encontrado por ele; portanto, deveria desistir de procurá-los.

Mas, esses papéis seriam encontrados cerca de trezentos anos mais tarde, por alguém que desconhecia com-

pletamente o assunto e que estava procurando alguma coisa completamente diferente.

E agora, ela desaparecia completamente, não mais voltando para importuná-lo, mas fazia-lhe esta recomendação:

Não sejas mau para ninguém; apenas, defende-te dos maus.

Milkias acordou calmamente, continuou a sua mudança, sem mais se preocupar com os papéis; quanto às receitas, já as tinha de memória.

Nesse sonho, parece que Zueti dissera a verdade, pois os papéis perdidos por Milkias foram encontrados por alguém que procurava coisa completamente diferente, e que desconhecia a história da bruxa e a aventura do rapaz.

DÉCIMA SEGUNDA PARTE

Receitas da Bruxa Akantus

A bruxa das amizades

Como a história das bruxas anteriores, a bruxa Akantus foi descoberta por meio de alfarrábios que conseguimos.

Entre os referentes a esta, nada encontramos quanto à sua história, embora o documento contivesse aproximadamente duzentas páginas destruídas pelo tempo.

A despeito de trabalho de reconstituição, consegui- mos, apurar, apenas, a parte relativa ao seu receituário.

Nos pequenos espaços legíveis conseguimos concluir que a bruxa Akantus tinha a preocupação das amizades o que foi confirmado pelas suas receitas que passaremos a transcrever:

1. Para ter amigos — Quando uma pessoa sentir que não tem amigos, deve proceder da seguinte maneira: reservar

um dia por semana que escolherá ao seu critério. Nesse dia, sempre à mesma hora, ir até a porta de uma igreja, rezar um Padre Nosso e uma Ave Maria.

Essa prática deve ser feita constantemente, e os resultados começarão a se manifestar cerca de três meses depois de iniciada e a sua intensidade irá aumentando com o decorrer do tempo.

2. Para não ter inimigos — Escolha uma noite por semana e todas as semanas nesse mesmo dia, à mesma hora, dirija-se a um rio ou riacho; poste-se à margem esquerda, volte-se para o lado da correnteza, cuspa três vezes na água e lance um ovo cozido.

Ao lançar o ovo, imagine que ele representa todos os inimigos que possa ter.

3. Para que as amizades sejam permanentes — Faça ou mande fazer um boneco de madeira, que deverá ser envernizado.

Esse boneco deve representar uma pessoa de pé, sem qualquer demonstração de sexo; os pés devem ser chumbados ou conter um peso qualquer para que possa ficar de pé.

Conserve esse boneco em casa e todas às noites coloque-o sobre a janela, de modo a receber o luar, durante treze minutos.

4. Para que os inimigos sejam amigos — Dirija-se a um rio e coloque-se à margem direita do mesmo, olhando para o lado contrário ao da correnteza.

Amarre um ovo com um pedaço de barbante bastante comprido e firme.

Mergulhe o ovo três vezes na água e em seguida, retire-se para sua casa; cozinhe o ovo e sepulte-o à meia- noite, imaginando que está sepultando todas as inimizades.

No dia seguinte, plante uma hortaliça qualquer, ao lado do lugar onde foi sepultado o ovo.

Com o nascimento e crescimento da hortaliça, os inimigos se transformarão em amigos.

5. Para que um homem tenha amigas — Se um homem sente necessidade de ter amigas, deve comer bife de fígado, todas as quintas-feiras durante a lua cheia.

6. Para que uma mulher tenha amigos — Se uma mulher desejar ter amigos, deve proceder da seguinte maneira: tomar uma gemada às nove horas da noite, do quarto minguante, estando com o estômago vazio.

7. Para que os espíritos sejam amigos — Se uma pessoa julgar que está sofrendo da inimizade dos espíritos, e quiser transformá-los em amigos, deve proceder do seguinte modo: caminhar por uma estrada, até cobrir o percurso de setecentos metros, pensando nos espíritos inimigos.

Volver-se bruscamente, parar durante três minutos, pensando que deixa ali a inimizade dos espíritos.

Voltar pelo mesmo trajeto, pensando que os espíritos inimigos, o acompanham como amigos.

DÉCIMA TERCEIRA PARTE

Receitas da Bruxa Suntak

A bruxa do fogo

Como aconteceu com a bruxa Akantus, os alfarrábios que encontramos a respeito da bruxa Suntak estavam em péssimo estado, não nos sendo possível reconstituir toda a sua história.

Conseguimos reconstituir muitos trechos, pois, o documento continha cerca de trezentas e cinqüenta

páginas; foi assim que pudemos concatenar todas as suas receitas.

Quanto à sua história, só nos foi possível colher trechos esparsos e concluímos que era a bruxa do fogo; foi-lhe dada essa denominação porque costumava passar horas a fio, sentada ou acocorada ao pé do fogo, mas não conseguimos saber porque o fazia.

Numa das últimas páginas do alfarrábio, verificamos que certo dia, o último da sua vida sare a torra, adormeceu de cansaço e foi devorada pelo fogo.

Eis as suas receitas.

1. Para não ser vitima do fogo — Estenda uma toalha completamente branca e limpa sobre uma mesa branca.

Coloque uma vela sobre um castiçal ou mesmo um pires que sirva como protetor da mesma.

Acenda a vela e reze três Salve Rainha; descanse durante três minutos, mantendo-se de pé diante da vela, e reze, novamente, três Salve Rainha; torne a descansar durante três minutos e repita as três Salve Rainha.

Isto deve ser feito à noite, numa segunda-feira do mês de junho.

2. Para ser protegido pelo fogo — Esta receita refere-se ao fogo astral que fulmina muitas pessoas que não sabem manejá-lo.

Para que este fogo mortal não prejudique uma pessoa, deve ela embeber um lenço vermelho em azeite puro; estender o lenço sobre uma mesa pintada de vermelho suave e deixá-lo ali durante três noites consecutivas.

Depois, retirar o lenço e lançá-lo num rio ou riacho.

Esta operação deve ser realizada numa quinta-feira do mês de julho.

3. Para obter os favores do fogo astral — Mande fazer um desenho ou pintura representando uma montanha de fogo.

Coloque esse quadro num aposento que não seja freqüentado por ninguém.

Sempre que tiver de fazer um pedido ao fogo astral, fique de pé junto ao quadro, contemplando-o firmemente durante algum tempo e, em seguida, formule o seu pedido.

Esta prática deve começar no dia 13 de agosto.

4. Para ter o fogo da vida — Durante o mês de agosto inicie uma prática que deve perdurar durante toda a vida.

É a seguinte: masque canela em rama, sempre que for possível e, em seguida, cravo da Índia.

Deve-se usar a canela num e cravo da Índia no outro dia.

5. Para ser protegido pelos espíritos do fogo — Acenda uma vela em lugar completamente seguro.

Contemple a chama durante algum tempo, até ver que os espíritos do fogo se desprendem da chama.

Nesse momento, formule um pedido claro e que não importe em prejuízo ou castigo para quem quer que seja.

6. Para que os espíritos do fogo tragam felicidade — Acender uma vela, num castiçal ou mesmo num pires que sirva como protetor, sem o que não dará qualquer resultado.

Colocar o castiçal ou o pires com a vela sobre uma toalha de cor azul celeste.

Rezar nove Salve Rainha.

Depois, permaneça durante algum tempo contemplando a chama da vela, quando deverá pedir a felicidade para si ou para os outros.

Se pedir alguma coisa que possa prejudicar alguém, ficará sofrendo de alguma doença incurável.

7. Para que a luz do fogo abra caminho na vida — Sobre uma toalha de cor amarela canário, coloque três castiçais ou três pires em linha reta. Cada um desses castiçais ou pires deve conter uma vela, azul celeste.

Acenda as três velas, com o mesmo palito de fósforo.

Em seguida, contemple a primeira vela durante cinco minutos; a segunda durante três minutos e a terceira durante um minuto.

Feche os olhos e permaneça assim durante sete minutos.

Recomece da última vela; contemple-a durante cinco minutos, a segunda durante três e a última durante um.

Cerre os olhos e permaneça assim durante sete minutos.

Agora reinicie a operação: contemple essa vela durante cinco minutos, a segunda durante três e a última durante um minuto.

Cerre os olhos durante treze minutos, pensando em abrir caminho na vida.

Observação — Toda pessoa que puser em prática as receitas da bruxa Suntak, deve:

a) — pensar nela todos os dias, ao acordar; se esquecer em determinado dia, deverá pensar nela sete vezes por dia, durante sete dias consecutivos, para poder obter os seus favores;

b) — se cair uma gota de vela sobre a toalha da mesa ou se queima a toalha, a pessoa sofrerá grandes dissabores durante nove anos consecutivos e deverá desistir completamente dessa prática sob pena de sofrer castigos maiores.

Era o que constava dos alfarrábios relativos a essa bruxa.

D CIMA QUARTA PARTE

Receitas da Bruxa Trilaide

A bruxa da vida material

O que se sabe é que esta bruxa viveu até os trezentos e treze anos de idade, sem ser molestada pela velhice ou pelas doenças.

Nessa idade avançada, ainda atendia de bom grado e bem humorada todas as pessoas que a procuravam, sem que ninguém suspeitasse da sua idade secular.

Sabe-se, também, que iniciou essas atividades aos treze anos mantendo-se nela até a sua morte; foi iniciada por um ancião cuja idade se ignora.

Damos abaixo as suas receitas.

1. Para ter vida longa — Quem desejar viver muito tempo deve tomar um cálice de vinho tinto à hora de dormir.

É indispensável que seja vinho de boa qualidade e que a pessoa não sofra de qualquer moléstia que a iniba de tomar bebida alcoólica; neste caso, o presente recurso será contraproducente.

2. Para ter vida feliz — Se uma pessoa se sente infeliz por qualquer motivo, deve usar um par de meias durante três dias, findos os quais deve tirá-lo e proceder da seguinte maneira:

a) — exponha ao luar a meia que estava no pé esquerdo; em seguida atire-a a distância de modo a não cair na água nem ficar sepultada;

b) — exponha aos raios solares do meio-dia, a meia que estava. no pé direito e lance-a à distância, nas condições acima indicadas.

3. Para ter vida harmoniosa — Mande desenhar ou pintar um beija-flor e conserve esse quadro num aposento que não seja muito freqüentado, principalmente, por pessoas estranhas.

Contemple-o todos os dias às dez horas da noite. Deve começar numa noite em que o céu esteja estrelado.

4. Para progredir na vida — Todas as noites contemple uma estrela; sempre a mesma.

Dê um nome de mulher a essa estrela, de preferência, de uma mulher a quem tenha amado ou ame ainda.

Dirija-se a ela todas as noites, pedindo-lhe que o auxilie a progredir na vida.

Quando estiver chovendo ou a sua estrela não aparecer no céu, não faça nada, porém esteja atento para continuar, quando for oportuno

Se tratar de uma moça ou mulher que deseje progredir na vida, faça o mesmo, dando à estrela o nome de um homem, de preferência de um homem a quem ame ou já tenha amado; se no momento estiver amando alguém, deve usar o nome dele e não o do anterior.

5. Para ter uma vida calma — Todos os dias, à mesma hora, contemple o mostrador de um relógio, de preferência, grande.

Acompanhe o movimento do ponteiro dos minutos, durante cinco minutos.

6. Para que ninguém prejudique a sua vida — Todas as noites, estando claro o céu, contemple a lua e pense nas suas diferentes fases: nova, crescente, cheia, minguante.

Se falhar alguma noite, não tem importância; o que produz efeito é a continuidade deste trabalho, acompanhando sempre as quatro fases da lua.

À medida que o tempo passa, vai-se adquirindo um poder cada vez maior de não ser prejudicado pelas outras pessoas.

7. Para não prejudicar a vida alheia — Se uma pessoa costuma prejudicar, involuntàriamente, a vida dos outros e sente-se mal por este motivo, deve proceder da seguinte maneira: todas as noites, na hora de dormir, deite-se de costas já pronto ou pronta para dormir e pense num inimigo ou inimiga.

Pense na mesma pessoa (inimiga) durante três noites consecutivas.

Na noite seguinte, pense numa outra pessoa inimiga.

Faça o mesmo, isto é, três noites consecutivas para cada pessoa inimiga, até esgotar todos os inimigos (homens e mulheres).

Se não tiver nenhum inimigo (homem ou mulher), pense num desafeto (homem ou mulher); se também, não os tiver, pense numa pessoa que lhe não inspire simpatia.

Ao pensar nessas pessoas (inimigas, desafetos ou antipáticos) não deve fazê-lo com ódio, com ressentimento, etc.; também, não procure julgar se teve ou não razão de serem inimigos; pense simplesmente nas pessoas.

Quando tiver esgotado toda série de inimigos, desafetos e pessoas antipáticas, comece a pensar do mesmo modo, sem ressentimento e sem arrependimento nas pessoas que já tiver prejudicado, tendo o cuidado de dedicar três noites para cada pessoa.

Quando esgotar toda a série, volte ao começo, repetindo a mesma operação, com as mesmas pessoas.

Depois de algum tempo, notará que perdeu o poder de prejudicar os outros.

DÉCIMA QUINTA PARTE
O Sabbat dos Feiticeiros
O SABBAT DOS FEITICEIROS

Segundo os ensinamentos da bruxa Saussine sacerdotisa do Sabbat

Todas as religiões, todas as seitas, todos os credos têm as suas cerimônias que recebem o nome de ritual; para celebrar essas cerimônias, reúnem-se em dias e horas prèviamente estabelecidas os componentes dessas religiões, seitas ou credos.

Assim, os feiticeiros também têm e sempre ti eram seu ritual, isto é, suas cerimônias que congregavam os seus elementos.

Essas cerimônias receberam o nome de “sabbat” porque sempre foram celebradas aos sábados.

Há muitos tipos de “sabbat”.

O que vamos mencionar está incompleto pelas razões que apresentamos no prefácio e baseia-se nos ensinamentos da grande bruxa Saussine, que foi a maior sacerdotisa do “sabbat” na França, durante muitos anos da sua longa existência.

Para que os nossos leitores possam ter uma idéia clara das cerimônias do “sabbat”, daremos os detalhes do mesmo.

Para a celebração do “sabbat” é preciso:

1.° — um salão que possa comportar pelo menos 13 pessoas;

2.° — o chão deve ser pintado de vermelho bem carregado;

3.° — as paredes completamente pintadas de preto, bem como o teto;

4.° — numa das paredes será colocado um quadro contendo a figura do bode do “sabbat” que reproduzimos abaixo:

5.° — uma plataforma de madeira ou de pedra, pintada de preto, medindo 2 metros de altura, para comportar um bode. Essa plataforma deve ser colocada no meio do salão, ficando em frente ao lugar da parede onde será colocada a imagem do bode do “sabbat”;

6.° — à direita e à esquerda da parede do fundo, onde ficará a imagem do bode do “sabbat” e contornando a plataforma onde deve ficar o bode verdadeiro, partem três muros em forma de arco de círculo, deixando uma abertura de 3 metros entre si; esses muros terão as seguintes: o primeiro (mais exterior) terá a altura de 26 centímetros e 8 metros de corda; o segundo (imediatamente para dentro do primeiro) a altura de 39 centímetros com 7 metros de corda e será distanciado de 13 centímetros do primeiro; o terceiro, que será o mais interior, terá a altura de 52

centímetros com 6 metros de corda e terá a distância de 13 centímetros do segundo; esses três muros se destinam a receber 13 velas cada um de cada lado, e serão pintados de preto, bem como os respectivos suportes para as velas, a espessura de cada uma será de 13 centímetros.

7.° — velas de sebo, medindo 39 centímetros cada uma;

8.° — oito bodes e sete cabras, de preferência todos pretos ou, ao menos, de cor escura; nenhum desses animais deve ser de cor branca;

9.° — à esquerda de quem entra, um estrado de madeira pintado de vermelho tendo 52 cm de altura, com 13 cadeiras que se destinam à orquestra que deve ser composta de 13 figuras, sendo sete mulheres e seis homens;

10.° — à direita de quem entra, em frente ao estrado onde ficará a orquestra, será colocado um estrado, tendo 52 cm de altura pintado de preto, com uma mesa e sete cadeiras, destinadas aos membros da cerimônia do “sab-bat”, que serão em número de sete;

11.° — ao lado do estrado dos membros do “sabbat”, uma porta coberta por uma cortina de veludo preto, dará acesso a uma divisão contígua, que será o local onde se alojarão as mulheres;

12.° — ao lado do estrado da orquestra, uma porta coberta por uma cortina de veludo vermelho, dará acesso a uma divisão onde se alojarão os homens;

13.° — ao lado dessa porta (do n.° 12) uma outra porta coberta por uma cortina de veludo, metade preto e metade vermelho, dará acesso para uma divisão menor, onde ficarão os que ainda se estiverem iniciando no “sabbat”, sem distinção de sexo.

Depois que tudo isto estiver preparado, então deve-se proceder à iniciação, primeiramente dos membros da

cerimônia do “sabbat” e depois dos demais elementos.

Os membros do “sabbat” serão em número de sete pessoas, sendo 4 mulher e três homens; a direção suprema caberá a uma mulher que tenha 26, 49 ou 52 anos de idade; todos os membros da direção deverão ser pessoas que tenha feito pacto com o diabo há sete semanas, pelo menos, e tenham seguido as instruções constantes da primeira parte deste livro, há sete semanas.

Assim organizada a direção do “sabbat”, procede-se à iniciação dos principiantes, que deverão ter no mínimo 26 anos de idade, os quais, antes de serem admitidos às sessões do “sabbat” devem passar pelas provas necessárias e, finalmente, fazer o pacto com o diabo.

São as seguintes as provas para os principiantes:

1.ª — numa noite tempestuosa, fazê-la caminhar por uma estrada deserta, num percurso de 600 metros (ida e volta), completamente só e sem qualquer iluminação;

2.ª — numa noite escura, o principiante deverá ir às imediações de um cemitério e trazer um pouco de terra ou um objeto qualquer que o iniciador tiver deixado lá; o principiante deve ir sozinho e a noite deve estar completamente escura e sem luar;

3.ª — numa noite escura, o principiante deverá entrar no cemitério a qualquer hora da noite e trazer um pouco de terra ou um objeto que o iniciador tiver deixado lá;

4.ª — numa noite escura, o principiante deve ir ao cemitério à meia-noite, permanecer junto a uma sepultura durante 13 minutos;

5.ª — numa noite da lua minguante, o principiante, munido de um cobertor preto, irá ao cemitério à meia-noite e ali pernoitará ao lado de uma sepultura de terra, devendo retirar-se 13 minutos antes do nascer do sol;

6.ª — numa noite escura, o principiante será colocado numa câmara ardente, toda coberta de preto com quatro velas acesas, onde permanecerá por 13 minutos; depois será retirado da câmara ardente e colocado num caixão de defunto todo revestido de preto por dentro e por fora; esse caixão deverá ter uma abertura pequena, próximo da cabeça para permitir entrada do ar; o principiante permanecerá no caixão durante treze minutos, enquanto os membros da direção assistem a essa prova e a orquestra executa uma música lúgubre;

7.ª — o principiante deverá ser envolvido em roupa toda preta, os olhos completamente vendados conduzido a uma sessão do “sabbat”; depois que tiver entrado no recinto ser-lhe-á indicado um lugar para beijar, de modo que beija os olhos do bode verdadeiro; depois que o fizer, então, estando todas as luzes apagadas e somente as 13 velas do círculo interior acesas, deixando-o ainda no mesmo lugar, retirem-se todos e se coloquem em lugar onde não possa ver ninguém e um elemento da direção mandará que retire a venda; quando o fizer verá o lugar onde beijou e se mostrar repugnância ou sentir medo, então será eliminado, não lhe sendo permitido tomar parte nas sessões do “sabbat”.

O principiante deve ser eliminado em qualquer das provas, se mostrar medo.

Se ele executar todas as provas com desembaraço, sem medo e sem reclamações, será então instruído para fazer o pacto com o diabo e, depois disto admitido às sessões do “sabbat”.

As sessões do “sabbat” terão lugar sempre aos sábados, à noite.

Far-se-á a iniciação dos principiantes, se houver, antes das sessões.

A sessão será realizada da seguinte maneira:

1.° — Todos os homens que tomam parte no “sabbat” devem estar vestidos de preto e as mulheres de vermelho ; a roupa deve consistir numa única peça, manto, munido de capuz da mesma cor;

2.° — os homens se recolherão à sua sala e as mulheres à sala que lhes é destinada;

3.° — os membros da direção e os da orquestra, usarão manto preto e vermelho, sendo a metade de cada cor, de modo que a metade do lado direito dos homens será preta, e a outra metade, vermelha; as mulheres terão manto da mesma cor, porém a disposição dessas cores será exatamente ao contrário da dos homens;

4.° — na sala onde estiverem reunidos os homens ficará um representante de direção; na sala das mulheres, também haverá uma representante da direção;

5.° — às 10 horas da noite, menos treze minutos, a orquestra iniciará a execução de unia música lúgubre; os homens sairão do seu salão para o do “sabbat” e as mulheres farão o mesmo;

6.° — às dez horas, entram no salão do “sabbat” os membros da direção que tomarão os seus lugares; todos os participantes ficarão de pé;

7.° — a orquestra cessará a música e a presidente da mesa, dirá:

“Invoco o grande Lúcifer, imperador do Inferno, para que participe conosco desta sessão”.

8.° — um auxiliar da direção apagará algumas luzes e acenderá as 13 velas do círculo interior, enquanto uma mulher, vestida de vermelho, tendo colocado o capuz, começa uma dança, ao som da música;

9.° — continuam a dança e a música, e a presidente da mesa, dirá:

“Lúcifer está conosco!”

O auxiliar apagará mais algumas luzes e acenderá as velas do segundo círculo;

10.° — continuando a música, um homem acompanha a dança iniciada pela mulher, que continuará dançando; as danças devem ser executadas sempre com o capuz;

11.° — enquanto continua a dança e a música, a presidente da mesa, empunhando um estandarte que reproduz a imagem do bode do “sabbat”, sai da mesa, acompanhada pelos membros da direção e acompanha a dança no interior do círculo de velas; a essa altura, o auxiliar apaga todas as luzes ficando acesas as três fileiras de velas de cada lado; nessa ocasião, o bode verdadeiro será colocado no pedestal e a direção do “sabbat” executa a dança em torno dele; essa dança deve durar 13 minutos;

12.° — a direção retira-se do círculo, continuando a dança, fora do mesmo, acompanhada por todos os assistentes, ao som lúgubre da música; essa outra parte da dança deve durar também 13 minutos, findos os quais, a direção volta à mesa, sendo o estandarte entregue ao auxiliar que o segurará, ficando do lado esquerdo e à altura do quadril do bode verdadeiro enquanto os assistentes retornam aos seus lugares, assentando-se;

13.° — uma mulher, com o corpo coberto por uma pasta feita de gordura sem sal e com fuligem da chaminé, sairá do salão das mulheres e entrará dançando no salão da sessão; a essa altura, o par que iniciou a dança, pára e se reúne aos demais; continuando a dança, a mulher dança perto da mesa da direção durante sete minutos, e depois, em passo de dança, dirige-se para o interior do círculo, beijando os olhos do bode verdadeiro; ainda em passo de dança, dirige-se para a frente do bode e deita-se sobre um tapete de lã preta, com a cabeça voltada para o bode; os braços e as pernas estendidos e abertos; essa mulher será a sacerdotisa do “sabbat”;

14.° — a música lúgubre continua; os membros da direção saem da mesa, enquanto o auxiliar coloca uma vela na direção de cada mão e de cada perna da sacerdotisa; a presidente da mesa adianta-se, entra no interior do círculo, enquanto os demais membros permanecem fora; a presidente acende a vela que estiver em frente ao pé esquerdo, depois a que estiver em frente à mão esquerda, dará a volta por traz do bode, acenderá a vela que estiver em frente à mão direita e, finalmente, a que estiver em frente ao pé direito, retirando-se do círculo, para a sala das mulheres;

15.° — ainda ao som da música, desfilam os membros da direção, em frente à sacerdotisa, cada um ajoelha-se entre as suas pernas;

16.° — cada um que se tiver ajoelhado entre as pernas da sacerdotisa sai para fora do circulo, coloca o capuz e começa a dançar; quando todos tiverem terminado, irão para as respectivas salas;

17.° — os homens passarão no corpo uma pasta feita de gordura sem sal e excremento de cabra; as mulheres cobrirão o corpo com uma mistura de gordura sem sal e

excremento de bode; porém, sempre cobertos com o manto e o respectivo capuz;

18.° — os homens e as mulheres permanecerão na respectiva divisão; quando o último elemento do salão de sessões tiver se ajoelhado entre as pernas da mulher deitada e se retirado a orquestra cessará a música; a sacerdotisa continuará deitada;

19.° — os sete membros da direção voltam aos seus lugares; os primeiros sete homens e sete mulheres que já tiveram coberto o corpo com o respectivo ungüento, também voltarão para o salão; nessa segunda parte, todos, com exceção dos elementos da orquestra, voltarão para o salão de sessões, descalços;

20.° — dos sete homens e sete mulheres que tiverem voltado, dois homens e duas mulheres entram no interior do circulo de modo que um homem segure a mão direita e uma mulher a mão esquerda, um homem segure a perna esquerda e urna mulher a perna direita da sacerdotisa; levantam-na e levam-na para fora do circulo aproximam-se do estrado dos membros da direção e todos a levantam ao mesmo tempo, colocando-a deitada sobre a mesa da direção; a presidente acenderá uma vela em cada canto da mesa;

21.° — depois disto, retiram-se os membros da direção, em passo de dança; agora a dança será acompanhada por todos os que estiverem no salão de sessões porém fora do círculo;

22.° — quando todos os homens e mulheres tiverem voltado para seus respectivos lugares, a direção entra no círculo e ajoelha-se: a presidente e mais dois membros diante da imagem do bode do “sabbat” e os outros quatro elementos, dois de cada lado do bode verdadeiro; os de-mais, que estiverem no salão de sessões, deitar-se-ão no

chão, em decúbito frontal, isto é, com o peito e a barriga para baixo;

23.° — depois que todos estiverem deitados, os membros da orquestra se retiram, indo cada um até a mesa da direção; os homens beijarão os pés da sacerdotisa e as mulheres as mãos. Depois disto, retiram-se para as suas divisões, e cobrem o corpo com os respectivos ungüentos;

24.° — nessa hora em que o silêncio é completo, o salão iluminado pelas velas, a sacerdotisa ainda deitada de costas sobre a mesa da direção, seu corpo iluminado apenas pelas quatro velas acesas, todos podem pedir a Lúcifer o que quiserem; aqueles que já sabem que seus pedidos não são atendidos por Lúcifer, podem pedir a Satanás ou a qualquer outro príncipe do inferno; mas se alguém desrespeitar essa hora em que Lúcifer e seus príncipes estarão presentes, serão sempre perseguidos pelos diabos, por ordem de Lúcifer.

25.° — os membros da orquestra voltam ao salão de sessões com o corpo coberto pelos respectivos ungüentos, porém vestidos com seus mantos e o capuz;

26.° — tomam seus lugares e começam a executar uma música lúgubre; a presidente levanta-se e retira-se do interior do círculo, acompanhada dos membros da direção; seu auxiliar lhe entregará um chicote feito de veludo preto e vermelho;

27.° — à proporção que for passando pelos outros elementos que estiverem deitados, dá uma chicotada nas nádegas de cada um; este levanta-se. Depois que se tiverem levantado todos, volta para a mesa, beijando antes de sentarem-se os pés ou as mãos da sacerdotisa os demais membros da direção, farão mesmo antes de sentar-se, isto é, homens beijarão os pés, e as mulheres as mãos;

28.° — depois que os membros da direção tiverem se sentado, a orquestra cessará a música lúgubre e começará

uma música viva; a presidente apaga as quatro velas que estão sobre a mesa; a sacerdotisa salta e começa a dança, dirigindo-se para o interior do círculo;

29.° — depois que a sacerdotisa tiver entrado no interior os homens trarão as sete cabras e as mulheres os sete bodes, e os soltarão no interior do salão;

30.° — depois disto, o auxiliar acende as luzes, lentamente, e a sacerdotisa que está dentro do círculo, ainda dançando, apaga as velas lentamente;

31.° — quando todas as velas tiverem sido apagadas e todas as luzes acesas, sete homens e sete mulheres se retirarão; os homens voltarão trazendo as iguarias e as mulheres o vinho; as iguarias devem constar de carne; as bebidas devem ser vinhos de qualquer espécie, e não outras bebidas alcoólicas;

32.° — a sacerdotisa que está dentro do circulo escolhe um homem para servi-la; depois, escolherá uma mulher para servir os membros da direção;

33.° — cessa a música, e os elementos da orquestra tomam parte na ceia;

34.° — terminada a ceia que pode durar no mínimo 39 minutos, os elementos da orquestra reiniciam a música que deve ser viva, e acompanhada de uma dança na qual todos tomarão parte; esta dança durará o tempo que a sacerdotisa permitir;

35.° — a um sinal da sacerdotisa cessa a música livre reiniciando-se então uma música lúgubre; a sacerdotisa que esteve deitada e que foi beijada por todos nos pés e nas mãos respectivamente, inicia a dança ao compasso da música; dirige-se para o interior do circulo e, continuando a dançar, ajoelha-se diante do bode e depois deita-se, agora de frente, isto é, com o ventre e o peito no tapete, ficando

as nádegas para cima; os braços cruzados, cabeça apoiada neles e as pernas abertas;

36.° — a presidente levanta-se, seguida pelos membros da direção, dirige-se em passo de dança, ao compasso da música, para o centro do círculo; ajoelha-se entre as pernas da sacerdotisa abaixando a cabeça três vezes, depois, sai, e coloca-se de pé diante da cabeça da sacerdotisa, entre esta e o bode;

37.° — os demais membros da direção seguem seu exemplo, ficando três do lado direito e três do lado esquerdo da sacerdotisa;

38.° — os demais componentes do "sabbat" aproximam-se, imitando o que fizeram os anteriores e retiram-se, colocando-se em fila, os homens uns ao lado dos outros e as mulheres também, porém, de frente para os homens e quando passar o último elemento, os membros da orquestra cessam a música e seguem estes o exemplo dos outros;

39.° — a presidente levanta os braços em posição de orar e os demais membros da direção beijam-lhe os pés e retiram-se ficando em fila ao lado dos demais elementos; a presidente continua no seu lugar;

40.° — a presidente dirá em voz alta:

"*Em nome do grande Lúcifer, está terminada a sessão e satisfeitos nossos desejos*."

A estas palavras, os homens se ajoelham diante das mulheres e lhes beijarão os pés; depois disto, as mulheres ajoelham-se diante deles, beijando também os pés dos homens;

41.° — depois disto, retiram-se em fila: os homens para sua divisão, e as mulheres também; permanecem na sala das sessões somente o bode, a presidente e a sacerdotisa; o auxiliar, depois que todos se tiverem retirado, chamará quatro mulheres que retirarão a sacerdotisa, segurando

uma em cada mão e em cada pé, acompanhadas pela presidente que se recolherão ao salão de mulheres.

O auxiliar já terá retirado as cabras e os bodes quando terminou a ceia; agora retira o bode que está sobre o pedestal.

Depois da retirada da sacerdotisa e da presidente ninguém mais pode voltar ao salão do “sabbat” antes da próxima sessão, sob pena de ser arrebatado imediatamente pelo diabo.

F I M

NOTA IMPORTANTE

Após isso, segue-se o “sabbat”, diabólico na mesma sessão. Deixamos de mencionar esta última parte do “sabbat” por ser muito perigosa e atentatória à moral.

Segundo informações de fonte absolutamente autorizada, alguns núcleos levaram a efeito a última parte do “sabbat”, porém todas as pessoas que tomaram parte nele ficaram desequilibradas mentalmente ou foram acometidas de doenças nervosas incuráveis.

ÍNDICE

Esclarecimento importante 4

Prefácio 5

Prefácio desta 2.ª edição 11

PRIMEIRA PARTE — Introdução

Deus e o Diabo. História da Bruxaria 13
Ligações do Homem com Deus ou o Diabo 17
Habitantes do Céu e do Inferno 19
Deveres da Bruxa 21
Desenvolvimento dos Poderes da Bruxa. Pacto com o Diabo 23
Sinais de enfeitiçamento 25
Profilaxia do Enfeitiçamento. Destruição do Poder da Bruxa 26
Os amuletos e suas virtudes 29
A Pedra de Cevar 29
Cavalo Marinho 30
Estrelas do Mar 30
Figa de Arruda 31

SEGUNDA PARTE — Receitas da Bruxa Évora

1. Invocação diária a Lúcifer 34
2. Para obter o amor das mulheres 34
3. Para dominar uma mulher 35
4. Para obrigar o marido a ser fiel 36
5. Para que o homem não se separe da mulher 36
6. Para que o amante seja fiel 37
7. Para prender uma pessoa a si 37
8. Para ser amada pelos homens 37
9. Para fazer voltar o marido ou amante 38
10. Para realizar o casamento 38
11. Para desmanchar um casamento 39
12. Para curar a frieza íntima das mulheres 39
13. Para uma mulher se livrar de um homem 39

TERCEIRA PARTE - Receitas da Bruxa Esmeralda

Quem foi a bruxa Esmeralda 42
1. Para fazer o mal a alguém 43
2. Para transformar o bem em mal 44
3. Para ganhar no jogo 44
4. Para fazer uma pessoa falar quando estiver dormindo 44
5. Para dominar as almas do Purgatório 45
6. Para desligar amizades 45
7. Para castigar as pessoas que nos querem mal 45
8. Para encantar dinheiro 46
9. Para prender o demônio no corpo de uma pessoa 46
10. Para ser seguida por um cão 46
11. Para fazer uma mulher dizer o que não quer 46
12. Preparação do óleo mágico 47

13. Para prejudicar a saúde de uma pessoa 47

QUARTA PARTE - Receitas da Bruxa Melusina

História da Bruxa Melusina 49

1. Para regressar à terra natal 51

2. Para impedir o ato sexual de determinada pessoa 51

3. Para prejudicar os negócios de uma pessoa 52

4. Para ligar namorados 52

5. Para se fazer amar 52

6. Para que uma mulher seja fiel ao marido ou amante 53

7. Para dominar uma pessoa 53

8. Para obrigar o marido ou amante a ser fiel 54

9. Para que a mulher não tenha filhos 54

10. Para destruir a felicidade de uma pessoa 54

11. Para se tornar invisível .....

54

12. Para ser acompanhado constantemente por uma pessoa 55

13. Para ver o futuro 55

QUINTA PARTE — Receitas da Bruxa Nadja

A Bruxa Nadja, quem foi? 57

1. Para tornar-se invisível 57

2. Para uma mulher prender um homem 58

3. Para dominar uma mulher 58

4. Para causar a infelicidade a outrem 58

5. Para fazer casamento 59

6. Para um homem prender urna mulher 59

7. Para destruir o prazer sexual de uma pessoa 59

9. Para obrigar um homem a casar-se com a amante 60

9. Para ser amado pelas mulheres 60

10. Para saber se a pessoa ausente é fiel 60
11. Para prejudicar a colheita 61
12. Para prejudicar o rebanho 61
13. Para impedir a volta de uma pessoa ao lar 61

SEXTA PARTE — Receitas da Bruxa Ondina

História completa da Bruxa Ondina 63
1. Para que os sonhos se tornem realidade 74
2. Para ganhar a sorte grande 74
3. Para saber o paradeiro de uma pessoa pela qual estamos apaixonados 75
4. Para descobrir se o homem ou a mulher é fiel 75
5. Para saber se a pessoa que amamos é sincera 75
6. Para que uma pessoa nos auxilie financeiramente 76
7. Para afastar um inimigo 76
8. Para reconquistar o amor perdido por causa de um rival 77
9. Para ter um filho de sexo desejado 77

10. Para fazer com que simpatizem conosco 77

11. Para vencer a indiferença daquele a quem amamos 78

12. Para afastar de um ente querido uma pessoa inconveniente 78

13. Para conseguir casamento com uma pessoa rica 78

SÉTIMA PARTE — Receitas da Bruxa Zilda

Sobre a Bruxa Zilda.....84

1. Para ser feliz 92

2. Para não se casar 92

3. Para não ter filhos 92

4. Para ter filhos 92

5. Para não se desquitar 92

6. Para se desquitar 92

7. Para realizar casamento de outrem 92

OITAVA PARTE - Receitas da Bruxa Joice

História sobre a Bruxa Joice 94

1. Para conseguir um emprego 97

2. Para melhorar no emprego 98

3. Para ser promovido 98

4. Para mudar de emprego 98

5. Para não mudar de emprego 98

6. Para se conseguir emprego para outrem 99

7. Para deixar de ser empregado 99

NONA PARTE - Receitas da Bruxa Kartra

História sobre a Bruxa Kartra 100

1. Para constituir um lar 103

2. Para manter um lar 103

3. Para que o lar seja feliz 103
4. Para afastar as infelicidades do lar 103
5. Para que haja harmonia no lar 103
6. Para que o lar seja alegre 104
7. Para que o lar tenha mais pessoas 104
DÉCIMA PARTE - Receitas da Bruxa Milak
História sobre a Bruxa Milak 105
1. Para afastar os maus espíritos 107
2. Para atrair os bons espíritos 107
3. Para ser ajudado pelos espíritos 108
4. Para não ser perseguido pelos espíritos 108
5. Para obter o perdão dos espíritos 109
6. Para afastar o espírito de uma mulher 109
7. Para afastar o espírito de um homem 110
DÉCIMA PRIMEIRA PARTE - Receitas da Bruxa Zueti

História sobre a Bruxa Zueti 111

1. Para não ser traído pelas mulheres 121

2. Para que uma mulher não seja traída pelos homens 121

3. Para que um homem não seja traído pela esposa 121

4. Para que a mulher não seja traída pelo marido 122

5. Para não ser traído pelos amigos 122

6. Para não ser traído pelos sócios 122

7. Para não ser traidor 122

DÉCIMA SEGUNDA PARTE - Receitas da Bruxa Akantus

1. Para ter amigos 125

2. Para não ter inimigos 125

3. Para que as amizades sejam permanentes 125

4. Para que os inimigos sejam amigos 126

5. Para que um homem tenha amigas 126
6. Para que uma mulher tenha amigos 126
7. Para que os espíritos sejam amigos 126

DÉCIMA TERCEIRA PARTE — Receitas da Bruxa Suntak

1. Para não ser vítima do fogo 127
2. Para ser protegido pelo fogo 127
3. Para obter os favores do fogo astral 128
4. Para ter o fogo da vida 128
5. Para ser protegido pelos espíritos do fogo 128
6. Para que os espíritos do fogo tragam felicidade 128
7. Para que a luz do fogo abra caminho na vida 128

DÉCIMA QUARTA PARTE — Receitas da Bruxa Trilaide

1. Para ter vida longa 130
2. Para ter vida feliz 130

3. Para ter vida harmoniosa 130
4. Para progredir na vida 130
5. Para ter uma vida calma 131
6. Para que ninguém prejudique a sua vida 131
7. Para não prejudicar a vida alheia 131
DÉCIMA QUINTA PARTE — O Sabbat dos Feiticeiros
O Sabbat dos Feiticeiros segundo os ensinamentos da Bruxa Saussine, sacerdotisa do Sabbat 134

Notes

[←1]

(?) A editora “Edições e Publicações Brasil, S.A.”, tem a Cruz de Caravaca, importada diretamente da Índia, bem como o livro do mesmo nome que fornece pelo reembolso postal.

[←2]

Ver ''Cavalo Marinho”, na primeira parte.

[←3]

Todas as pessoas que quiserem se livrar do domínio do diabo e da influência das bruxas, dos bruxos, bem como do mau olhado, da inveja e de todas as influências invisíveis que possam prejudicá-las, devem trazer constantemente consigo a legítima Figa de Guiné

[←4]

A FIGA DE ARRUDA transmite ao seu possuidor o Poder de dominar o diabo, vencer as bruxas e bruxos e destruir as más influências de qualquer origem. Entretanto, para ter essa propriedade benéfica deve ser a figa de origem legítima AFRICANA. Consulte-nos, que lhe indicaremos onde podem ser encontrados os legítimos talismãs mencionados neste livro.